

Clássicos da Literatura Brasileira

A Luneta Mágica

Joaquim Manuel de Macedo

Ilustrações:

Eduardo Schloesser



*Clássicos da
Literatura Brasileira*

Clássicos da Literatura Brasileira

A Luneta Mágica

Joaquim Manuel de Macedo

A Luneta Mágica

Joaquim Manuel de Macedo

Ilustrações

Eduardo Schloesser

Editoras

Isabela Nóbrega

Márcia Regina Silva

Leitura, adaptação e revisão

Malthus de Queiroz

Direção de arte

Wilton carvalho

Diagramação

Roseane R. Nascimento

Coordenação Editorial



Direitos reservados à

Editora Prazer de Ler Ltda.

Rua Neto Campelo Júnior, 37

CEP: 50760-330 - Mustardinha - Recife / PE

Fone: (81) 3447.1178 - Fax: (81) 3422.3638

CNPJ: 14.605.341/0001-03

Impresso no Brasil

Q31 Queiroz, Malthus de, 1976-
A luneta mágica / Joaquim Manuel de Macedo ; adaptação
Malthus de Queiroz ; ilustrações: Eduardo Schloesser. – Recife :
Prazer de Ler, 2013.
208p. : il. – (Clássicos da literatura brasileira).

1.FICÇÃO BRASILEIRA – PERNAMBUCO. I. Macedo,
Joaquim, Manuel de , 1820-1882.II. Schloesser, Eduardo, 1962-
III. Título. IV. Série: Clássicos da literatura brasileira.

PeR – BPE 13-048

CDU 869.0(81)-3

CDD B869.3

ISBN: 978-85-8168-219-8

As palavras destacadas de amarelo ao longo do livro sofreram
modificações com o novo Acordo Ortográfico.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

A Luneta Mágica

Primeira parte

I

Meu nome é Simplício e tenho condições naturais ainda mais tristes do que o meu nome.

Nasci sob a influência de uma estrela maligna, nasci marcado com o selo da má sorte. Sou míope; pior do que isso, duplamente míope: míope física e moralmente.

Miopia física: a duas polegadas de distância dos olhos não diferencio um girassol de uma violeta. E por isso ando na cidade e não vejo as casas.

Miopia moral: sou sempre escravo das **ideias** dos outros; porque nunca pude ajustar duas **ideias** minhas. E por isso, quando vou às galerias da câmara ou do senado, concordo imediata e decididamente com a opinião de todos os oradores que falam a favor e contra a matéria em discussão. Se ao menos eu não tivesse consciência dessa minha miopia moral!... Mas a convicção profunda de má sorte tão grande é a única luz que brilha sem nuvens no meu espírito.

Um negociante, amigo meu, me disse que por essa luz da consciência eu represento o oposto de não poucos homens notáveis que não têm dez por cento da inteligência que dizem ter e com que negociam na praça das coisas públicas¹.

— Mas esses homens não quebram², negociando assim? — lhe perguntei.

¹ Comunidade comercial e financeira de uma cidade.

² Ficam sem dinheiro, entram em falência.

— Quê! São as coisas públicas que andam ou se mostram quebradas.

— E eles?

— Continuam sempre negociando com o crédito dos tolos e sempre se apresentam como honestos.

Na pura inocência da minha miopia moral, não pude entender se havia simplicidade ou malícia nas palavras do meu amigo.

II

Aos doze anos de idade, me vi no mundo órfão de pai e de mãe.

Eu estava acostumado a ver pelos olhos de minha mãe, a pensar pela inteligência de meu pai; fiquei, pois, nas trevas dos olhos e da razão.

Meus pais eram ricos e deviam me deixar, me deixaram, é certo, grande fortuna; quanto, não sei: meu irmão mais velho que tomou conta dos meus bens, minha tia Domingas, que tomou conta da minha pessoa, e minha prima Anica, que se criou comigo e que é um talento raro, pois até aprendeu latim, saberão disso melhor do que eu.

Dizem eles que a minha fortuna vai a vapor, não sei se para trás ou para diante, porque os barcos e carros a vapor avançam e recuam à custa do gás impulsor; mas o meu amigo negociante me declarou que, por certas razões que não compreendo, nas quais, também não sei por que entra a pessoa da prima Anica, devo confiar muito no zelo da tia Domingas.

E eu confio nela o mais possível; porque é uma senhora que anda sempre com um rosário e em orações e que, tendo alguma coisa de seu, apesar de tão religiosa, não deu nem dá um tostão de esmola ao pobre que bate à sua porta, sempre afirmando de que tem muita vontade de fazer esmolas caridosas, porém que ainda não achou meio de esconder da mão esquerda a moeda da caridade paga pela mão direita.

Estou tão profundamente convencido da pureza dos sentimentos religiosos da tia Domingas que, desde que ela tomou conta de mim, vivo com medo de que algum dia a piedosa senhora mande amputar a mão esquerda para conseguir dar esmolas com a direita, conforme o preceito evangélico de que, em sua santa severidade, não quer abrir mão.

III

Aos dezoito anos de idade, comecei a compreender todas as proporções da minha desgraça dupla: chorei, lamentei, pedi médicos para os meus olhos e mestres para minha inteligência.

À força de muito pedir e bradar, consegui que me dessem uns e outros.

Os mestres ganharam o seu dinheiro, e eu quase que perdi todo o meu tempo com eles; porque bem pouco lucrei no empenho de combater a minha miopia moral.

O mais hábil dos meus professores me declarou no fim de quatro anos que um jovem tão rico, como eu era, podia bem ficar conhecido como erudito de avantajado merecimento, sabendo ler, escrever e as quatro operações da aritmética.

Convencido sempre de que só me diziam a verdade, e tendo conseguido saber, aos vinte e dois anos de idade, ler mal, escrever pior e fazer com a maior dificuldade as quatro operações da aritmética, mandei embora o hábil professor e fiquei erudito.

Os médicos me falaram em córnea transparente, em cristalino, em raios luminosos muito convergentes, em retina e não sei em que mais e acabaram por me dizer que, aos sessenta ou setenta anos de idade, eu havia de ver muito melhor.

Dos médicos alopatas³, recebi esta consolação de melhor visão aos setenta anos, se estivesse vivo; dos homeopatas⁴ não

³ Que empregam tratamento em que são usados remédios que provocam efeitos contrários aos da doença.

⁴ Médicos que tratam os pacientes através de pequeníssimas doses de substâncias que, em doses elevadas, produzem os sintomas da doença que se quer combater.

A Luneta Mágica

sei se me deram o cristalino em glóbulos, ou os raios convergentes em tintura; mas o fato é que em resultado de dez conferências e de vinte tratamentos diversos não vi uma linha adiante do que via, e apenas posso me gabar de não ter ficado cego com a luz de tanta ciência.

O meu desgosto foi aumentando com os anos.

Meu irmão, que é um santo homem, me dizia:

— Não te entristece, mano; tudo tem compensação: a tua miopia é uma desgraça; mas porque és míope não vês como são bonitos os bordados da farda de um ministro de Estado, e portanto não te desesperas por não poder possuí-los.

Convém saber que meu irmão foi eleito deputado e mandou fazer sua roupa de parlamentar ainda antes de ser reconhecido representante legítimo do povo soberano que anda com roupas comuns.

Deste fato e da sua observação, concluí eu, em minha simplicidade, que o mano Américo vive doido por ser ministro, para fazer o bem da pátria.

E não é só ele; a prima Anica já sonhou três vezes com mudança de gabinete, e com mordomos e seguranças à porta de nossa casa.

Inocente menina! É um anjo: os seus sonhos são piedosos como as vigílias da tia Domingas, sua mãe, e patrióticos como os cálculos do mano deputado; ela diz com ingênua franqueza que tem meia dúzia de parentes pobres para ajudar, quando o mano Américo for ministro.

Meia dúzia só!... Que renúncia e que desinteresse da prima Anica!

Ela está se tornando tão profundamente religiosa como a tia Domingas.

Já fez uma demonstração deste suavíssimo princípio: “A caridade deve começar por casa.”

IV

O mano Américo tem sempre aberta para mim uma fonte eterna de consolações; persegue-me, porém, a infelicidade de não saber apreciar bastante a sabedoria, que fala pelos lábios de meu irmão.

Já disse como ele me consolava da minha miopia física; pois bem: a sua bondade ia além; quando ouvia de mim tristes queixas da minha miopia moral, apertava minhas mãos e falava assim:

— Agradece a Deus esse azar; estás livre de inúmeros desgostos, de responsabilidades sem número e de tormentos sem tréguas; tu não sabes pensar; mas eu penso por ti e por mim; tu mal dirigirias os teus negócios; mas eu dirijo os teus e os meus negócios; tu sofres muito menos do que eu sofro; porque eu sofro por ti e por mim.

Que alma santa a de meu irmão!

E, todavia, quando escuto isso, me lembro de que o mano Américo foi o nomeado por meus pais como administrador do testamento e que até hoje está de posse das minhas heranças, que ele emprega e cuida, certamente só em meu proveito, mas sem me dizer como, nem jamais me dando satisfações; e, portanto, pensando, negociando e sofrendo por mim o meu pobre irmão!

Dor é o que me causa tamanho sacrifício! Ah! Se eu conseguisse tomar para mim metade dos trabalhos e sofrimentos do mano Américo... a minha metade só... para ele não sofrer por mim! Porém, se, por acaso, manifesto de leve esse desejo, se engrandece o amor fraternal, meu irmão se sensibiliza, me abraça e diz:

— Inocente Simplício! Não serei tão egoísta a ponto de te abandonar às ciladas dos homens sem consciência, que devorariam a tua fortuna. A minha dedicação é na verdade pesada; mas é um dever e Deus a abençoa.

Vejo-me, pois, obrigado a ficar devendo ao mano Américo o favor de tomar conta da minha fortuna e de usá-la por mim.

E como é ingrata a humanidade! Já cheguei a suspeitar que

a dedicação do mano é mais moderada do que ele diz.

A primeira vez que me confessar perguntarei ao padre se Deus abençoa tais dedicações fraternais; é este um ponto que deve ser esclarecido para que seja mais doce a submissão dos irmãos míopes.

V

Minha tia também me faz ouvir consolações, e sempre conforme as suas **ideias** religiosas.

Para ela a minha miopia física é um imenso presente de Deus, que assim me deixou menos exposto às tentações do Diabo, que ataca o pecador pelos olhos; e a minha miopia moral é ainda mais precioso dom, porque dos pobres de espírito é o reino do céu⁵.

A lógica piedosa da tia Domingas seria capaz de levá-la a rezar para que eu me tornasse surdo, mudo e paralítico, a fim de ser completa a minha bem-aventurança na terra.

Em **consequência** deste receio, nunca disse amém às consolações místicas de minha tia.

Ainda tenho uma terceira fonte de consolações; essa, porém, ao menos é mais poética.

A prima Anica é perdida de amores pelas fábulas; quando pode se explicar por meio delas, não se explica de outro modo: a fábula é o seu capricho de moça.

Além disso, ninguém como ela se empenha tanto e mais habilmente em me agradar; sabendo que quase não vivo pelos olhos, procura me compensar, açucarando a voz e usando de perfumes suavíssimos.

Às vezes e quando tem oportunidade me faz também ouvir fábulas.

Um dia em que, como de costume, lastimava a minha infelicidade, que então nem me deixava ver as flores do jardim,

⁵ Referência ao texto bíblico: “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus”. (Mateus 5:3)

onde ambos passeávamos, colheu ela duas flores, uma rosa de Alexandria e uma angélica, e deu-as para mim, para que eu as reconhecesse.

Aproximei muito dos olhos as duas flores para apreciar suas cores, e um espinho da rosa feriu a ponta do meu nariz e aí ficou preso.

— Repara no que te ensina a rosa — disse Anica. — Repara e compreende quanto tu podes aproveitar a miopia: as flores que mais queres enxergar e admirar não são as do nosso jardim, são as que enfeitam e enchem de magia os salões das sociedades, que não frequentas; são as jovens formosas com que sonhas em sonhos doidos de amor ainda mais doido; essas, porém, se assemelham à rosa de Alexandria: têm espinhos que despedaçariam teu coração.

Anica se interrompeu por breves instantes para suspirar; eu ouvi o suspiro, e ia lhe perguntar, na minha simplicidade, se estava incomodada, quando ela continuou, dizendo:

— Fica contente, pois, com a angélica, que é suave ao tato e que pode perfumar tua vida de recolhimento com o perfume do amor e da virtude.

Fiquei mudo: tinha compreendido a fábula, apesar da minha miopia moral.

Anica fez talvez um esforço para vencer o pudor e me perguntou:

— Sabes quem é a angélica?

Instintivamente me fingi mais pobre de espírito do que sou e respondi perguntando:

— A angélica? Pois não é aquela flor que me deste?

Deixamos o jardim: eu saía dele com um espinho de roseira na ponta do nariz, e Anica provavelmente com o espinho da minha indiferença no peito.

Senti que cheguei a ser cruel; mas eu nem sabia se Anica era bonita ou feia; porque nunca pude ver bem seu rosto: se fosse bonita, não seria o seu amor a mais doce consolação para mim?

Tive uma ideia inspirada metade pela gratidão, metade pela curiosidade maliciosa: a ideia de ver se Anica era bonita ou feia, se seria possível eu amá-la. Chegando à sala, me sentei e pedi à prima que tirasse o espinho da ponta do meu nariz.

A inocente moça deu início à fácil operação: armou-se da tesoura mais delicada que achou, com os macios dedos da mão

A Luneta Mágica

esquerda segurou meu nariz, com a mão direita dirigiu a ponta da tesoura e, cuidadosamente ocupada em extrair o espinho, chegou seu rosto tão perto dos meus olhos que mais não era possível.

Durante três ou quatro minutos vi, distingui, apreciei suficientemente o rosto de Anica... Não era o rosto com que eu sonhava, não era o das descrições das heroínas dos romances que tinham lido para mim... Não era.

O rosto da prima Anica é muito respeitável; mas, honestamente, está muito longe de ser angélico.

A prova de que é muito respeitável está em que não tive necessidade de expulsar de minha alma o menor desejo desrespeitoso, estando esse rosto por alguns minutos ainda mais perto dos meus lábios do que dos meus olhos.

A prova definitiva de que Anica não é angélica está em que a operação me pareceu tão dolorosa como demorada.

Anica teve a bondade de me fazer ouvir a lição moral do seu ditado da rosa de Alexandria e da angélica. O ditado não funcionou; mas a culpa disso não está em mim.

Ofereço agora, não a Anica, porque me pesaria maltratá-la, porém às senhoras a quem o caso possa interessar, a moralidade da história da extração do espinho da ponta do meu nariz.

É uma pequenina história que também pode ficar conhecida, como fábula.

A moralidade é esta: moça que não for bonita não tente extrair espinho da ponta do nariz de homem míope.

VI

No princípio do ano corrente de 186..., o excelente sistema de governo que nos rege me deu o sinal da minha regeneração civil e política.

Sem que o mano Américo, a tia Domingas e a prima Anica disso previamente soubessem, fui incluído na lista dos jurados da minha localidade; quando nos chegou a notícia do fato consumado, houve em nossa casa uma espécie de tristeza.

Até que ponto chega o amor dos parentes, a influência do sangue da família! Meu irmão, minha tia e minha prima se assustaram diante do perigo que eu corria por me haverem reconhecido dotado de senso comum!

Era certamente porque o mano Américo via que não lhe era possível ser também jurado por si e por mim. Eu ia começar a ficar exposto às ciladas do mundo e dos homens sem consciência.

O juiz de direito que presidia a revisão da lista dos jurados resolveu um problema até então muito complicado, declarando que eu podia ser jurado e que, por **consequência**, eu tinha senso comum, condição exigida pela lei.

Eu fui alheio a tudo isso: estava mesmo convencido pelo mano Américo e pela tia Domingas que até o senso comum me faltava; confesso, porém, que mudei de opinião com íntima e mal disfarçada alegria.

Um juiz de direito não pode julgar de modo torto: ao menos tem a seu favor a autoridade do Direito, que em falta de todos os outros fundamentos é fundamento que supre todos os outros; para mim, que não sei aprofundar as coisas, um juiz de Direito é sempre tão infalível na ciência do Direito como um padre na ciência do latim.

Por **consequência** fiquei convencido de que tinha senso comum.

Ninguém faz **ideia** do profundo contentamento que me deu esta convicção.

E não era para menos.

O nosso código civil é necessariamente muito sábio e muito precavido: exige que, para ser jurado, o cidadão brasileiro tenha apenas senso comum; se exigisse bom senso, haveria desordem geral, porque, segundo tenho ouvido dizer, muitos dos que têm feito e dos que fazem leis, muitos dos que as deviam mandar e mandam executar e muitos dos que têm por dever aplicar as leis não poderiam ser jurados por falta do bom senso!

Dizem-me isso e me garantem que o bom senso é senso raro.

Eu não entendo estas coisas; mas, atendendo ao que me dizem, chego a crer que foi por essa razão que a lei não impôs a condição do bom senso nem para que o cidadão fosse jurado, nem para que fosse magistrado, deputado, senador, ministro e conselheiro de Estado. Garantem-me ainda que, se assim não fosse, que, se fosse exigida a condição do bom senso para o

exercício daquelas altas delegações e cargos do Estado, haveria quatro quintas partes do mundo oficial inteiramente fora da lei.

Já confessei que não entendo destes graves assuntos; como, porém, acredito piamente em tudo quanto me dizem, me sinto cheio de orgulho pela convicção legalmente autorizada de que tenho senso comum, e tomado de irresistível vaidade com a certeza de que sou igual a muitos magistrados, deputados, senadores, ministros e conselheiros de Estado, pela falta de bom senso ou senso raro.

VII

Na primeira convocação do júri, o meu nome foi o primeiro que saiu da urna. Este acontecimento deu que pensar e que falar em casa.

A tia Domingas levou um dia inteiro repetindo: “O primeiro na primeira...”; passou assim o dia sem rezar, nem sei se rezou de noite; mas na manhã seguinte me propôs comprar junto comigo um bilhete de loteria.

Eu não cabia em mim de contente; o mano Américo hesitava; porém enfim era conveniente que eu entrasse no exercício do meu direito de cidadão jurado.

Creio que meu irmão procedeu assim pelo respeito que consagra às leis, como me assegurou, embora a prima Anica me dissesse em particular que o segredo de seu consentimento esteve no receio de pagar multas... por mim.

As senhoras são normalmente muito maliciosas e acham graça nisso: Anica tem esse defeito; mas, diga ela o que quiser, eu penso que o mano Américo é simples e puro, como Adão antes de comer do fruto proibido.

Compareci oportunamente ao tribunal do qual a sorte me fez membro. A sorte estava declarada por mim: logo no primeiro processo o meu nome foi ainda o primeiro que saiu da urna, e não pareci suspeito nem ao advogado do réu, nem ao da justiça pública.

Prestei a maior atenção à leitura do processo, às testemunhas e aos debates, e quando entrei para a sala secreta me achava plenamente convencido pelo promotor de que o réu merecia a forca; pelo advogado do réu de que este era digno de uma coroa honrosa, e pelo juiz de direito que resumiu a acusação e a defesa, de que o réu fazia jus à forca e à coroa.

Na consulta secreta me sentei junto de um bom velho que, me vendo completamente às escuras em uma questão de atenuantes e agravantes, quis iluminar o meu espírito, fazendo-me ler uns artigos do seu *Manual dos Jurados*.

Não tive remédio, senão lhe confessar as enormes proporções da minha miopia física. Ler era para mim um martírio: pedi-lhe que me lesse os artigos do seu *Manual*.

— Pobre moço — me disse ele. — Já procurou o Reis?

— O Reis? Quem é o Reis?

— Quem é o Reis? Pois um míope ignora quem seja o Reis? O Reis é o homem-luz, o homem-fonte-de-visão para os míopes. Se ele não o fizer ver, é porque o senhor é cego.

— Mas eu sou quase cego.

— O Reis anula o *quase* e dá-lhe o dom da vista perfeita; o Reis é o fabricante de óculos milagrosos. O senhor tem sido abandonado por sua família.

— Pelo que me diz, começo a ter desconfianças disso.

— Escute: eu vou lhe contar maravilhas em relação ao Reis.

— Mas o processo?

— Que nos importa semelhante chatice? Vamos deixar que eles falem e discutam; nós já sabemos como devemos votar.

— O senhor, como vota?

— Votarei de modo que o réu seja necessariamente absolvido.

— Então tem certeza de que ele é inocente?

— Deve ser, sem a menor dúvida.

— Por quê?

— Porque não menos de dois compadres e de três amigos meus se empenharam para que eu o absolvesse.

— E tem razão: não posso acreditar que dois compadres e três amigos de um juiz fizessem a este a injúria de lhe pedir uma sentença injusta, o julgando capaz de um prejuízo e de um sacrifício de consciência.

— Verdade?



EDUARDO
SCHLESSE

— O que me parecia era que semelhantes pedidos e empenhos deviam ser exclusivamente reservados para servirem de luz aos jurados pobres de espírito como eu; porque os inteligentes, como o senhor, não precisam de quem dirija a consciência.

O velho se pôs a rir, não sei de quê; provavelmente eu tinha dito alguma idiotice e começava a me sentir tomado de vergonha e de confusão, quando o presidente nos chamou para votar em resposta aos quesitos do juiz de direito.

O bom velho, meu novo amigo, exerceu naquele conselho de jurados os direitos do mano Américo; porque votou por si e por mim.

O réu foi absolvido pela maioria de dois votos, e, por **consequência**, o empenho de dois compadres e de três amigos e a minha miopia moral decidiram a sentença.

Saí do júri com a convicção de que ou não tenho senso comum, ou é preciso mais alguma coisa além do senso comum para que o cidadão seja bom jurado.

VIII

Quando cheguei à porta da rua, senti que alguém tomava meu braço: era o bom velho.

— Quero levá-lo já à casa do Reis — me disse ele.

Apertei sua mão com o mais vivo reconhecimento e me deixei conduzir, hesitando entre a esperança e a dúvida.

Enquanto caminhávamos, o meu condutor falava, e eu o ouvia curioso:

— O estabelecimento do Reis é um representante do espírito do século: começou plebeu e já está nobre pela dedicação ao trabalho e pelo encanto do progresso; não sei se o Reis tem sido recompensado; pouco importa o homem, mas a casa; a indústria já tem quatro nobres premiações.

— E o que faz o Reis?

— Dá, reproduz os meios conhecidos, os aperfeiçoa e inventa novos para se fazer a paz e a guerra. A guerra, dando

precisão, segurança às pontarias das peças de artilharia; a paz, oferecendo balanças e níveis de todas as qualidades, alguns dos quais devem poder marcar o peso e o nível dos interesses de quaisquer indivíduos, e além desses os mais perfeitos instrumentos para demarcação dos limites dos Estados; governa nos mares com as melhores bússolas; é senhor do Sol e da Lua, e de todos os planetas pelos mais fortes telescópios; conhece e domina os animais invisíveis pela força engrandecedora dos microscópios, vê o fundo tenebroso das minas, tem o domínio da física, o império da química e a soberania da eletricidade pela magia dos seus instrumentos; marca o tempo, prediz o calor e a chuva, e chama-se Reis porque não é um rei, mas tem o poder de muitos reis.

Eu escutava boquiaberto diante da explicação de tão extraordinária divindade humana e, quando o bom velho se interrompeu para respirar, lhe perguntei:

— E um homem, como este, certamente já tem sido muito aproveitado pelo nosso governo?!

— Não, o nosso governo lhe encomendou um dia o mais perfeito pince-nez⁶ político: o Reis fez obra de mestre, um **pince-nez**⁶ que por um dos vidros deixava ler as lições do passado e, pelo outro, os perigos do futuro; mas o *pince-nez* não achou nariz de ministro em que se ajeitasse e foi desprezado.

— Mas então o Reis que é? É mágico?

— Não sei; suponha que seja o diabo; o certo é que ele tem, e isso é o que mais importa, o segredo de dar vista de águia aos míopes mais infelizes, aos míopes quase cegos.

— Por que meio, meu amigo?

— Por meio de vidros e de cristais, cuja concavidade possui magia sobrenatural; por meio de lunetas de força excepcional.

— E o governo esquece homem semelhante? Há ministro que não se apresse a comprar uma luneta dessas?

O velho riu: lhe perguntei qual era o motivo da sua alegria, e ele me respondeu assim:

— O senhor é, mesmo sem pensar, sem querer, cruelmente sarcástico: lhe falei em luneta para os míopes e o senhor procurou logo saber se os nossos ministros de Estado não usavam dessas lunetas!

⁶ *Pince-nez* é a forma francesa de “pincenê,” tipo de óculos antigo que não possuía hastes e se segurava encaixando-se no nariz.

A simplicidade de um pobre de espírito está sempre exposta às falsas interpretações dos maliciosos.

Eu não era capaz de pôr em dúvida a vidência, a ciência e a sabedoria de um homem que chega a ser ministro de Estado.

O fato é a autoridade do Direito, e para mim a infalível resolução do problema. Não pode haver cidadão que seja chamado a tomar, e que tome sobre seus ombros, a imensa responsabilidade do governo do Estado sem que seja reconhecido e se reconheça na altura de tão grandiosa missão.

Em minha inocência não posso pensar de outro modo.

Para mim, quem é ministro de Estado é sábio, ou pelo menos estadista.

É por isso que até hoje, quando me diziam que, no carro que passava, ia um ministro de Estado, eu tirava o meu chapéu e me conservava descoberto em sinal de respeito até que me asseguravam que o assessor do ministro já estava longe.

Porque no próprio assessor eu ainda admiro e venero os reflexos da sabedoria do ministro.

IX

— Chegamos — disse o velho.

Um tremor nervoso agitou meu corpo todo; mas ajudado pelo meu amigo subi dois degraus de pedra e me achei no armazém do Reis.

Não pude distinguir nem a casa, nem o dono dela; não precisei, porém, de olhos para sentir imediatamente a amabilidade do Reis.

O bom velho expôs as proporções da minha miopia física e pediu remédio para ela; ouvi logo abrir gavetas, e rapidamente começou o experimento das mais fortes lunetas de vidro côncavo.

Reis desprezou os vidros dos números mais altos das vinte e duas forças: iniciou me fazendo experimentar um do grau quatro e perdeu completamente o seu tempo: deixou de lado



SCHLOSSER

os vidros côncavos do grau três e me deu uma luneta da força número dois, e ainda assim não pude ler o título de um livro que me apresentou, senão depois que pus o livro a duas polegadas de distância dos olhos.

— É muito míope — disse ele.

E desceu enfim, ou antes subiu, ao vidro do grau número um, o último, o *plus ultra* dos vidros côncavos, e recuou espantado, me ouvindo dizer que não via mais nem menos.

— É incrível! — exclamou.

— E portanto? — perguntei tão abatido que nem pude acabar a frase.

— Não tenho recurso que lhe favoreça — respondeu-me com tristeza profunda.

Deixei cair a cabeça sobre o peito: a extrema esperança que eu tive poucas horas antes acabava de se apagar completamente; tive vontade de chorar e murmurei em tom queixoso:

— E eu vinha tão cheio de confiança! Esperava tanto!

— Que quer? O poder humano, que é o poder da ciência, ainda não foi além dos instrumentos que inutilmente experimentou.

— Ah! É que o meu amigo chegou a me fazer acreditar que o senhor era mais do que um simples homem, era uma espécie de ser sobrenatural, um mago, um realizador de impossíveis, principalmente em matéria de instrumentos óticos.

— O seu amigo, que é também meu, exagerou muito as minhas pobres condições; eu não creio na magia; mas se quiser consultar um que se diz mágico, é coisa fácil.

— Como?

— Mandei contratar na Europa um artista de merecimento superior para os trabalhos das minhas oficinas, e chegou no último navio um armênio⁷ de habilidade extraordinária; mas que me desagrada por ser metido a sabido em magia.

— Ainda há uma esperança! — exclamei. — Eu me abraço com a mais fraca, com a mais duvidosa e até mesmo com a mais louca. Onde está o armênio?

— Em um pequeno gabinete no fundo da casa, e lá dorme de dia e trabalha de noite e sempre só: é um alienado.

⁷ Indivíduo natural do República de Armênio. Este personagem é indicado, no romance, pela sua nacionalidade.

- Eu poderia falar com ele?
- Vou mandar chamá-lo.
- Ele me entenderá?
- Fala perfeitamente todas as línguas em que lhe falam.

X

Entramos para a casa das oficinas, porque o armênio não gostava de aparecer no armazém.

Vou dizer com inteira verdade o que ouvi e o que o bom velho meu amigo viu e me disse com detalhes, tanto nesta ocasião como à hora da meia-noite no gabinete misterioso.

Passados apenas alguns minutos o armênio apareceu.

Era um homem alto, magro e com os ossos muito salientes: trazia os cabelos crescidos, o rosto contraído, a face pálida enegrecida pela fumaça; suas mãos enormes estavam empoeiradas, e seus dedos, coroados por grandes unhas, pareciam garras; vestia calças e blusa de pano vermelho.

— Que querem de mim? — perguntou ele em português.

Não me animei a falar; o bom velho, meu amigo, também não ousou fazê-lo: foi o Reis quem falou por mim, expondo a minha infelicidade e a desesperada esperança que eu tinha.

O armênio se aproximou de mim, me analisou durante alguns instantes, examinou meus olhos, apalpou os ossos do meu crânio e, mostrando-se compadecido, disse:

— Não te quero mal, e o dia é mau; hoje é sábado, e os gênios sinistros predominam: escolhe outro dia, e eu te darei a vista.

O Reis fez um movimento que mostrava incredulidade.

O armênio o encarou fixamente e depois lhe perguntou:

— Duvida?

— Não duvido, tenho a certeza de que a sua magia não é falsidade somente porque é lamentável loucura.

O armênio desatou a rir; devia ser um rir medonho, porque

foi longa e estridente gargalhada, e porque, segundo me disse o velho, ele não tinha um único dente.

— De que ri assim? — perguntou o Reis.

— Do triunfo e do mal: duvidam do meu poder, e vou prová-lo: eis o triunfo; infiltrarei a desconfiança na alma de um inocente jovem; eis o mal.

Tive um impulso de coragem, avancei um passo e lhe perguntei:

— Tu vais me dar a vista?

— Sim, e mais penetrante do que a desejas.

— Como?

— A experiência te responderá.

— E tu, por que não?

— Que te importa? Já o disse: terás vista mais penetrante do que desejas e pensas; queres?

— Por que modo a terei?

— Eu te darei uma luneta mágica.

— Quando?

— Hoje mesmo e amanhã, na hora em que acabará o dia de hoje para começar o dia de amanhã, à meia-noite.

— E o teu prêmio?

— Será a tua próxima convicção de que é melhor ser cego do que ver demais.

— Aceito.

— É o mal.

— Aceito.

— É o gelo no coração!

— Aceito.

— É o ceticismo na vida!

— Aceito.

— Por que, criança?

— Porque eu quero ver.

— Verás demais!

— Aceito.

— Volta à meia-noite.

XI

Quando, de volta da casa do Reis, me achei a sós na solidão do meu quarto, comecei a sentir espinhos na consciência, temores de cometer grande pecado por ir procurar na magia remédio contra a minha miopia física.

Mas na luta do desejo ardente de ver bem e distintamente e dos meus escrúpulos religiosos que acabavam de despertar, eu me reconheci tão fraco e tão pecador como Eva, porque pela ambição da vista me deixava escravo das promessas do armênio, como Eva se deixou escrava dos conselhos infernais da serpente pela ambição da ciência do bem e do mal.

Hesitei: meditei e, desconfiado da minha miopia moral, resolvi consultar a opinião das três consciências mais sãs que eu conhecia no mundo.

A consciência do mano Américo, o homem que vivia por si e por mim, o exemplo do desinteresse e da dedicação.

A consciência da prima Anica, a jovem símbolo do amor mais dedicado, e sem sombras do egoísmo.

A consciência da tia Domingas, a velha religiosa e santa, que vivia rezando e que era toda misticismo.

Dirigi-me ao mano Américo e lhe perguntei:

— Se encontrasses um mágico que te oferecesse um talismã com a virtude de te assegurar a vitória em todas as eleições de deputados e de te fazer subir ao ministério, que farias?

Meu irmão respondeu-me logo:

— Para servir a minha pátria e me dedicar todo a ela, eu aceitaria o talismã e o traria sempre comigo.

A sós com Anica, me apressei a consultá-la:

— Se houvesse um feiticeiro, que por artes diabólicas possuísse e te quisesse dar o segredo da beleza e da vida em constante esplendor até cem anos de idade, que farias?

— Abraçava o feiticeiro, lhe tomava o segredo e pedia-lhe que te desse, mesmo por artes diabólicas, melhores olhos para que visses a minha beleza encantada.

Fui ter com a tia Domingas e lhe fiz a seguinte pergunta:

— Se lhe aparecesse um homem suspeito de ter se vendido

ao demônio e lhe apresentasse o bilhete de loteria em que uma hora antes houvesse saído a sorte grande, que faria?

— Somente pelo gosto de enganar o demônio, comprava o bilhete e, recebendo o prêmio, gastava metade em obras de misericórdia.

Estas respostas sossegaram o meu espírito: meu irmão, que é a virtude cívica; a prima Anica que é a pureza original; e a tia Domingas, que é a piedade zelosa, não acham que seja pecado alguém se aproveitar, com intenções inocentes, dos favores da magia, da feitiçaria e até do inimigo do homem.

A educação, os exemplos, as lições da família formam o caráter do menino e preparam o seu futuro.

Eu já estou na lista dos jurados e já fiz parte de um conselho julgador; mas ainda sou menino pela minha miopia moral: consultei toda a família sobre o meu caso de consciência e todos os meus parentes votaram pelo acordo com a magia em proveito do interesse pessoal. Acalmaram, pois, os meus escrúpulos, e fiquei resolvido definitivamente a ir ao gabinete do armênio à meia-noite em ponto.

O bom velho, meu amigo, ficou de me esperar perto da nossa casa para me levar à do Reis.

Não me despi, nem me deitei e quando ouvi o sinal de onze horas e meia dado pelo sino de S. Francisco de Paula, saí do meu quarto, fui de mansinho até a porta da rua, que um escravo fiel me abriu, e logo depois tomei o braço do bom velho, que me esperava, e seguimos para o nosso destino.

XII

Encontramos o Reis à porta do seu armazém. Entramos. Faltavam dez minutos para a meia-noite.

— Vamos encontrar o armênio — disse o Reis.

E passou adiante para nos conduzir.

Nunca maldisse tanto da minha miopia física; porque me achava possuído da mais viva curiosidade, desejava e não podia ver o que ia se passar, e apenas posso hoje relatar o que o bom

A Luneta Mágica

velho meu amigo, e o Reis, também desde esse dia muito meu amigo, me contaram muitas vezes com todos os pormenores.

Avançamos por um longo corredor; o velho me levava pela mão, e a mão do velho estava gelada e trêmula.

O Reis repetiu duas vezes:

— Isto não passa de uma comédia, que nos fará rir amanhã: a verdadeira magia está nas maravilhosas realidades das ciências físicas.

Mas a voz do Reis estava um pouco alterada, como se o seu coração palpitasse forte e apressadamente por nervosa agitação.

Chegamos ao fim do corredor, e o Reis levantava a mão para bater a uma porta que ficava do nosso lado esquerdo quando esta imediatamente se abriu.

Os meus dois companheiros recuaram um passo; eu não recuei porque não vi coisa alguma.

— Como é bom não ver! — disse uma voz cavernosa.

XIII

O gabinete do armênio estava todo pintado de negro, tendo em branco os símbolos especiais de todos os dias da Lua marcados pelas vinte duas chaves do tarô⁸ e pelos sinais dos sete planetas⁹; no meio do teto também negro via-se a figura do pentagrama¹⁰ em vermelho muito vivo.

No fundo do gabinete uma mesa servia de altar da magia; junto a ela uma pele de leão servia de tapete no chão, imenso pano vermelho cobria a mesa, e nesse pano eram mais de cem as figuras cabalísticas¹¹ pintadas em negro.

Sobre o altar maldito, descansavam os instrumentos da

⁸ As vinte e duas cartas principais de um baralho de tarô.

⁹ Para os gregos e romanos, havia sete planetas circulando ao redor da Terra: a Lua, Mercúrio, Vênus, o Sol, Marte, Júpiter e Saturno. Hoje sabe-se que esse sistema estava errado, e temos outro conceito de planeta.

¹⁰ Figura considerada mágica, parecida com uma estrela de cinco pontas.

¹¹ Referente à Cabala, que na tradição judaica constitui os estudos e a parte mística da Lei sagrada.

magia, e entre outros a vara mágica, a espada, a taça e a lâmpada; a um lado, no chão, estava a trípode¹². Globos, triângulos, a figura do diabo, a estrela de seis raios¹³, o abracadabra¹⁴, as combinações do triângulo e uma infinidade de símbolos enchem a mesa e o gabinete.

O armênio mágico vestia a roupa própria do sábado, simples túnica cinzenta com símbolos bordados em seda laranja, tendo ao pescoço uma medalha de chumbo com o sinal cabalístico de Saturno e as palavras ou nomes — *Amalec, Aphiael, Zarabiel* — e trazia na cabeça um chapéu triangular de cor branca com o pentagrama em cor negra.

— Entrem — disse o armênio. — Tudo está pronto.

Entramos no gabinete, que estava cheio de luz; o armênio se sentou na trípode e nós ficamos de pé; ele se concentrava; nós tremíamos.

De súbito o armênio se levantou, como cedendo a impulso irresistível, e quando ele se levantou os sinos deram o sinal de meia-noite.

— É a hora — disse ele. — E, tomando a espada, a ergueu no ar, e as luzes se apagaram.

Ficamos em completa escuridão; mas sentimos e compreendemos que o armênio se movia e trabalhava como se estivesse vendo tudo à luz do Sol ao meio-dia.

No fim de alguns minutos, a lâmpada mágica lançou e manteve uma fina chama que começou pálida e fraca, pouco a pouco foi se tornando intensa e vermelha, e da qual o armênio retirou a ponta da espada, que pareceu tê-la acendido.

Logo depois ele tomou a lâmpada entre suas mãos e deu alguns passos para os quatro lados do gabinete, parando breves instantes em cada um dos lados e estendendo os braços de cada vez na direção de um dos quatro pontos cardeais; feito isso, tornou a pôr a lâmpada no seu lugar e sobre ela colocou uma peça de ferro composta de três hastes, que se firmaram na mesa

¹² Banco com três pés. Na mitologia grega, objeto em que a sacerdotisa de Apolo se apoiava para proferir as respostas das divindades.

¹³ Também chamada de Estrela de Davi, é um símbolo de origem israelita utilizado pelo judaísmo e outras doutrinas, formado pela sobreposição de dois triângulos isósceles inversos.

¹⁴ Amuleto gravado com palavra cabalística a que se atribuíam a virtude de curar doenças.



SCHLOSSER

e que na sua parte superior se aproximavam e eram ligadas por um anel de três correntes de ouro retorcidas, em cima do qual ele depositou um simples vidro côncavo do grau mais fraco.

Em seguida, o ouvimos exorcizar em latim os espíritos elementares, falar e evocar as ondinas, as salamandras, os silfos e os gnomos¹⁵; empregou assim pelo menos meia hora a se entender com invisíveis e duvidosos ou fantasiosos seres.

Apenas acabou de falar, lançou sobre o fogo pequenas porções de diagrídido, escamônea, pedra-ume, enxofre e assa-fétida¹⁶.

Resistimos às ondas do ativo perfume que inundou o gabinete.

A chama da lâmpada se tornou viva, brilhantíssima, derramando tanta luz como se mil raios iluminassem a pequena sala.

A operação mágica se adiantava, o armênio começou a se exaltar e gritou com força:

— Cashiel! Schaltiel! Aphiel! Zarabiel!

E a chama da lâmpada redobrou a intensidade, como se obedecesse à voz do mágico.

O gabinete parecia já arder em ondas de luz tão deslumbrante e vivíssima que se podia dizer que era o brilho dos relâmpagos demorado, continuado, sem intervalos.

De repente uma faísca se desprende da chama da lâmpada e foi, como pequena seta de fogo vivo, cravar-se e estremecer no fundo da concavidade do vidro que estava sobre o anel de ouro; uma suave bolha de vidro fervente se agitou em torno da faísca, que sem se apagar tomou a forma microscópica de uma salamandra, o gênio elementar do fogo que se banhava no fogo, brincava no fogo, aspirava e respirava fogo.

Mas o armênio tocou com a ponta da espada na faísca que fazia ferver a bolha de vidro no fundo da concavidade e disse em tom dominador:

— Fica aí!

A salamandra microscópica dobrou-se, como fugindo à ponta da espada, e o fogo da lâmpada, de vermelho que era, se tornou pálido.

— Fica aí! — repetiu ele com voz mais forte ainda.

¹⁵ Entidades místicas que, na Cabala, são associados aos quatro elementos (água, fogo, ar e terra, respectivamente).

¹⁶ Substâncias dotadas de propriedades químicas e medicinais, às quais se atribuem poderes mágicos.

A Luneta Mágica

E a salamandra foi mergulhando na bolha de vidro fervente, e a chama da lâmpada começou a vacilar.

— Fica aí! — bradou o armênio pela terceira vez.

E a salamandra desapareceu de todo na bolha do vidro que se abateu e sumiu sem deixar vestígios, nem marca, nem ruga na concavidade polida. E a espada, que firme conservou a sua ponta, onde brilhou a fâisca mágica, obedecendo à mão do armênio, se retirou.

Imediatamente a chama da lâmpada se extinguiu como ao sopro de um gênio invisível; reinou outra vez no gabinete profunda escuridão, e, logo ao começarem as trevas, pareceu que um suspiro quase imperceptível movia o ar, mas tão de leve, tão sutilmente, como o **voo** de uma borboleta.

Era talvez a queixa extrema da salamandra presa; porque ainda se ouviu a voz do armênio, que disse com ares de senhor:

— Fica aí, escrava!

Pouco depois, iluminou-se de novo o gabinete do armênio, que lançando algumas gotas de um líquido perfumado sobre o vidro que expôs à operação cabalística, retirou este completamente frio do anel de ouro, onde o havia colocado.

Sem dizer uma só palavra, sem parecer se preocupar com a nossa presença, o armênio armou o vidro em uma argola de ouro e, no ponto em que a argola se liga ao anel destinado ao cordão pendurador, imprimiu sinistro selo, uma letra cabalística, com um sinete¹⁷ de forma triangular, e enlaçou no anel da luneta um cordão finíssimo, em que se entrançavam cabelos de todas as cores e de diversos animais.

Estava terminada a mágica operação. O armênio me entregou a luneta e me disse então:

— Triunfo, e faça mal; mas posso prevenir o mal: criança, tu és inocente e bom, eu tenho pena de ti; escuta.

Recebi, tremendo, a luneta, que ainda apenas sentia pelo tato e não tinha visto pelos olhos, e escutei o armênio, que continuou a me falar:

— Eu te dou uma luneta mágica; verás por ela, quanto desejares ver, verás muito: mas poderás ver demais. Criança, te dou um presente que pode ser desgraçado a ti: me ouve bem! Não fixes esta luneta em objeto algum, e, sobretudo em homem algum, em mulher alguma por mais de três minutos; três é o

¹⁷ Espécie de carimbo.

número simbólico¹⁸, e para ti será o número simples, o da visão da superfície e das aparências; não a fixes por mais de três minutos sobre o mesmo objeto, ou aborrecerás o mundo e a vida.

Eu estava todo trêmulo e não sabia o que dizer.

O armênio disse ainda:

— Esta luneta é a maravilha da magia: por ela verás demais no presente, e poderias ler no futuro; mas o teu coração é bom, e a tua alma é pura, criança; além do número de três minutos está a visão do mal, que o meu poder de mágico não pode impedir; porque a visão do mal é a vingança da salamandra escrava; mas a fixidade dessa luneta além do número de treze minutos¹⁹ é a vidência do futuro, e essa eu te impeço, Cashiel! Schaltiel! Aphiel! Zarabiel! Eu te impeço, criança louca: essa luneta fixada além de treze minutos se quebrará em tuas mãos!

E, tendo assim falado, nos empurrou rudemente para fora do gabinete e trancou a porta.

Voltamos espantados e mudos pelo extenso corredor; o que se tinha passado era tão maravilhoso que nos estava impondo a **eloquência** sublime do silêncio.

Chegados ao armazém os meus dois amigos, o bom velho e o Reis, me convidaram para experimentar logo, ali mesmo, e à luz do gás, a minha luneta mágica.

— Não — eu lhes disse. — Esta luneta é a minha extraordinária esperança de luz: a luz da noite, se a Lua a dá, é emprestada; se a arte dos homens a dá, é artificial; quero, devo esperar o dia, a luz da natureza, quero esperar a aurora e o Sol.

Um homem que espera pela luz, espera pela vida. Eu ainda duvidava do poder mágico do armênio; não quis apagar minha dúvida esperança na mesma hora, na mesma noite em que ela nasceu.

Eu me despedi do Reis e saí com o bom velho, que ainda me acompanhou.

Quando entrei em minha casa, davam os sinos o sinal de três horas da madrugada.

Pouco falta para romper a aurora e brilhar o Sol.

Em breve experimentarei se vejo, como e quanto vejo.

Agora vou dormir, se puder dormir.

¹⁸ Na numerologia, é o número do equilíbrio.

¹⁹ Na numerologia, 13 é o número da transformação, que envolve destruição e renascimento.

Visão do mal

I

Não me foi possível dormir. Fiquei acordado, ansioso, esperando pelo dia, como o preso que espera chegar a hora em que lhe darão a liberdade.

Procurei abreviar o tempo, ocupando o meu espírito. Naturalmente me lembrei dos conselhos que o armênio me deu.

Refleti.

O mágico me recomendou que evitasse fixar a minha luneta sobre o mesmo objeto por mais de três minutos; porque além de três minutos ela me daria a visão do mal, em que a salamandra satisfaria a vingança da sua escravidão encantada.

Deverei eu obedecer neste ponto o conselho do armênio? Compreendo que, pobre de espírito como sou, me arrisco a errar gravemente, querendo decidir por meu próprio entendimento, e por isso até hoje o mano Américo, que é sábio e justo, sempre tem pensado por mim.

Todavia está me parecendo que ver o mal que se contém em um homem, em uma mulher ou em qualquer objeto pode antes ser útil do que nocivo, porque em todo o caso me servirá para fugir do mal.

Eu não entendo bem o que o armênio chama “visão do mal”; se, porém, é simplesmente o que significam as duas palavras, chego a presumir que a visão do bem deve ser mais suave; mas

a visão do mal, necessariamente, é mais proveitosa ao homem, que faz na Terra a viagem difícil e perigosa da vida.

Ora, o que o armênio me proibiu foi a fixidade da minha luneta por mais de treze minutos, foi a visão do futuro, sob pena de quebrar-se a luneta em minhas mãos, e a semelhante calamidade nunca, por certo, irei me expor; ele, porém, não me proibiu, apenas me aconselhou que me abstinêsse da visão do mal.

Assim, pois, o que mais acertado e prudente devo fazer, se a luneta mágica não for malvada zombaria ou presente da loucura, é experimentar uma vez a visão do mal; porque em todo caso conservo o direito e a liberdade de me limitar daí em diante à simples visão da superfície e das aparências, como diz o mágico.

Foi isto o que refleti e o que pela primeira vez resolvi por mim sem consultar o mano Américo.

E de novo nesta noite maravilhosa veio a lembrança de Eva e reconheci a minha origem legítima da primeira pecadora; mas em vez de achar na procedência e no primeiro pecado lição contra a desobediência, achei somente desculpa da minha curiosidade talvez arriscada.

II

O frescor das luzes matinais me anunciou que se aproximava a aurora.

A janela do meu quarto se abre para o jardim e olha para o oriente; me lancei para a janela abençoada e com a minha luneta na mão me deixei ficar em pé, imóvel, contando na alma os instantes que iam passando demorados.

Eu respirava os perfumes prazerosos das flores do jardim e sentia nos meus cabelos e no meu rosto a doce impressão dos sopros da madrugada.

De repente perguntei a mim mesmo em quem ou em que faria o teste, a experiência do encanto da minha luneta.

Embora eu tivesse acabado de recorrer à magia, o meu coração estava sempre e todo voltado para o céu.

A Luneta Mágica

Lembrei-me logo de ver uma flor, que é símbolo de pureza; mas rejeitei esta **ideia**; porque a flor é apenas decoração da Terra.

Preferi ver a aurora que também é flor; mas é rosa do céu.

A aurora! Eu nunca tinha visto a aurora! Ouvi ler vinte, com descrições da formosa anunciadora do Sol e chorei vinte, com vezes por não poder admirar a diva matutina que recebe diário culto dos vasos de flores e da música dos passarinhos.

A aurora é a rosa do céu que, antes de tudo mais, quero ver... se puder ver; é a aurora que é pura, que é o sorrir do Sol mandado de longe à Terra, é a aurora que eu contemplarei por mais de três, por dez minutos sem temer a visão do mal: porque no seio e através da aurora só poderei ver o Sol, que é majestade pela luz, vida pelo calor, providência pela regulação do movimento dos planetas.

III

E estremei, ouvindo o canto dos passarinhos no jardim, e o ruído e a festa da natureza, saudando o despontar da aurora.

Já era hora; mas demorei ainda, aspirando mais luz, mais brilhante alvorecer no horizonte; o meu coração palpitava com força, a minha alma estava nadando em mar de esperanças e de temores: enfim, minha mão se ergueu agitada, fixei a luneta. Oh! Felicidade! Oh, supremo gozo! Eu vi! Eu adorei a aurora!

Ah! Contemplei esse quadro, ao mesmo tempo gracioso e magnífico, de rosas de fogo suave, esse rubor da virgem do oriente acendido pelo beijo de fogo brando que o Sol imprime na sua face!

Como é bela, esplêndida, fresca, sublime a aurora! Não se descreve: é como o primeiro despertar de noiva belíssima no leito nupcial, mistura de glória e timidez, de pureza e de chamãs que fazem corar. É o indizível. O céu abrindo-se à Terra.

Eu estava absorvido olhando a aurora pela minha luneta mágica, admirava, apreciava uma a uma todas as pétalas daquela rosa do oriente que resume mil rosas, todos os detalhes daquelas

tintas de fogo saídas dos pincéis dos raios do Sol...

Esqueci-me do tempo a olhando... Sem dúvida eu ia já além de três minutos.

E de repente as rosas fulgurantes foram se apagando... Vi uma nuvem negra, feia, horrorosa, preparando em seu seio uma tempestade violenta; senti a trovoada e o raio, as trevas perto da luz, o som estrondoso abafando o cantar das aves.

Vi o Sol, mas não senti nem a luz da majestade, nem seu calor; vi os raios de ardor desastroso que queimam as plantas e preparam a miséria e a fome; vi raios que pela insolação tinham de produzir a loucura; vi raios que, feitos para vibrar sobre os tanques de águas paradas, iam levantar, espalhar mal-estares e com eles derramar a doença e a morte sobre os homens, vi o Sol — não formoso — mas cheio de manchas; vi o Sol — não fonte de vida — mas senti a sua força atrativa fabricando só os terremotos, os furacões, o horror...

Recuei assombrado. A luneta mágica abandonada pela mão que a segurava, caiu no meu no peito... nada mais vi. Exclamei, porém, com dor profunda:

— Meu Deus! Como a aurora é enganadora e falsa! E como o Sol é feio, terrível e mau!

IV

O armênio tem razão: a visão do mal é um tormento; ver muito é um erro; ver demais é um castigo; a sobriedade é virtude que deve governar e moderar os usos de todos os sentidos do homem.

Por que, para que me coloquei a desgostar da aurora, que é tão formosa, e a descobrir na natureza e na influência do Sol, que dizem ser fonte de vida, tantas causas de destruição e de morte? Por que e para que ficar na minha alma esta desconfiança das ilusões da aurora, esta certeza de que o Sol é também assassino da criação e devastador da Terra?

E por que esta luneta mágica, além de três minutos fixada,

A Luneta Mágica

só me deixou ver os males e os horrores que o Sol pode produzir e me negou a contemplação dos seus benefícios?

Oh! Foi dolorosa, mas será produtiva a lição, de agora em diante saberei me defender da vingança terrível da salamandra escravizada: aborreço. Não experimentarei mais a visão do mal, basta a visão da superfície e das aparências. Se o mundo é de enganos, se a vida é de ilusões, se na Terra a felicidade do homem está nas ilusões dos sentidos e nos enganos da alma, eu quero me iludir e me enganar para ser feliz.

Oh! Vem, minha luneta mágica, vem! Mas para que eu te fixe somente dois minutos sobre cada objeto.

E eu fixei a luneta nas flores, cujo tom e cujas cores variadas e belas enfeitiçaram meus olhos; a fixei nos passarinhos, nas borboletas, nas folhas das árvores que ainda lagrimejavam gotas de orvalho e festejei todos estes tesouros da natureza, que eu via, e conhecia perfeitamente pela primeira vez.

Gozei uma hora de inexplicável encantamento, gozei muito, muito; mas, preciso é confessar, os meus gozos, suavíssimos embora, foram sempre perturbados por dois sentimentos que de certo modo os deixavam incompletos.

Fixando a minha luneta eu sentia logo e quase ao mesmo tempo medo e curiosidade; medo de esquecer o tempo e de chegar à visão do mal, e curiosidade teimosa, insistente, enganadora e cada vez mais forte dessa mesma visão do mal.

Pouco a pouco venci o medo, medindo instintivamente os minutos; não pude, porém, vencer, domar a curiosidade, que, em luta aberta com a minha razão, me atormentava, estimulando um desejo fatal.

Essa curiosidade era como a tentação do demônio que nos arrasta ao pecado; meus lábios haviam já tocado uma vez na taça oferecida pela tentação, e o veneno que eu bebi queimava o meu seio, e eu tinha sede devoradora da visão do mal.

A salamandra, o gênio, o demônio tentador estava toda hora me dizendo ao ouvido que eu era senhor de um poder de que nenhum outro homem, nem sábio, nem rei, podia usar e aproveitar, e que só a fraqueza de ânimo ou os hábitos rudes da mais triste ignorância explicariam o abandono, o sacrifício desse poder encantado que me fazia penetrar e ler no íntimo dos seres.

E foi no instante em que mais violento era o combate da

curiosidade com a razão que, refletindo, passeando com a minha luneta, vi a prima Anica entrar no jardim.

V

Olhei para ela.

A prima Anica estava vestida de branco e com os cabelos soltos. Eu já tinha **ideia** do seu rosto, mas ainda não conhecia bem o seu corpo; agora não tenho dúvidas sobre o julgamento que fazia do seu merecimento físico.

Anica não é feia, nem bonita; abre muito os olhos, porque os tem pequenos e sem o fogo do sentimento; seu riso é triste, sua cintura delicada, os braços são tão finos que causam dó, e os pés, tão grandes, que fazem pena; tem cabelos pretos, finos e em grande quantidade; o seu parecer, porém, a sua figura, o seu andar são de um tédio que desconsola. O melhor dom que a natureza lhe deu foi a voz, que é doce e suave como a queixa de uma santa.

Retirei a luneta antes de passar o terceiro minuto; mas imediatamente senti o impulso da curiosidade que se tornava irresistível.

Esqueci o protesto feito, esqueci a dor da primeira experiência da visão do mal, esqueci, sufoquei a razão que ainda me falava, condenando o desejo irresponsável, e dizendo a mim mesmo:

— Preciso saber com quem vivo.

De novo fitei a minha luneta sobre a prima Anica, que estava dando os bons-dias às suas flores. A princípio, vi somente o que já tinha visto, que ela não era nem bonita nem feia, mas notavelmente sem graça. Passados três minutos, não lhe vi mais o rosto nem a figura, vi seu coração e sua alma; o coração era uma pedra de gelo, a alma era o espírito reduzido a ganância, a alma era como o seu olhar sem o fogo do sentimento; no seu coração li a indiferença e a tristeza, na sua alma a ambição de um marido rico que lhe desse mais o gozo da mesa do que o

esplendor do luxo e das festas; era, é a mulher fria, egoísta, material, incapaz de amizade e ainda menos capaz de amar, mulher que sendo esposa nunca desejaria um filho nem teria dedicação do marido, mulher sem caridade, porque só vivia ocupada de dormir bem, comer bem e passar bem.

Encontrei a minha imagem na alma de Anica, mas a minha imagem estava ali, como se fosse um X em um problema de álgebra: eu era em sua alma uma hipótese de marido, e como letreiro, como nome da minha imagem, li em símbolos aritméticos a soma das heranças que meu pai e minha mãe me haviam deixado!

E mais viva do que a minha imagem vi a do mano Américo, que é muito mais rico do que eu (sem dúvida porque ele pensando por dois, pensava mais e melhor em si do que por mim e em mim), vi a imagem do mano Américo, outra hipótese de marido, mais desejada, mais alimentada do que a minha hipótese, mas só com afagos de cobiça e sem um ligeiro afago de amor.

E, à exceção do gelo e do interesse, coração morto na vida, alma estéril, seca, áspera. Anica é a mulher do egoísmo sublime: contanto que lhe dessem boa casa, boa mesa, bom jardim e melhor pomar, empregadas se tivesse filhos, criados que a deixassem não trabalhar, silêncio e isolamento à noite para dormir à vontade, poderia enviuvar vinte vezes, dando à memória de seus finados não a consolação das lágrimas do amor e da saudade, mas a da certeza de não ter sido infiel nem falsa a nenhum deles, devido mais a sua frieza de alma do que à virtude. Que mulher! Olhos sem lágrimas, terra sem vegetação, mar sem ondas nem tempestades, céu sem estrelas e horizonte sem nuvens, natureza de rochedo.

Desviei a minha luneta dessa mulher, campo árido, deserto sem fim de areias estéreis sem um só oásis consolador.

Mulher-cálculo, mulher-aritmética, mulher sem sentimento, mulher sem amor, mulher-egoísmo é um triunfo da matéria sobre o espírito, mais terra do que céu, mais pó do que alma, mais lodo do que pureza da eternidade; é a mulher-monstro que calunia a mulher criada por Deus; é um assombro que se faz admirar pela perversidade.

A prima Anica tornou-se para mim repulsiva; mais do que repulsiva, repugnante. Jurei que nunca mais fixaria nela a minha luneta mágica.

VI

Amarga desilusão acabava de tornar meu ânimo sombrio: a prima Anica, que tanto procurava me agradar e que recatada recorria às fábulas para manifestar a ternura dos seus sentimentos; a prima Anica, que eu dizia ser o símbolo do amor mais puro e desinteressado, não era mais do que uma mulher insensível, egoísta, e somente preocupada com os gozos da vida animal!

Eu nunca senti amor pela prima Anica; mas tinha amizade fraternal por ela e experimento verdadeira mágoa, reconhecendo que não mais posso gostar dela como antes.

Doce amizade! É uma flor a menos no jardim do meu coração.

Entretanto, não me arrependo de haver invadido sua alma e descoberto a verdade dos seus sentimentos mesquinhos: esta senhora pelo menos não irá mais me enganar.

As vozes do mano Américo e da tia Domingas que, entrando juntos no jardim, dirigiam gracinhas a Anica, chamaram a minha atenção.

Eu já não combatia mais a curiosidade da visão do mal: o conhecimento a que eu cheguei, da falsidade da prima Anica, excitava meu desejo de descobrir os segredos de outros corações.

Lancei a luneta sobre o mano Américo e o observei: jovem de agradável aparência, é pena que seus olhos, aliás bonitos, não tenham firmeza no olhar, que não se demorem em objeto algum e pareçam ou temerosos ou movidos por preocupações do espírito, vagando tontos ou fugindo da observação dos homens; além desse defeito, notei que sua boca escapou de ficar sem lábios, tão finos eram estes, e que o seu sorrir mostrava ser antes uma permissão artificial de aparente alegria do que sinal espontâneo de íntima alegria.

E passaram três minutos: Oh! Minha cega e imensa fé! O político patriota era apenas um ambicioso qualquer! O nome da pátria era uma alavanca, a dedicação ao povo um meio de construir escada: Américo queria subir, queria ter influência; mas nem ao menos por vaidade, ou também um pouco por vaidade; somente, porém, por interesses de fortuna, somente para

A Luneta Mágica

explorar as posições oficiais em seu proveito material; desprezava o reconhecimento, os títulos nobiliários, o brilhantismo da corte, as fardas de ricos bordados de ouro; mas desejava tudo isso como sinais de importância pessoal para negociar com as aparências; talentoso, instruído, hábil, vende-se ou se venderá, aluga-se ou se alugará sem parecer que o faz, ostenta e ostentará independência e dedicação, não pedindo jamais ao governo favor algum para si; mas fará questão de um contrato, cuja celebração irá dar contos de réis²⁰ à sua mesa de advogado; fará questão de um privilégio para a empresa de que não é, nem será, acionista; mas cuja gratidão já foi em segredo combinada. Sua fala será ameaça viva a todos os ministérios novos; o leão interesseiro, porém, se deixará levar por um fio de seda, que ele transformará oportunamente em corrente de favores, não para si, só para amigos, cujo reconhecimento nada tem a ver com as suas relações com os ministros; e servirá ao Estado, e será patriota assim, e subirá, e será grande na sua terra.

Dá o nome de amigos a três mil conhecidos, sabe conquistar simpatias, colhe os frutos de mil favores e não é amigo de homem algum, sabendo, todavia, servir com empenho àqueles que têm de servi-lo em dobro depois; mas serve só e sempre como intermediário, dando o tempo que emprega para pedir e obter.

Em relação à família, Américo negocia com a herança paterna da prima Anica, com a fortuna da tia Domingas e com a minha; nos convenceu de que perdemos a quarta parte do que possuíamos na quebra das casas bancárias em 1864; ele porém ganhou nessa crise setenta e cinco por cento da soma das nossas três fortunas prejudicadas, isto é, aumentou a sua riqueza na proporção exata de nossas perdas; não toma compromisso sério; deixa que a tia Domingas lhe fale muitas vezes do seu casamento com a prima Anica; mas projeta abrir mão desta glória em meu nome e fareja entre os dotes²¹ ricos o dote mais rico para se casar com ele, aceitando, como meio indispensável da transação, uma pobre noiva condenada aos tormentos da sua indiferença.

²⁰ Antiga moeda brasileira que circulou até 1942.

²¹ Conjunto de bens financeiros (dinheiro, imóveis, etc.) que a família da noiva transfere ao noivo na ocasião do casamento.

Não esquecendo que sou seu irmão, Américo não me ama, mas me olha com piedade; creio que não me deixará morrer de fome, creio; porque tenho horror à incredulidade em tal hipótese; creio, revoltando-me contra a visão do mal; mas vejo bem que, se ele puder, absorverá tudo quanto possuo.

Américo não é avarento, porque gasta bastante para viver com decência e algum luxo; é, porém, o homem sedento de ouro e para quem família, pátria e Deus se resumem no ouro.

Enriquecer é a sua **ideia**: se chegar a possuir cem mil contos terá ambição cem mil vezes maior e não fará bem algum à humanidade.

Eu me entristeci profundamente, pensando no que acabava de ler no livro aberto da alma de meu irmão; logo, porém, e como ansioso a procurar, a pedir uma consolação, fitei e observei por dez minutos a tia Domingas.

É uma senhora de sessenta anos, gorda, simpática e perseguida de ataques de erisipela²² que a têm envelhecido mais que os anos; traz ao pescoço três ou quatro escapulários²³, e na mão o rosário em que aponta as suas orações; sua fisionomia é suave, **tranquila** como a face de um pequeno lago, é um espelho da virtude da paciência, e nos seus olhos que se voltam para o céu parecem brilhar os raios da esperança e da fé.

Mas a visão do mal me mostrou em seguida a hipocrisia de sua face: a tia Domingas é invejosa e má; detesta as moças porque é velha; maldiz das traições e dos enganamentos do mundo porque não espera mais ser traída, nem enganada; se benze, levantando falsos às vizinhas, ou divulgando suas fraquezas; faz incríveis economias no governo da casa, esconde dentro do colchão e das almofadas de sua cama o dinheiro que poupa, e no princípio de cada mês se lamenta da insuficiência da verba concedida por Américo para a manutenção da família: não dá um vintém de esmola aos pobres; arranca da rudeza e da mentira odiosa dos escravos os segredos verdadeiros e falsos da vida íntima de seus senhores e faz das confidências capítulos de acusação ofensiva, acompanhados sempre de um “Deus me perdoe! Na terra o acho, na terra o deixo!” É pecadora que peca

²² Doença de pele infecciosa que causa inflamações na pele.

²³ Espécie de cordão ou faixa que une duas orações ou imagens religiosas usado por devotos católicos.

A Luneta Mágica

mil vezes por dia pensa que engana a Deus, rezando, quando não peca.

Tem no mundo um amor, é sua filha; não gosta de Américo; mas finge que gosta dele para ver se consegue casar Anica ou com ele ou, em último recurso, comigo; não gosta porque inveja a riqueza que ele acumula. Iria adorá-lo se Anica se tornasse senhora de metade da sua fortuna; não me ama, mas me tolera; sou a seus olhos um genro obrigado na falta de Américo.

Pela força do hábito os lábios da tia Domingas estão em movimento incessante, porque sua boca repete maquinalmente as orações de seu rosário; interrompe, porém, as orações a cada instante no governo da casa para proferir pragas contra os escravos, chamando mil vezes pelo nome do diabo; mas não tem **ideia** deste pecado; porque reza como peca, e peca como reza, sem intenção nem consciência.

A tia Domingas é santa pela cara, e condenada pelo coração.

Retirei a minha luneta, saí da janela e murmurei tristemente:

— Com que gente eu tenho vivido! Que decepções, meu Deus! Que desgraça é perder como perdi a confiança nos parentes e o amor que eu sentia por eles!

VII

A visão do mal, o conhecimento das paixões ruins, dos vícios, das intenções desleais ocultas nas dobras negras dos primeiros corações humanos que eu examinava com a minha luneta mágica, dos três corações em que eu mais confiava e que mais amava, começavam a produzir no meu espírito os seus naturais efeitos.

Se meu irmão, minha tia e minha prima, os únicos parentes que me restavam no mundo, os dois primeiros que me haviam criado desde meus primeiros anos, Anica que fora minha amiga da infância, quase minha irmã, assim tão cruelmente me enganavam, que podia eu esperar dos estranhos e dos indiferentes?

E o armênio me aconselhou que evitasse a visão do mal!

Que erro! Devo eu preferir viver iludido e vítima cega, estúpida, entregue de corpo e alma àqueles que abusam da minha inocência e simplicidade para me sacrificar ao seu egoísmo e à sua ambição criminosa?

Oh! Mil vezes não! A visão do mal envenenará talvez minha vida; mas será o meu escudo contra os traidores e acenderá luz para me livrar dos laços da traição.

Eu sinto já que a minha miopia moral vai se enfraquecendo sob a influência de uma ciência amarga, desconsoladora, triste, aflitiva; a ciência do mal; em todo caso, porém, ciência.

Eu já compreendo e reflito; já sei meditar e resolver por mim; não sou mais o eterno afilhado do mano Américo. A visão do mal me libertou.

Dói ter perdido a suave, a prazerosa crença da lealdade do amor dos parentes; dói, porém acabo de perdê-la.

VIII

A miopia moral, a ignorância completa do mal, a inocência me conservaram até esta manhã sincero, simples, sem uma nuvem de suspeita na alma, sem desconfiança dos outros, e com o coração aberto, transparente aos olhos de todos.

O conhecimento do mal vai operando em mim necessária modificação de **ideias** e de sentimentos.

Já sei que é preciso fingir. Já o sei; porque estou determinado a esconder de Américo, da tia Domingas, de Anica e de todos a principal virtude da minha luneta: direi que por meio dela vejo melhor, mas ainda imperfeitamente os objetos.

Vou, portanto, fingir e enganar; primeira lição da ciência do mal que a visão do mal me está dando; primeiro passo no caminho tortuoso da desmoralização; mas inevitável; porque é preciso dissimular e enganar para me defender de parentes desamorosos e desleais e para, cuidadoso e seguro, realizar projetos que desde alguns minutos fervem no meu espírito exaltado pelos ressentimentos do coração.

Nas lutas do mundo devo bater com armas iguais às daqueles que me hostilizam: dissimulação contra dissimulação, engano contra engano.

Em uma hora experimentei três desilusões que me envelhecaram trinta anos! Os gelos de três desenganos apagaram no meu peito o fogo santo de três afeições profundas, inocentes e puras.

IX

Tenho na mente uma providência que é necessário eu tomar logo; tenho no coração um vácuo que ardentemente desejo preencher sem precipitação, mas quanto antes.

Quando retirar do mano Américo o controle da minha fortuna (eis a providência que vou tomar), acharei um procurador²⁴ zeloso, prudente e honrado que assuma este negócio e o efetue sem ofendê-lo, a quem não me dirigirei sobre este assunto; porque me repugna expor-me ao extremo de difamá-lo.

Não preciso de informações nem de recomendações para a escolha do meu procurador: a minha luneta mágica me ensinará qual dentre muitos merecerá ser escolhido.

Hoje mesmo darei início a este estudo, aos trabalhos desta descoberta ou preferência.

O preenchimento do vácuo do coração é mais difícil, e será mais vagaroso.

Estou; mas não é admissível que eu possa viver sem família.

Estou sem família, a visão do mal rompeu os laços que me ligavam aos meus três e únicos parentes.

Essas três afeições, essas três únicas flores do jardim do meu coração murcharam para sempre, e minha alma ficou deserto e noite.

Nasci para amar, tenho sede de amor; não posso viver assim.

A família é na Terra a satisfação da vida do homem; a família é o mundo em festa no lar doméstico; a família é a imensa vida de amor, em que se identificam algumas vidas que se amam,

²⁴ Indivíduo que possui autorização para administrar negócios de outra pessoa.

que se abraçam, que se completam; a família é a consolação na desgraça, o suave descanso no fim do trabalho e das lutas, é o rir de muitos pela felicidade de cada um de seus membros, é na extrema hora o colo em que se encosta a cabeça para dormir o último sono, é o pranto de amor que orvalha a estiagem da morte, a mão de amor que, religiosa, fecha os olhos do morto.

Eu quero ter família, não posso viver sem ela.

Estou como rejeitado que sai do hospício; estou só, sem um parente, estou deserto e noite e aspiro companhia e luz.

O rejeitado não tem; mas pode criar e cria uma família para si. Procura uma mulher e abre o coração para ela; a mulher o faz esquecer o deserto e a noite do passado, lhe dando a companhia e lhe acendendo a luz do presente e do futuro.

A mulher é a placenta da família, é a criação privilegiada, a última e a mais mimosa criação de Deus, que em um sorrir divino nela derramou a graça que guarda o encanto da vida do homem.

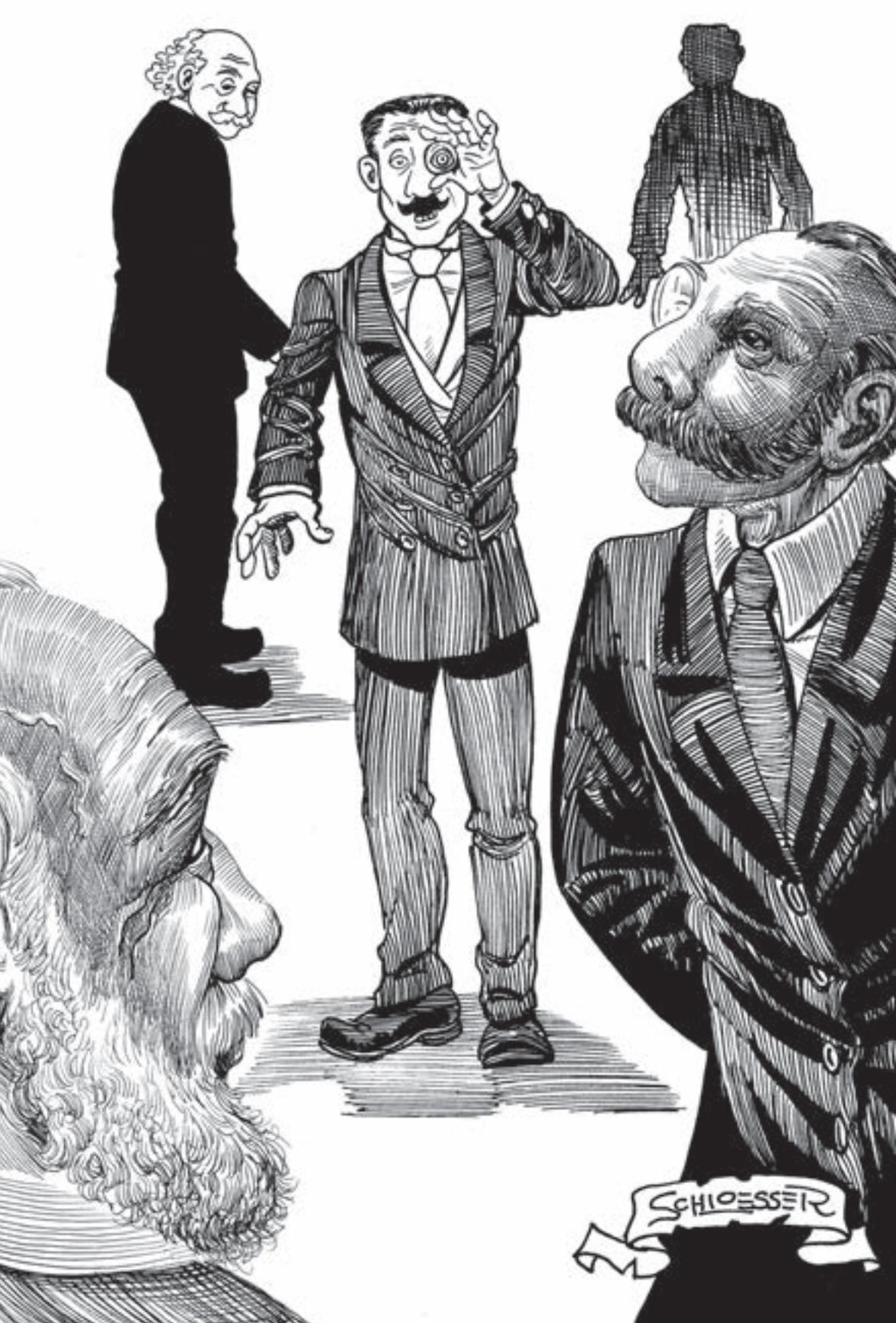
Eu quero procurar uma mulher jovem, bela e pura, que me dê família; eu estou deserto e noite; quero receber a companhia do coração e a luz dos olhos de uma mulher formosa e santa; quero um anjo, a cujas asas brancas eu me prenda, para sair do deserto e da noite.

Avalio bem as proporções imensas do meu desejo: mas a luneta mágica me deixa ler os segredos de todas as almas, e, recompensa desse encantado privilégio, acharei a flor de inocência que almejo, a noiva — anjo da Terra que adorarei perpetuamente.

À mesa do almoço apareci com a minha luneta e causei surpresa; disse que, auxiliado pelo poderoso vidro, podia ver melhor do que antes, embora menos do que desejava; mas, acabando de almoçar e usando a luneta, me servi de um palito sem pedir que me dessem.

Diante dessa prova evidente de que já era fácil para mim enxergar um palito, o mano Américo abriu a boca espantado, a tia Domingas se benzeu e a prima Anica arrumou com charme as dobras e o laço do seu lenço, que aliás não tinham desconserto algum.

Enfim, meu irmão e minha prima me deram uns parabéns que me pareceram muito sem sabor; minha tia disse: “Deus te abençoe para que não peques pelos olhos!”, e eu me despedi e fui para o júri.



SCHLOSSER

X

Nas ruas vi tudo de passagem e desfrutei de mil gozos novos para mim com a simples visão das aparências; mas, chegando à sala do júri e tomando a minha cadeira, resolvi não poupar o meu privilégio da visão do mal.

Nesse dia não saí sorteado, embora se formassem dois conselhos que consecutivamente julgaram o primeiro um, o segundo dois réus.

Em qualquer dos três réus encontrei um coração negro, um homem-fera; do primeiro julgado, porém, não descobri na sua consciência indício algum do crime de que o acusavam, e foi exatamente contra esse que mais vigorosa se desencadeou a palavra do acusador.

Fitei minha luneta no advogado que assim falava por parte do autor, e no fim de breves minutos reconheci que ele estava convencido da inocência do réu que acusava.

Examinei no segundo processo a consciência do convincente defensor dos dois réus justamente processados por crime de homicídio e vi que ele fazia malabarismos enganadores para iludir os jurados e levá-los a obrigar injusta sentença de absolvição.

Afastei de meus olhos a luneta que acabava de me fazer desacreditar do sacerdócio da advocacia.

— Como é, — perguntei a mim mesmo — como é que um advogado ostenta a mentira e a fraude, rebaixando uma das mais nobres e esplêndidas profissões, sustentando, demonstrando o contrário do que pensa e do que sente, para ganhar a soma contratada para acusação ou defesa? Como é que se abate assim o talento e se aniquilam as grandes noções do dever?

Um advogado era para mim a luz do Direito, o escudo da inocência, o campeão da lei; era a sabedoria lutando pela justiça; como, pois, um advogado se anima a mentir diante de Deus e dos homens, a prejudicar a sociedade, esforçando-se com todo o poder dos seus meios para que se julgue inocente e puro um assassino conhecido e provado, um malvado que ele sabe que é assassino? E, mil vezes ainda pior, como é que outro advogado,

profundamente convencido de que o réu não cometeu o crime que lhe atribuem, ousa ir acusá-lo, ousa ir pedir que o encarcerem, que o condenem a trabalhos forçados?

E além da mentira a fraude! A fraude, porque tais advogados se empenham em enganar os juizes efetivos, inventam armadilhas, desfiguram os atos praticados, iludem e perturbam as testemunhas, tornam o processo caos com o fim de arrastar o júri a decisões contrárias à verdade e à justiça e só em proveito dos clientes que os têm contratado para acusar ou defender?

E do mesmo modo que praticam em questões criminais, que afetam a moralidade e a segurança da sociedade e à liberdade e aos direitos individuais, também irão praticar nas questões que se referem à propriedade! Haverá, pois, advogado que, convicto da malícia do seu cliente, ainda assim alugue seu trabalho a ele, que devia ser altar respeitável, e cobre pelos recursos da sua ciência para ajudar o cliente a roubar o alheio?

Ah! Visão do mal que me estás levando a desacreditar da humanidade! Tu serás talvez fatal; mas eu te quero e não te dispenso mais, porque tu és luz, embora sejas luz do inferno.

XI

Entre o primeiro e o segundo processo, tivemos uma hora de folga, que tanto durou o conselho secreto.

O meu velho amigo, cujo nome quero agora dizer, o Sr. Nunes, veio sentar-se junto de mim: apertei sua mão com força, prazer e confiança; pois era a ele que eu devia o ter ido à casa do Reis, onde encontrei o maravilhoso armênio.

— Então? — me perguntou o velho. — Que tal achou a luneta? Estou ansioso por saber; não dormi um instante toda a noite; que me diz da luneta?

— É admirável, meu amigo.

— É realmente mágica?

— Admiravelmente mágica.

— Conte-me alguma coisa.

Contei-lhe tudo.

Cometi um erro, sendo completamente franco na exposição de todas as minhas experiências, e outro, ainda maior, na confiança dos meus dois projetos, o de encarregar a um procurador hábil o arranjo dos meus negócios com o mano Américo e o de criar para mim uma família, casando com uma jovem formosa e pura.

O velho Nunes sorriu agradavelmente, apertando minhas mãos e se desfazendo em felicitações: a alegria radiava nos seus olhos e no rosto. Que excelente e nobre homem! Que diferença entre ele e os meus três parentes!

No fim de alguns minutos em que pareceu refletir, disse:

— Eu creio que nasci predestinado para lhe ser útil.

— Já lhe devo muito.

— E vai me dever mais; o seu primeiro projeto é justo; mas arriscado.

— Por quê?

— Não imaginas como são trapaceiros, espertos e vorazes quase todos os procuradores e solicitadores que por aí andam, e receio muito vê-lo cair nas garras de algum deles.

— Achas?

— Mas ainda bem que eu sou também solicitador no foro da corte e tenho orgulho da reputação de integridade e de dedicação que ninguém ousa me disputar; o trabalho me sobra e o tempo me falta; mas, para servi-lo, ofereço-me de corpo e alma para concluir em poucos dias todos os negócios que tem com seu irmão e sem escândalo nem desgosto.

— Oh! Meu bom amigo!

— Pode me chamar assim; tenho apreço pelo senhor; amanhã jantará comigo: quero lhe apresentar minha mulher, que é uma santa, e minha filha, que é uma flor do paraíso.

Eu me senti cativado pelo honrado e generoso velho e, para melhor apreciá-lo, fixei a luneta, ele, porém, voltou o rosto imediatamente; três, cinco, dez vezes repeti a manobra, e o Sr. Nunes outras tantas fugiu com o rosto, e por fim, ao sair o conselho da sala secreta, mudou o velho de cadeira e sentou-se exatamente diante de mim, me dando as costas.

Admirei tanta modéstia e, ensaiando uma nova experiência, pus a luneta em ação e olhei o velho Nunes pelas costas durante sete minutos.

A Luneta Mágica

Oh! Luneta sublime! Não há recurso que possa anular a tua força!

Eu vi perfeitamente o homem.

Misericórdia! Que grandessíssimo tratante é o Sr. velho Nunes! Afável, dedicado, de boa fala, simpático, sabe um por um todos os segredos das fraudes que desmoralizam o povo: tem falsificado documentos, rasgado e sumido folhas de documentos, já furtou a assinatura de um juiz, já solicitou defesa e acusação em mais de vinte causas, tem comprometido interesses, demolido fortunas, e ainda não entrou no presídio!... Aluga-se, quando não lhe convém vender-se, e vende-se tão somente ofereçam o preço; tem de seu mais de cem contos de réis adquiridos de maneira suja, e é agiota de profissão; surrava os escravos sem piedade, os vendeu todos há poucos meses, arremata outros em praça para vendê-los em breve prazo, e é entusiasta da abolição; é conspirador admirável de eleições, tem sido eleitor por todos os partidos e votado como eleitor nos candidatos que lhe compraram os votos por dinheiro, e por transações que valem dinheiro. Exalta os gozos suaves e a santidade do lar doméstico, e no lar doméstico dá pancadas na mulher, que o teme e que o detesta, e vive em guerra aberta com a filha, porque ela, em doces e costuras que faz, ganha somente bastante para se vestir.

E, o que é mais, eu me vi, eu me encontrei e me reconheci nos planos da mente do velho Nunes!... Ele sabe melhor do que eu a quanto chega a minha fortuna, planeja explorá-la em seu proveito, desacreditar, desonrar meu irmão, ou negociar com ele em meu prejuízo, e finalmente teve a **ideia** de me casar com sua filha!

Tive horror do Nunes, a quem mais nunca darei o nome de velho amigo; senti-me, porém, desconsolado e triste, descobrindo tanta malvadeza, em quem achava que tinha tanta bondade e virtude.

É ainda uma desilusão! É ainda um violento desengano me arrastando à desconfiança e talvez em breve ao aborrecimento dos homens.

Saí do júri mais sombrio e abatido do que os réus que por ele acabavam de ser condenados.

XII

É claro que não procurei mais me encontrar com o velho Nunes, e, aproveitando a lição desse novo desengano, compreendi que devia ser ainda muito mais cuidadoso na escolha do meu procurador e principalmente na eleição da minha noiva.

Empreguei quatro dias na insistência da descoberta de um procurador, como desejava, e perdi o meu tempo: estudei com a minha luneta mágica nada menos que trinta e tantos procuradores e achei-me sempre de mal a pior! Todos eles me pareceram verdadeiros procuradores do epigrama de Bocage²⁵, os que se diziam melhores e passavam por mais hábeis e dedicados eram os piores pela mais refinada astúcia e profunda malícia.

No fim dos quatro dias me senti tonto, aborrecido, desesperado, e com a convicção tristíssima de que não encontraria procurador que pudesse merecer a minha confiança.

— Que homens! — disse comigo mesmo. — Que gente desmoralizada, maliciosa e má! Isto será talvez devido à influência do ofício: eles têm tantas vezes de procurar, de trabalhar em proveito de causas injustas, têm tantas vezes de contrariar a verdade, a justiça, a inocência e o Direito que acabam por habituar-se à fraude, à mentira e ao sacrifício de todas as noções do dever. Há de ser assim, e nem pode ser de outro modo; porque a minha luneta mágica, que me faz ver no íntimo dos corações, não me deixa cair em falsas apreciações.

— Mas todos eles maus e nem um único bom, ou ao menos tolerável. É demais! Não quero tão cedo continuar na descoberta de procurador; estou cansado de ver homens ruins; tratarei de me consolar contemplando as graças do sexo encantador.

O último dos quatro mal afortunados dias foi de abrasadora calma; ao cair da tarde me dirigi ao Passeio Público²⁶.

Era a primeira vez que eu visitava, com a certeza de poder apreciar pela visão, esse pequeno, mas preciosíssimo jardim, onde a população da cidade pode ir gozar das árvores a sombra

²⁵ O narrador se refere ao poema *Um procurador de causas*, de autoria de Bocage, poeta satírico português do século XVIII.

²⁶ Parque localizado no Rio de Janeiro.

A Luneta Mágica

e a imperceptível respiração purificadora do ar; das flores, o encanto e os perfumes; do mar, o aspecto sublime; da terra, limitada amostra da fertilidade majestosa da natureza do nosso Brasil; e das magias da tarde, o suave frescor da brisa.

Entre no Passeio Público e, com apressada curiosidade, fui vendo e gozando os prazerosos quadros da relva verdejante, dos grupos de arbustos graciosos, das árvores gigantes, das correntes de água, das pontes, do morro dos jacarés, do terraço que se torna admirável pela vista das montanhas, dos rochedos e do mar, das fortalezas e das ilhas, das praias e da cidade formosa.

Tudo isso era novo para mim, tudo, todas essas maravilhas da criação, todos esses belos testemunhos, todas essas obras do trabalho e da arte dos homens.

Eu devia esquecer-me de mim mesmo, mergulhando na contemplação de tantas maravilhas; senti, porém, perto de mim, em torno de mim, passando junto de mim, indo e vindo, outra maravilha, que os homens **veem** em toda parte, a todas as horas, e que nunca se satisfazem de admirar e de amar; ouvi o ruído do arrastar de vestido, senti doces e sutis aromas deixados em leve rasto, tocaram-me os ouvidos os sons murmurantes de vozes finas como prata; em uma palavra, senti a mulher e não vi mais nem serras, nem ondas, nem natureza grandiosa, nem arte nascente, nem florestas, nem cidades; senti perto de mim a mulher, e, esquecendo tudo mais, voltei-me para contemplar a mulher.

XIII

Não era uma, eram cem as senhoras que passavam e que estavam no terraço.

Sentei-me em um dos bancos de mármore e deixei fixada a minha luneta.

Mais de vinte jovens senhoras me pareceram bonitas; em frente a mim, porém, estava sentada, junto de um respeitável ancião, a mais formosa donzela.

Estava vestida de branco! Tinha os cabelos negros, os olhos pretos, grandes e agradáveis; eram olhos que não abrasavam, mas que inundavam de doçura, de luz branda, de enfeitiçadas delícias o coração do homem que merecia um olhar seu; tinha no rosto a palidez encantadora que não indica sofrimento e atesta fina sensibilidade; o seu corpo era elegante, e sua cintura de proporções delicadíssimas; trazia na mão pequenina e branca um leque de madrepérola²⁷ com que se abanava distraída na contemplação do mar, ou divagando pelos mundos da imaginação; levantou-se a convite do ancião, sem dúvida seu pai, e com ele passeou ao longo do terraço; no fim de alguns minutos tornou a sentar-se no mesmo lugar em que estava.

Era indizível a graça do seu andar tão suave, como o deslizar da nuvem pela face do horizonte.

A donzela pálida me pareceu a revelação de todas as perfeições humanas, completando uma maravilha de formosura. O rosto é o espelho da alma; a graça, dom do céu. A donzela pálida era necessariamente o símbolo do amor e da pureza dos anjos.

O meu coração palpitava transportado de admiração e já dominado pelo poder miraculoso de tanta beleza.

— Como está hoje encantadora Dona Rosinha! — disse um jovem, falando a outro perto de mim.

Ela se chamava Rosa; tinha o nome da rainha das flores.

— Está hoje como sempre; mas em que ela está pensando? Provavelmente em coisa nenhuma: quer que se acredite que tem horas de êxtase poético.

— Não; ela fez vinte anos ontem e está sem dúvida pensando nos motivos por que ainda não se casou.

Fiquei revoltado com os dois absurdos, me afastei deles com sentimento de aversão. Eu tinha observado a formosa jovem, lhe lançando olhares repetidos, mas passageiros, com medo de assustar a sua inocente timidez; não pude, porém, resistir por mais tempo à ardente adoração da sua alma e fitei nela a minha luneta por mais de três minutos.

A donzela percebeu minha contemplação e por acaso ou de propósito deu a seu corpo flexível uma atitude de gracioso abandono, que me deixava apreciar todos os encantos da sua

²⁷ Um dos principais componentes das pérolas, utilizado em joias, azulejos e outros objetos.

A Luneta Mágica

figura, inclinando preguiçosa a cabeça para o ombro de seu pai e esquecendo os olhos no céu.

Ah! Foi para mim um abismo de magias, um encantamento do espírito, irresistível perdição de toda a minha liberdade durante três minutos.

E no fim de três minutos o coração da donzela se mostrou a meus olhos, e os segredos de sua alma se revelaram à visão do mal.

O demônio das contradições absurdas reunia naquela alma de mulher formosa a vaidade mais sem tamanho e a inveja mais violenta e cruel: Rosa julgava-se a mais encantadora e bela das mulheres e invejava de uma os cabelos loiros, de outra os olhos azuis, de sua mãe o vestido mais rico, de sua prima a voz de contralto²⁸, da amiga da infância uma qualidade que lhe faltava, da noiva desconhecida a sorte do casamento; invejosa, aborrecia todas as senhoras; vaidosa, queria ser amada, cortejada por todos os homens; pela inveja era amarga, maldizente, intrigante e mentirosa; pela vaidade era imprudente e louca, coração corrompido; não poupava sorrisos, nem olhar animador, nem palavras comprometedoras para prender um namorado: o que era em solteira prometia ser quando casada, namoradeira sempre; e pela combinação da vaidade e da inveja com a sua organização e tendências nervosas, havia de se impor absoluta dominadora do marido, a quem não amaria como marido e só olharia como escravo; frenética, doida em impulsos de brutais ciúmes não nascidos do amor, rancorosa, raivosa, gastadeira, sem consciência do dever, sacrificando por uma noite de baile um ano de pão para a família, não hesitando em reduzir à miséria pai e esposo para alimentar o seu luxo, só pensando no poder do luxo e de apaixonados cultos na Terra, sem fé, sem religião. Em moça era tentação infernal, velha havia de ser o desgosto de si própria piorado em malvada ira contra todos, em vaidade condenada, em inveja corroída, em aborrecimento do mundo e em ódio a todos, ódio esse elevado a extremos, capazes de transformar o lar doméstico em um inferno desesperador.

Eu vi tudo isto e ainda mais podia ver; porque longe ainda deviam estar os treze minutos que limitavam a visão do mal: podia e tinha mais o que ver naquele coração desgraçado; mas não quis. Tive horror de um ponto negro, que se ia esclarecer;

²⁸ No canto, a voz feminina mais grave.

tive horror. Deixei cair a luneta e, amaldiçoando a inveja, e maldizendo da vaidade, fugi, correndo, apressado para fora do terraço.

XIV

Na escada por onde me retirava para o centro do jardim, quase que em impulso desastrado, derrubei um homem que também descia diante de mim.

— Ah! Senhor! — exclamou ele, voltando-se. — Não tem olhos ou vem doido?

— Perdão! — respondi. — Exatamente não tenho olhos, porque sou míope e venho doido, porque encontrei no terraço um demônio com aparências de querubim.

— Pois quem é míope deve trazer óculos, e quem anda às voltas com o diabo deve procurar antes o inferno do que o Passeio Público!

— Mano! — disse uma voz dulcíssima. — O senhor se desculpou de forma tão gentil que o favor da sua cordialidade exige antes agradecimento do que insistência na lembrança de um acidente que não teve más **consequências**.

— Obrigado, minha senhora — falei logo, fixando a luneta. — Eu já nem me arrependo da minha imprudente pressa; pois que a ela devo o encanto do perdão dado por voz tão melodiosa.

Vi se voltar para mim o lindo rosto de uma mulher que ostentava todo o esplendor da beleza na primavera dos anos; ela, porém, afrontou com tanta firmeza a fixidade da minha luneta, sorriu tão facilmente para mim, olhou-me com tão clara elegância que, antes de cinco minutos, me causava já tal desgosto que por castigo nem lhe descreverei as qualidades da figura.

Coitadinha! Era uma menina, que talvez tivesse nascido com excelentes disposições, branda, gentil, alegre, assim o devo supor, pois não creio que alguém nasça mau e pervertido; mas os pais, entusiasmados pela beleza da filha, quiseram fazer dela singular maravilha e a esqueceram cinco anos em um famoso colégio, cuja diretora, antiga florista de Paris, mudou de vocação

com os **enjoos** da viagem transatlântica e, chegada ao Rio de Janeiro, mostrou talento para a instrução e educação de meninas.

Nesse internato, onde as educandas de todas as idades se confundem e se acham em contato de dia e de noite com seus diversos costumes, com seus bons e maus instintos, com suas imaginações travessas, com suas malícias enfim, a pobre menina aprendeu demais o que devia ignorar e quase nada o que precisava saber e saiu do colégio, corando não por pudor virginal, mas por tática de namoradeira, não conhecendo o valor de um beijo de seus lábios nem o preço e a glória das virtudes, sem as quais a mulher se faz objeto de desprezo.

A falta de seriedade da sua atitude, a forma libertina com que perturbava as amigas, a audácia com que se arriscava na sociedade, sacrificando todas as regras da sabedoria na liberdade exagerada que permitia a todos que lhe admiravam, que não era mais suficientemente respeitosa, autorizavam a ofensa que a feria com venenosas mentiras.

A mentira a ultrajava injustamente com suspeitas cruéis; não era calúnia, porém, a fama da baixeza do seu coração.

Quantos perigos, meu Deus, há nos colégios e nos internatos de meninas!... Quantas pobres inocências atiradas a perversões possíveis e fáceis! Ah! Se eu tiver uma filha, vou fazê-la instruir-se ao lado e aos olhos de sua mãe; e, se então me achar em pobreza e não puder pagar professores, minha mulher e eu ensinaremos como pudermos e o que pudermos à nossa filha, e em último caso ficará ela ignorante, mas não será exposta a ser desmoralizada.

Oh! Minha luneta mágica! Eu te agradeço esta lição, que me deste.

XV

E ainda com a proveitosa lição senti-me triste, profundamente triste.

Que dia infeliz! Começou de manhã pelos procuradores que

vi e que me causaram repugnância e tédio e acabou à tarde com a contemplação de duas jovens formosas, que a princípio me pareceram dois anjos, e logo depois reconheci que eram duas criaturas condenadas, dois corações infeccionados, duas mulheres formosas, porém más, dois medonhos abismos cobertos de lindas flores.

Esta luneta é implacável e cruel: além da visão das aparências ainda não me concedeu uma contemplação suave.

Já me aborreço dos homens, e hoje principiei a desconfiar das mulheres.

Quero, preciso ter uma consolação, uma impressão feliz, que compense as tristes decepções por que tenho passado. Longe da minha luneta os homens e as mulheres! Prefiro olhar, apreciar algum ser impecável, obra de Deus, não contaminada pelas malícias e pelos vícios da humanidade.

Aí estão as duas pirâmides, e em frente o morro dos jacarés. São trabalhos do homem, os desprezo. Lá se mostram as flores, algumas são venenosas, e os perfumes das mais inocentes em certas condições podem matar; também não quero as flores; a água deste lago pode conter podridões, não me convém.

Oh! Eis ali um beija-flor! A mais delicada e gentil criatura! Eu o estou vendo com suas penas de esmeraldas e rubis, de ouro e topázio, de púrpura e de fogo. Eu o estou vendo com o seu movimento elegante, com os seus voos rápidos e graciosos, com o seu trêmulo bater de asas equilibrante no gozo puro do seu amor pelas flores.

Mas, que vejo ainda? Que vejo agora? Ah! Essa avezinha tão mimosa e tão linda é um monstro que me inspira aversão por seus instintos ferozes e qualidades malvadas. Egoísta, falso, incapaz de afeição durável, o perverso abusa dos seus encantos e beija, despreza e engana todas as flores, sensual e desprezível, poluindo seus nectáreos²⁹ e exibindo, após a mais bárbara indiferença, a mais espalhafatosa e ilimitada inconstância.

O beija-flor é como a serpente pelo tamanho da língua, e esta ainda nele se duplica, estendendo dois filetes, que lhe servem como as garras às aves de rapina³⁰.

Finalmente assassino e destruidor, ele mata e devora em

²⁹ Órgão das flores que expele o néctar.

³⁰ Aves carnívoras, como águias e gaviões.



SCHLOSSER

cada dia dezenas e dezenas de insetos inocentes, fracos e incapazes de se defender, ousando sem respeito ir arrancá-los do mais doce asilo, do berço mimoso das flores!...

Hoje criei ódio pelos beija-flores, passarinhos devassos, desmoralizados, traiçoeiros e malvados.

Flores da terra, acreditem na minha luneta mágica: tenham medo dos beija-flores!

XVI

Esta última experiência me afligiu profundamente.

Quê! Até nos seres irracionais, e entre eles na própria avezinha, mimo da criação, sorriso de anjo e raio de Sol nascente transformados pelo Criador em passarinho, no próprio beija-flor só me é dado encontrar maldades e perversão!

Sempre turvos e sinistros desenganos! Sempre o mal neste mundo de peste e de misérias! Este mundo será, pois, o inferno, ou pode o inferno ser pior que este mundo?... Deixei o Passeio Público, maldizendo da vida, detestando o homem, a mulher, toda criação, pedindo a Deus a morte, como o indigente faminto pede pão, como a escrava que é mãe, e a quem a maldição do cativoiro ainda não corrompeu e anulou a sensibilidade, deseja e pede a liberdade do filho.

Que noite de horror e desespero passei! Mas, enfim, o cansaço, o sofrimento do corpo que respondia às torturas morais da alma venceu a luta do espírito que procurava em vão imaginar consolações: ao romper da aurora adormeci.

Lembro-me que meu último sentimento na tormentosa vigília foi de desgosto da vida e de repugnância a toda a humanidade.

XVII

E como esses cinco últimos dias, ainda mais trinta, um mês inteiro de desenganos e desilusões! Em casa a imagem constante da tripla traição na companhia obrigada de meus três e únicos parentes; fora de casa a pronta descoberta da maldade e da mentira de todos os homens e de todas as mulheres.

Vi, encontrei somente o mal em tudo e em toda parte, nos seres orgânicos e nos inorgânicos, nas obras das ciências e das artes, nos livros e nos monumentos.

Para escrever tudo quanto me mostrou a visão do mal seria preciso encher com a pena molhada em veneno muitos e volumosos livros e atormentar a minha alma com o registro vivo das mais aflitivas observações.

Resumirei muito em breves palavras.

Eu tinha por amigos dois jovens da minha idade que moravam perto de nossa casa; a intimidade em que eu vivi com ambos, nos tempos da minha miopia física e moral, me foi sempre de grande consolação; mas a luneta mágica me fez logo conhecer o erro perigosíssimo dessas relações de tantos anos: um desses jovens, o mais alegre, espirituoso e brincalhão, era um homem imoral, desprezador das leis humanas, afrontador das leis de Deus, sem consciência, sem crenças, sem fé, tipo da sensualidade sem freio, besta que só cuidava em satisfazer prazeres do mundo.

O outro, que me agradava ainda mais, porque se mostrava sempre sério, pensador e equilibrado em suas ações, era um calculista frio, sem escrúpulos na escolha dos meios para atingir o fim que tinha em mira; o seu princípio moral consistia em salvar as aparências; furtaria a bolsa do amigo, se tivesse a certeza de não o verem furtar; venderia sentenças, se fosse juiz; estava cansado de esperar pela morte de um tio, de quem contava ser herdeiro; filho único, porém não legítimo, do pai recebeu boa fortuna e esquecia a mãe ainda viva e abandonada na miséria e no desprezo.

Separei-me de homens tão indignos da minha amizade; mas por isso mesmo mais profundos se tornaram o deserto e a noite

da minha vida e a medonha solidão no meio da mais agitada e brilhante sociedade.

O que faz sofrer este estado escuro, terrível do espírito ninguém sabe, ninguém faz **ideia**, só eu, que o estou sofrendo.

XVIII

Um dia vi uma elegante e nobre senhora, que passava, deixar cair com angélico disfarce duas moedas de ouro na mão de um mísero leproso, que, deitado no primeiro degrau da escada da entrada de uma igreja, esmolava tristemente; ela levou o lenço aos olhos para enxugar duas grossas lágrimas, que tornavam sublimes suas faces; segui a nobre senhora com a minha luneta fixada sobre ela: ah!, o disfarce foi mentira, a caridade era exibição; as duas lágrimas eram duas pérolas falsas preparadas e expostas pelo artifício da hipocrisia; essa mulher casou rica, dominava o marido, gastava anualmente vinte contos de réis em vestidos e enfeites, economizando exageradamente em casa, negando comida aos escravos, lhes dando almoço e jantar muitas vezes insuficientes e compensando a pobreza da alimentação com **frequência** de castigos ferozes e de torturas repugnantes.

Em outro dia, vi um padre de boa aparência orando; não tirava os olhos do chão, se trajava com severa decência, própria do seu ministério, levava no rosto a marca da seriedade de seus costumes e, na expressão suave de seus olhos e de sua boca meio risonha, a manifestação da sua piedade: eram olhos de conforto espiritual, e boca de perdão. Prestei atenção nele com a minha luneta por mais de três minutos: os olhos de conforto espiritual eram vulcões de depravação, a boca do perdão era a fonte de palavras santas no altar e no púlpito, mas de seduções vergonhosas fora do templo; esse padre tinha corrompido uma donzela, abandonando-a depois à prostituição; esse padre discutia previamente a doação das missas, fazia do altar balcão de traficantes, brigava por uma vela de libra³¹ ou meia vela de cera,

³¹ Vela de sétimo dia.

guerreava com os outros padres na sacristia, não se lembrava mais da conta das missas que devia e desonrava enfim o sacerdócio, ultrajando o Cristo com exemplos de desmoralização e de ganância que pervertiam o rebanho católico.

Uma vez quis ler um artigo de um jornal diário que me haviam recomendado por muito importante e bem escrito. Com efeito, logo no primeiro período achei **ideias** claras e luminosas escritas com elegância e pureza; bem depressa, porém, me revoltei, descobrindo no significado de uma declaração a realização da ambição mais desenfreada, disfarçada em provérbios de moral sublime a manipulação intrigante da publicação de um grupo, nos protestos do amor da pátria a mentira do mais falso egoísmo e na ostentação de franqueza e independência dissimulado o preço pelo qual se alugou o escritor. Irritado, fiz em pedaços o jornal maldito.

XIX

Em outra ocasião, passando pela Rua dos Barbonos, parei diante de uma casa reservada à mais piedosa e santa tarefa, e vi armado em sua parede aquele aparelho móvel que se chama armário dos rejeitados³².

Ora, pois! Disse a mim mesmo: aqui é impossível que eu descubra o mal; porque neste caso o mal está somente na mãe, ou na família cruel, que rejeita o recém-nascido; mas na casa que se abre para recebê-lo, salvá-lo, adotá-lo não pode estar senão o bem, a caridade, a santidade.

E fitei a minha luneta no armário por mais de três minutos. Quem diria! O armário da piedade bem depressa me pareceu antes protetor do vício e da desmoralização do que medida salvadora de inocentes criancinhas condenadas; esse armário me

³² Chamado à época de “roda”, era uma espécie de armário colocado em portarias de conventos, hospitais, asilos, etc., pelo qual se passavam objetos do exterior para o interior. No caso da narrativa, passavam-se crianças rejeitadas pelos pais.

pareceu leito ruim de falsa caridade, porta do abandono, da perdição, talvez algumas vezes do cativo do dos míseros rejeitados; li no berço desse armário cem histórias sombrias e, recuando espantado, preferi a miopia à visão do mal e cheguei a pensar que para muitos dos rejeitados e para a sociedade seria melhor a sepultura do que o armário.

E me retirei, meditando, refletindo sobre o que acabava de ver.

Fique à parte a questão moral, social da conveniência de tais estabelecimentos de caridade. Que faz o armário ao rejeitado? Se pode, livra-o da morte; mas depois condena sua vida: era talvez preferível deixá-lo morrer.

Ser ou não ser: se a instituição é de caridade, que seja plenamente, não se corrompa, recorrendo a meios que em regra geral são fatais aos rejeitados; se não pode ser plenamente, não cumpre o seu objetivo.

Que faz o armário? Recebe o rejeitado e depois o rejeita. A verdadeira caridade não rejeita.

O armário, o que faz? Oferece os rejeitados à criação de quem os vem pedir e os leva a dez, a vinte, a **cinquenta** e mais léguas de distância, e fica muito contente de si, porque paga a criação do rejeitado por dois terços menos do que custa o aluguel de uma ama.

E por esse preço criar rejeitados é negócio que se explora!

Que destino espera pelo rejeitado que o armário, por sua vez, rejeita? Pensar nisso me faz tremer.

O mísero inocente é feliz, se acha seios de mulher em que se aleite, e fica apenas analfabeto e sem educação; a sociedade é que não pode esperar ser agraciada por semelhante rejeitado de armário.

E o que não é feliz desse modo tão infeliz?...

E o rejeitado que fica reduzido a escravo da família que o foi pedir?... E o rejeitado que morre na miséria, longe do armário que o rejeitou e que paga sua criação muitos meses além da sortuda morte do mísero condenado?

E o rejeitado de cor preta, ou de cor menos branca, que tão facilmente substitui o escravo que morre e que toma dele o nome para ser vendido pela perversidade de algum infame dentre os negociantes de criação de rejeitados?

Esta última **ideia**, a suspeita da possibilidade... Talvez da realidade de tão grande crime penetrou no meu espírito, como punhais que rasgassem meu coração. Tudo, pois, que eu via no mundo era maléfico, pavoroso, medonho!

XX

A minha vida se tornava mais pesada, insuportável fardo. Não havia para mim na Terra nem consolação, nem luz de esperança; se me tivesse faltado a profunda fé em Deus e a educação católica, o meu recurso teria sido o suicídio, porque a visão do mal me levou ao desespero.

Compreendi bem o horrível sofrimento da minha vida.

Em três parentes que eu possuía no mundo descobri três hipócritas exploradores da minha fortuna e do meu infortúnio.

Em dois amigos quase da infância achei dois miseráveis sem moral nem consciência.

Fiquei sem as santas prisões da família e sem a doce confiança da amizade.

Quis tomar conta dos meus bens e criar para mim uma família e me empenhei em acertar com um bom procurador e com uma donzela digna de ser minha noiva, e todos os procuradores que estudei eram homens repulsivos e trapaceiros, e todas as donzelas que observei me inspiravam repugnância, pelas suas ruins qualidades morais e graves defeitos.

Para qualquer lado que me voltei, fitando a minha luneta, vi somente sob falsas aparências corações corrompidos pelos vícios ou manchados pelo crime.

Não houve uma exceção! Todos os homens ferozes, todas as mulheres ainda piores que os homens! O mundo me pareceu povoado por demônios de ambos os sexos; porque foi absurdo acreditar que somente na cidade do Rio de Janeiro toda a população nacional e estrangeira fosse má e estivesse pervertida.

Descobri no Sol fontes de terríveis calamidades, no beija-flor uma criatura malvada; na imprensa uma instituição

condenável, em estabelecimentos de caridade lições e práticas de desumanidade.

Desacreditei do advogado, do padre, do sábio, do artista, de todos e de tudo!

Achei-me na Terra sem um parente amado, sem um parente possível, sem uma noiva possível, sem sociedade possível.

Em todos vi o mal; porque logo desconfiei mesmo daqueles que não estudei por mais de três minutos com a luneta mágica.

A visão do mal me causava já certa espécie de terror; um dia me lembrei de fitar a luneta no prato que acabavam de me servir o jantar; mas estremeci e não a fitei, receoso de encontrar veneno; que me importava ser envenenado? Era melhor não ver.

Foi assim que passei mais outro mês que se arrastou como um século.

Que viver de torturas!

Tende piedade de mim, meu Deus! Tirai-me deste mundo, onde eu vivo só, absolutamente só em solidão infernal, ou com um único, inseparável, amaldiçoado, mas inflexível e horripilante companheiro, com o mal que eu vejo em tudo, em todos, em toda a parte.

XXI

O armênio tinha razão: a visão do mal é um poder fatal, uma qualidade que aniquila a paz, o sossego, as afeições, a vida do desgraçado que tem esse poder; mas agora é tarde! É muito tarde; me joguei em grande precipício e é inevitável que eu vá morrer no fundo do abismo.

Pode-se viver sem crenças, sem a mais frágil esperança, sem o mais indeciso raiozinho de confiança em algum homem, em alguma mulher... Pode-se; porque é assim que estou vivendo.

Recebi hoje uma carta do Reis, a quem não voltarei a chamar meu amigo; pois não me é possível ser amigo de homem algum.

Eu não tinha voltado à casa do Reis nem para cumprir o dever de cortesia, indo lhe render agradecimentos, e também ao armênio pelo favor da luneta mágica.

Não voltei e não volto lá: detesto o armênio e desconfio do Reis; o melhor sinal de imerecida gratidão que a ambos posso e devo dar é esquecê-los, é não ir lá fitar por mais de três minutos sobre eles a luneta que me deram: o armênio é concentrado e rude; o Reis é falante e gentil; quem sabe o que a minha luneta me mostraria no íntimo de qualquer deles?

Devem ficar muito agradecidos a mim por não ir vê-los: detesto o armênio, desconfio do Reis; não quero relações com eles.

Mas a carta do Reis me deu o que pensar; é esta, *ipsis verbis*:³³.

“Rio de Janeiro, 1º de abril de 1868: Ilmo. Sr.: Não mereci a graça de uma visita de V. S^a. depois da noite da operação cabalística do armênio, e apenas desde anteontem comecei a ter singulares notícias da sua luneta mágica; mas de modo que sou obrigado a pedir a V. S^a. o favor de explicações que me são indispensáveis.

Há dois dias que o meu armazém é procurado por numerosos fregueses e desconhecidos que se empenham por obter esclarecimentos relativos à luneta mágica. Muitos zombam do caso, atribuem maravilhas inconvenientes que se contam à exaltação perigosa da imaginação de V. S^a.; exigem porém informações sobre o armênio e sobre a operação cabalística, de que têm notícia não sei por quem.

Outros, e infelizmente não são poucos, acreditam que com a luneta mágica V. S^a. tem a capacidade de ver os corações e as consciências de quantos observa por mais de três minutos, descobrindo assim segredos, vícios que se escondem, erros que

³³ “Com as mesmas palavras”, em latim.

se ocultam e más qualidades que se dissimulam, protestando todos contra o perigo social que pode resultar de tão fatal e assombroso poder de encantamento.

Alguns, enfim, incômodos e teimosos querem por força que eu lhes venda lunetas iguais à sua e perseguem-me com insistências que perturbam meu sossego.

O maldito armênio diz que está pronto para encantar lunetas, sem dúvida com intenção maléfica; eu, porém, não permito que ele apareça no armazém.

V. S^a. compreende que tenho urgente necessidade de saber tudo o que há e se tem passado em relação à sua luneta mágica.

Devo aos meus fregueses e ao público em geral explicações sem segredos, transparência sem a mais leve sombra em tudo quanto se prepara e se faz, se imita, se aperfeiçoa, se inventa e se realiza nas minhas oficinas e do que se vende no meu armazém ou dele sai. No cumprimento deste dever há para mim escrúpulo e honra; peço, pois, a V. S^a. que me habilite para dar esclarecimentos e informações às pessoas que incessantemente estão me procurando e perguntando sobre esse importante assunto. Assinado, Reis.”

XXIII

A carta não me foi agradável; refleti por algum tempo e resolvi não responder ao Reis; a falta de resposta era inqualificável grosseria; eu, porém, já tinha em tão profundo desprezo e aborrecimento os homens, que pouco ou nada me preocupava a **ideia** de ofender o Reis. Decidi-me a fazer de conta que não recebi a carta.

Mas quem poderia ter traído o meu segredo? Revelado a minha facilidade da visão do mal? Só três homens: o armênio, de cuja ciência mágica se duvidava, e cujo testemunho era, portanto, suspeito e para quase todos seria ridículo. O Reis, que me escrevia, me interrogando, e que por **consequência** nada

A Luneta Mágica

sabia, visto que perguntava. O velho Nunes, que assistiu à cena dos trabalhos mágicos do armênio e a quem no dia seguinte eu confiei imprudente, louca e desastradamente o segredo do poder milagroso da minha luneta mágica.

Portanto, o traidor, o divulgador do segredo foi o velho Nunes, o procurador imoral e falso de quem eu fugi e a cujo convite para jantar com sua família faltei sem desculpas nem satisfações.

O velho trapaceiro desprezível procurava, pois, se vingar do meu desprezo, denunciando a todos, publicando a força da luneta que eu possuía.

Vingança inútil, vã, estúpida! Que me importa o julgamento dos homens? Que me importa o mundo?

Mundo, homens, velho Nunes e minha própria vida eu embrulho todos e tudo isso nos trapos repugnantes do meu mais profundo desprezo.

Não dei a menor importância à revelação traidora, mal intencionada do velho Nunes: pensei que, ainda quando ela pudesse me trazer desgosto e quem sabe me colocar em circunstâncias embaraçosas e desagradáveis, nem por isso me tornaria mais desgraçado do que eu já era.

Atirei a carta do Reis sobre a mesa, tomei o chapéu e fui passear, para apagar de mim três dias de reclusão **antissocial** a que me condenei.

Eu levava comigo o tormento da visão do mal e não pude imaginar que ainda outro suplício e igualmente horrível por ela me estivesse esperando no mundo em que vivia. Saí, como disse, e avancei apenas alguns passos quando reparei que muitas pessoas evitavam me encontrar, que outras me voltavam as costas, que as senhoras se retiravam apressadas das janelas.

A princípio não pude explicar o fenômeno; logo depois, porém, me lembrei da traiçoeira revelação do velho Nunes e compreendi que fugiam de mim por medo da minha luneta mágica.

— Fogem — disse, rindo a mim mesmo. — Fogem porque suas consciências doem e se reconhecem todos hipócritas e maus.

Era a primeira vez que me ria desde dois meses; o meu riso, porém, era cheio de amargura, era o rir de maldição irônica dirigida à humanidade-demônio.

Era quase noite; cheguei à Praça da Constituição e entrei no jardim, que estava cheio de povo.

De súbito ouvi surdo e longo ruído de centenas de vozes, semelhante ao trovejar longínquo da tempestade afastada; que me importava isso?... Continuei o meu passeio pelas ruas do jardim, mas antes de três minutos a Praça achou-se deserta, e no jardim apenas a estátua **equestre**³⁴ e eu!...

— Que gente! — exclamei sem poder me conter. — Não há um homem, não há uma mulher que ouse afrontar a luneta mágica.

Veio-me o desejo de olhar e estudar a estátua; imediatamente, porém, senti tanta repugnância ao engano provável das **ideias** e sentimentos que eu acreditava, ou antes acreditei, que guiavam o acontecimento majestoso e patriótico que esse belo monumento comemora e atesta com sublime orgulho, que, cedendo a generoso impulso, não quis contemplá-lo e, deixando o jardim, me dirigi ao café vizinho, à muito conhecida Casa do Braga.

Entrei, me sentei a uma das primeiras mesas e pedi uma xícara de café.

A sala estava entupida de fregueses; mas, apenas entrei e tomei um lugar, se esvaziou de repente, e um servente rude e **mal-educado** veio de mau modo me dizer que não havia mais café e que a casa dispensava a minha freguesia, e muito me agradeceria se eu não tornasse a aparecer ali.

Desta despedida formal a uma expulsão à força a distância era pequena e quase nula, era a intimação antes da violência; eu acreditava no meu direito incontestável de ser servido, pagando o que se devia; a luta, a disputa, porém, não podia ser conveniente a mim: engoli o insulto e saí sem responder uma única palavra ao atendente selvagem.

Andei às tontas, sem destino e sem norte pelas ruas; às oito horas da noite me dirigi a um dos nossos teatros, pouco importa saber qual, comprei um bilhete e fui sentar na minha cadeira.

Mal acabava de me sentar, ouvi dizer perto de mim: “É ele!”. A essa voz, que soou em tom baixo, seguiram-se outras que repetiram com ecos surdos: “É ele!”.

Em pouco tempo, o sussurro se transformou em ruído, o ruído em desordem: as senhoras que estavam nos camarotes recuaram os seus bancos até não poderem ser vistas, especta-

³⁴ Escultura que retrata um homem, geralmente importante personagem histórico, montado em um cavalo.

dores das cadeiras e da **plateia** se levantaram ao mesmo tempo como um só homem, e a gritaria geral de “fora! fora! fora!” foi barulhenta, insistente, ameaçadora no teatro.

Um porteiro veio humildemente pedir que me retirasse, me oferecendo com estúpida e revoltante aparência de bondade a pouca quantia do meu bilhete; resisti e furioso disse uma injúria ao mísero porteiro.

Mas a gritaria tempestuosa continuava; insultos agressivos, ameaças ferozes chegaram aos meus ouvidos; a polícia interveio inutilmente em meu favor; a inquietação violenta ameaçava se transformar em rebelião. No maior fervor, recebi da autoridade policial não uma ordem, porém um pedido para me retirar do teatro, do qual então imediatamente saí muito humilhado, ardendo de raiva, ferido pela reprovação de todos e ao som dos aplausos debochados, com que era festejada a minha vergonhosa retirada.

XXIV

Nos dois dias seguintes, teimei em aparecer ao público e experimentei iguais provas de geral condenação.

Nas ruas e praças fui cem vezes atacado com palavras.

Na tarde de um desses dias tentei ir passear em Niterói; mas a minha entrada na ponte da companhia Ferry³⁵ produziu um movimento ameaçador entre os passageiros, e eu tive logo de sair da ponte ao ouvir algumas vozes sinistras que repetiam: “Vamos jogá-lo ao mar!”. Em um hotel negaram-se a me dar o jantar que pedi.

O condutor de uma carruagem da praça não quis atender ao meu chamado.

E ninguém mais fugia de mim, porque todos me espantavam com ameaças.

No terceiro dia fiquei em casa; mas à noite fui a um luxuoso baile, para o qual estava desde algumas semanas convidado.

³⁵ Companhia que fabricava barcos a vapor.



SCHLOSSER

Era uma brilhante festa dada em aplauso e honra de um casamento, com ardor desejado e com alegria, abençoado pelas famílias dos noivos.

Apenas apareci, foi extraordinária a agitação que se sentiu na sala cheia de convidados; as senhoras encheram-se de terror e cobriram os rostos com os leques e os lenços; a noiva esteve a ponto de desmaiar; os homens me deixaram perceber pragas que a cortesia e o respeito à sociedade onde estavam abafavam; o dono da casa três vezes se encaminhou para mim e outras tantas recuou confuso e com evidentes sinais de aflição; eu o compreendi e, lhe poupando o amargor de uma despedida formal, fiz o que devia: fugi desesperado, chorando de raiva e cada vez mais convencido da malvadeza de toda a humanidade.

XXV

Que noite de cruel insônia, ainda mais cruel do que tantas outras, cujos horrores já havia provado!

Encontrei-me, pois, ainda mil vezes mais desgraçado do que antes!

Não creio em homem algum, em mulher alguma: sou a descrença viva.

Desconfio de todos.

Desprezo a vida, mas, sendo obrigado a viver, como vai ser a minha vida?

Um por um, todos me temem e todos me detestam.

Em toda parte sou por todos evitado, de toda parte expulso.

Ninguém me quer ver; quando apareço, ninguém me tolera.

Tocou-me a lepra³⁶ moral.

Eu sou como a peste, pois todos fogem de mim; sou pior que a peste, sou como um cão raivoso que se persegue e cuja morte se deseja!

Oh, meu Deus! Meu Deus! Eu sou católico e é somente por

³⁶ Outro nome para hanseníase, uma doença de pele que, por ser contagiosa, era bastante temida pela sociedade, o que levava os doentes a ser discriminados e, muitas vezes, internados em hospitais conhecidos como leprosários.

isso que não me mato; mas, se alguma vez o suicídio pudesse merecer o perdão, a vez do perdão do suicídio era esta. Meu Deus! Eu pequei, confiando na magia, me entregando a um mágico enganador, aceitando para meus olhos o socorro do demônio!

Perdão, meu Deus!

Oh! Como é bom não ver!

XXVI

Não sei, não posso dizer quantas vezes nessa noite, furioso, peguei a luneta mágica para quebrá-la; mas, com vergonha confesso: nunca tive ânimo bastante para realizar o meu pensamento.

Não dormi um instante, chorei quase toda a noite e, quando não chorei, revirei, debati na cama em agitação violenta e devorado por torturante sede.

XXVII

Na manhã seguinte eu tinha os olhos e o rosto inchados e a cabeça atordoada; me senti doente; mas não quis anunciar o meu estado.

Às dez horas introduziram no meu quarto o Sr. A..., o dono da casa de onde eu tinha sido expulso na noite antecedente.

Recebi-o sem ressentimento.

— Está doente? — perguntou-me.

— Um pouco; sofri muito esta noite.

— Eu o previ, meu amigo, e por isso me apressei a vir lhe dar explicações, que acredito indispensáveis até para o bem do seu futuro.

— Agradeço a sua bondade; eu, porém, sei tudo e sei demais.

A Luneta Mágica

— Que sabe, pois?

— Que um miserável, o muito conhecido velho Nunes, fez espalhar a notícia de que eu possuo uma luneta mágica, pela qual chego à visão do mal e descubro todos os segredos e todas as maldades e vícios que se escondem e se disfarçam; e que o medo que causa a minha luneta faz com que se levantem contra mim todos os homens, porque com efeito todos são perversos e temem que sejam conhecidas suas perversidades.

— E então...

— Então desde que se espalhou tal notícia eu tenho sido ofendido, insultado, repellido por toda parte onde apareço. Não é isto?

— Não é tudo, como lhe parece.

— Explique-se.

— Não se ofenderá se eu lhe disser toda a verdade?

— Não: diga tudo.

— Meu amigo; a população da nossa capital é muito civilizada e não acredita no poder da sua luneta mágica.

— Neste caso, por que fogem de mim? Por que me ofendem? Por que me temem?

— Aqueles que o têm perseguido com ofensas e os que fogem tremendo da sua luneta dividem-se em duas classes, uma a que pertencem todos os ingênuos e pobres de espírito que ainda têm fé em feiticeiros e artes mágicas: há dessa gente em todas as capitais; a outra é a dos garotos que ousam rir e zombar de desgraças e males a que todos estamos sujeitos.

— Que quer dizer?

— Quanto aos mais eu vou lhe dizer o que há e arme-se de coragem para me ouvir.

— Nada mais pode me espantar e menos assustar neste mundo.

— O velho Nunes, que se proclama seu amigo e íntimo confidente, foi com efeito o divulgador das notícias que correm; e sabe o que se pensa? O que todos acreditam?

— Diga.

— Que o senhor, tendo imaginação fértil e fraquíssima razão, foi arrastado por um enganador e malvado armênio até se deixar dominar pela mais inacreditável obsessão; que por isso o senhor imagina ver o que não vê, o que não é real; supõe, julga infalível a visão extraordinária da sua luneta e, nas confidências

de alguns amigos, que aliás abusam da sua crença doentia, descreve os corpos e expõe intimidades das consciências de quantas senhoras e de quantos homens fita com a sua luneta.

— Mentira e verdade! Corpos não, é falso; minha luneta é honestíssima; almas sim, minha luneta as evidencia plenamente, e eu tenho visto em todos horríveis maldades.

— Não discutamos agora esse pretendido poder da sua luneta. O que é certo é que o simples receio de que o senhor, acreditando que vê realmente o que apenas imagina, descreva, em confidências a amigos, quadros físicos, defeitos e virtudes em que ninguém crê, mas que em todo caso ridicularizam bastante as vítimas da sua luneta, faz com que todos o evitem, todos o queiram longe, todos temam somente o ridículo que provém do que chamam sua obsessão.

— Obsessão! Que seja então; mas eu juro que não tenho um só amigo, que não tenho confidentes; isso é calúnia.

— Era meu dever lhe dar estas explicações, meu amigo. Fique certo de que não há homem nem senhora de respeito que dê importância e que tema a sua luneta mágica; mas, das suas falsas apreciações e dos sonhos extravagantes, mas não recatados, não ocultos, da sua imaginação, resultam o ridículo de que todos querem escapar.

— Entendo-o perfeitamente.

O Sr. A... me disse ainda algumas palavras consoladoras; me convidou para tratar da minha saúde alterada pelo excesso de imaginação e fraqueza do espírito e deixou-me enfim.

XXVIII

E esta!

Por **consequência**, estou definitivamente declarado doido pela opinião pública, que é a rainha do mundo, e cujos decretos não têm apelação.

A humanidade perversa e desprezível inventou o mais

seguro dos meios para livrar-se de mim: não há jeito contra ela.

Todos os homens, todas as mulheres cientes do meu poder, todos e com eles e elas todos os médicos, autoridades declaradas e decretadas no assunto, dizem que estou doido!

Não há, não pode haver uma só voz que proteste contra a sentença; porque a todos eles e a todas elas convém que eu seja reconhecido doido.

Há só uma voz que pode e deve protestar: é a minha, a voz suspeita, a voz do doido.

Por **consequência** estou... doido!

E amanhã, ou hoje mesmo, talvez daqui a uma hora, quatro ou seis policiais, quatro ou seis soldados virão agarrar-me e irão me conduzir ao hospício da Prata Vermelha!

E meu irmão se mostrará sensibilizado, e a prima Anica fingirá chorar, e a tia Domingas rezará por mim nos seus rosários!

E todos rirão de mim! E me chamarão de doido!

Meu Deus! Estarei eu realmente doido?...

Ninguém compreende os tormentos que sofri com esta nova perseguição da perversidade dos homens, com esta **ideia** da loucura que começou a agitar-me.

O atordoamento da minha cabeça aumentou, a febre me devorou com milhões de línguas de fogo, e eu falei em voz alta:

— Água! Água! Quem me dá água?...

XXIX

Lembro-me que vi entrar o mano Américo, a tia Domingas, a prima Anica e meia hora depois o médico da família.

Lembro-me que eu quis falar e não pude, porque me faltou a voz; lembro-me que procurei saltar fora da cama e não pude; porque me seguraram.

Lembro-me que instintivamente apertei a minha luneta na mão direita e que não houve esforço humano que pudesse conseguir abrir minha mão, até que o médico, chegando nessa situação, proibiu severamente o emprego de tal violência.

Lembro-me que a prima Anica perguntou:

— Ele está mesmo doido, senhor doutor?

E que o médico respondeu:

— Veremos.

Sábria resposta que não resolvia a questão.

Lembro-me que o doutor me sangrou bastante no braço esquerdo³⁷.

Vi tudo isso sem poder dizer que estava vendo.

Depois saíram todos, deixando ao pé da minha cama dois escravos fortes para, em caso de necessidade, conter o doido.

Creio que dormi; quanto tempo não sei, talvez mais de vinte e quatro horas.

Quando acordei, senti penetrante dor na mão direita: eram os meus dedos que pregados na parte superior da palma da mão defendiam a luneta mágica; abri os dedos, os levantei com dificuldade.

Quis testar a voz e disse:

— Água!

Deram-me água, que bebi com desejo febril.

Descansando outra vez a cabeça no travesseiro, tornei a fechar os olhos, mas me sabendo completamente acordado e refletidamente determinado a fingir que dormia.

O meu coração palpitava normal, eu não sentia mais nem atordoamento de cabeça, nem calor, nem sede; estava, pois, muito melhor, estava apenas um pouco abatido.

Ordenei minhas **ideias**, recordei quanto se havia passado e tirei de tudo duas principais conclusões; primeira: que havia geral conspiração para que eu fosse declarado doido; segunda: que eu me achava no perfeito gozo das minhas faculdades intelectuais.

E a melhor prova que a mim próprio dei da segurança do meu juízo foi a resolução que tomei de proceder com prudência e cuidado, me submetendo sem resistência nem oposição ao médico e aos meus três parentes e simulando estar ainda doente.

Havia, porém, uma atitude que de modo algum eu tomaria: entregar minha luneta mágica, que em vão tinham já procurado arrancar de mim; e para me poupar de maiores lutas, tirei

³⁷ Cortar o paciente e deixá-lo sangrar durante algum tempo era um antigo método empregado por médicos.

sutilmente o cordão que a fazia pender do meu pescoço e o amarrei a uma das minhas pernas. Era um recurso fraquíssimo, mas o único de que lembrei na situação em que me via com dois vigias dentro do quarto.

Calculei que, para salvar as aparências de bondade, ao menos durante alguns dias, não empregariam violências materiais contra mim na tentativa de descobrir e tomar minha luneta.

É assim a natureza humana: na minha última noite de tormentosa insônia, tive horror da luneta mágica e até por vezes o pensamento de quebrá-la, e agora a fúria dos meus inimigos que a todo o custo queriam me privar do poderoso meio que me assegura a visão do mal multiplica em meu capricho o valor desse tesouro, que eu só e nenhum outro homem talvez possui no mundo.

O homem é assim; menino mais ou menos malcriado toda sua vida.

O espírito de oposição, o prazer de contrariar os outros começam no berço e só acabam quando chega a morte.

Se quiserem que algum homem grite: “Não!”, ordenem-lhe que balbucie: “Sim”.

XXX

Asseguram que estou doido, e eu me sinto no pleno e perfeito gozo de minhas faculdades mentais.

Mas de que serve a consciência do meu estado, a certeza de que estou em meu juízo, se o mano Américo, a tia Domingas, a prima Anica, e toda a população do Rio de Janeiro me declaram doido?

A opinião pública, que dizem ser a rainha do mundo, decretou que me acho vítima de alienação mental.

Vítima, concordo que eu esteja sendo; mas alienado?... Protesto.

Doido por quê?... Porque tenho o privilégio de descobrir o mal que se dissimula; e porque não há máscara de hipocrisia que resista à minha luneta mágica!

Doido!...

Ah! Quantos homens de juízo não andarão por aí declarados doidos somente para que os golpes certos de suas palavras terríveis percama a força, com que devem ferir e despedaçar a imoralidade, os vícios e até os crimes de grandes personalidades?...

Eu não creio, não posso mais acreditar na bondade ou na virtude de homem algum; todos são mais ou menos ruins, falsos e indignos; há porém alguns que sem dúvida, com o fim de ser mais prejudiciais aos outros, e para produzir maior dano, têm o merecimento de dizer a verdade nua e crua e chamar as coisas pelos seus nomes próprios, tornando-se verdadeiros e sinceros certamente ainda por maldade.

Pois bem: esses perigosos faladores são logo denunciados ao público, sempre enganado, como doidos.

Conversem um pouco e em voz baixa com a nossa capital e reconhecerão as origens desta observação.

Um exemplo: um desses homens de palavra solta e sem medida declara sem cerimônia e citando nomes que tal e tal sujeitos que chegaram a titulares e são respeitados, elogiados e bajulados pela sua riqueza nas mais elegantes sociedades mereciam antes estar na cadeia por terem enriquecido com abusos escandalosos e crimes. “É doido.”

Outro exemplo: um jornalista que escreve sem luvas de seda, chama na imprensa de corrupto o ministro que suborna; de ladrão o funcionário ou administrador que rouba; e assim por diante, sem suavizar para que não ofenda: “Que doido!”.

Terceiro exemplo: um desastrado falador diz a um pai cego e doido pelos filhos: “Os seus filhos são vadios e agem de forma indigna”; a um esposo de quem é amigo: “A vida indecente que levamos, a depravação de teus costumes não só te mancham, como talvez preparem a vergonha da tua casa... não cause desespero a tua pobre mulher: corrige-te”. “É doido, absolutamente doido.”

E esses e outros semelhantes são doidos, e eu também estou doido; por quê?... Porque na sociedade a maior prova, o mais seguro sintoma de loucura é dizer a verdade sem disfarce, mesmo quando a verdade pode ser desagradável ou ofensiva.

E em certos casos, de que vale a consciência ao homem contra a guerra teimosa e perversa dos outros homens?...

Nem Hércules contra dois³⁸; que poderá um contra todos?...

Aqui estou eu certíssimo de me achar em meu perfeito juízo e com sérios temores de me ver obrigado a endoidecer em breve.

Os meus parentes, os meus conhecidos e todos **creem** ou fingem crer, e dizem, proclamam, gritam por toda parte que estou doido.

Há situação mais horrível e ameaçadora?

Coloque-se cada um no meu lugar.

Em casa, apenas levantado da cama, e durante o dia todo, a família, os parentes com hipócritas aparências de compaixão a repetiram mil vezes: “Coitado! está doido...”. Os falsos amigos em suas visitas a me dizerem: “Trate-se! Creia que a sua cabeça não está boa...”.

Na rua, na praça, no teatro, em toda parte uns rindo e gritando: “Está doido!”; outros com voz lastimosa murmurando: “Pobre moço! Está doido”.

Durante a noite, guardas fortes vigiando no quarto do doido.

E oito, quinze dias seguidos, um mês, família, amigos, conhecidos, desconhecidos, toda a população de uma cidade repetindo de hora em hora, de minuto a minuto, sem parar: “Está doido! Está doido!”.

Quem seria, quem é capaz de resistir a semelhante impulso violento para a loucura?... De que vale em tais casos a própria consciência contra esse acordo geral que a condena?...

O homem mais forte cede desesperado à convicção de todos, e em breve prazo começa a duvidar de si...

E desde que começa a duvidar de si, começa a enlouquecer...

Oh! É horrível!... É um martírio que os carrascos mais feroces nunca imaginaram!

³⁸ Provérbio latino: “*Nec Hercules contra plures*”.

Mas eu vou reagir!
Zombarei da fúria desses monstros que se chamam homens.

Sinto-me grande, porque sou um a enfrentar a todos.

E para enfrentá-los é condição indispensável sofrer com frieza, determinação e sem desesperar: saberei fazer; e, além da frieza e da determinação no sofrimento, é também essencial o mais profundo desprezo pela humanidade.

Oh! É impossível que eu a despreze mais!

XXXII

Era dia, e eu estava lá cansado de refletir e de esperar.

Fracos, abatidos e apreensivos, uma prolongada e profunda meditação podia ter **consequências** fatais para mim; tive medo da exaltação do meu espírito, mas, para dominá-la, para me arrancar dela, eu precisava de uma distração poderosa.

Mas de que modo me entreter, me distrair no triste recolhimento do meu sótão; deitado na minha cama e com guardas a dois passos?...

De que havia de me lembrar? Da minha luneta mágica; foi uma lembrança muito natural.

Tanto tempo já tinha passado sem que eu gozasse o poder milagroso desse tão perseguido vidrinho ótico!

Não é necessário me conter; a que risco me expunha? Os meus guardas eram escravos da família e habituados a me respeitar; eu estava certo de que eles não ousariam vir lutar comigo para me tirar com violência a luneta mágica.

Não duvidei.

Com o maior cuidado e sossego desatei a luneta mágica, que pouco antes atei prudentemente a uma de minhas pernas, e deitado como estava, não tendo objeto de escolha ou de preferência em que a fitasse, fitei-a indiferentemente no teto da casa.

O sótão, onde ficava o meu quarto, era confortável, porém muito modesto, conforme as regras de humildade da tia

A Luneta Mágica

Domingas; o teto era de telha apenas, e a casa já possuía trinta anos de existência.

O que a minha luneta me mostrou foi uma multidão de insetos muito comuns e conhecidos de todos nós para que eu me ocupe em fazer a sua descrição, segundo os apreciei durante os três minutos da visão das aparências.

Chegada, porém, a visão do mal, que imensa corte de demônios! Quanta maldade em corpos tão pequenos!

XXXIII

Vi um grilo.

Em sua natureza maléfica, o perverso diabinho, **sentindo-se** incapaz de produzir maior dano, esfregando uma base de suas asas na outra, produz o que chamam canto e que é um dos pequenos tormentos da humanidade.

Não julguem que é insignificante o malefício; perturba o sono, gasta a paciência, arranha os ouvidos, ofende os nervos e impede o sossego.

O grilo, com o seu canto desagradável, teimoso e importuno, se parece com esses homens cruéis, destruidores da cortesia alheia, que muitas vezes tomam conta de uma pobre vítima que tem em que se ocupar e horas inteiras a incomodam com interminável conversa fiada.

Felizmente, para mim os grilos são mais **frequentes** nas **assembleias** legislativas do que no meu sótão.

XXXIV

Ao pé do grilo, um seu irmão pela família. Vi um gafanhoto: outro malvado e ainda muito pior; é sinistro em vida e o tem sido depois de morto.

Vivo, o gafanhoto é o inimigo do jardim, do pomar e da lavoura; dotado de infernal gula, devora flores e folhas, ervas e cereais; pelo seu peso parece desprezível, e, todavia, quando invade em multidão incalculável, quando é praga que ataca, ao seu peso estalam árvores que caem derrubadas.

Morto, o gafanhoto é em certas circunstâncias muito pior e nisso tem por igual o seu irmão grilo. Dado o caso de emigração ou de praga de gafanhotos e de grilos, se uma súbita mudança atmosférica, alguma tempestade dá cabo deles, o **consequente** apodrecimento da imensidade desses malvadinhos determina a peste que povoa os cemitérios.

Os grilos e os gafanhotos não são melhores que os homens.

XXXV

Vi uma pulga. A perversa estava cheia de sangue, talvez meu, com que havia se fartado, e atenta descansava em suas grandes patas traseiras, pronta para dar o salto de ataque ou de retirada.

A pulga é a parasita sanguinária que vive à custa de muitos quadrúpedes e que não pouco persegue o homem.

Vive de beber sangue, a cruel, e **frequentemente** piora a crueldade, ofendendo a decência com perseguição revoltante. Inimiga declarada do homem e da senhora, ousa devassar o lugar da honestidade e do recato, morder sem piedade a menina, a donzela, a esposa, a dona de casa, que temerosas dão-se a mil cuidados para descobrir e apanhar a incômoda sanguinária antes de se deitarem.

A Luneta Mágica

No teatro a pulga não falta; no baile também salta e ataca, embora menos **frequente**; às vezes vemos no teatro ou no baile uma elegante senhora, que parece preocupada, que demonstra no rosto e em leves movimentos contrafeitos achar-se de mau humor ou indisposta; em vão lhe perguntamos se sofre ou se alguma coisa lhe falta: ela não confessa; é porém uma pulga insolente, que, agarrada entre os dois brancos seios, ou abaixo de algum deles, absorve seu sangue cruelmente.

A pulga é um demônio que faz inveja a muita gente sem generosidade.

XXXVI

Vi um mosquito: outro monstro sanguinário dez vezes mais bárbaro que a pulga; porque a pulga farta-se do sangue em silêncio, e não zomba das vítimas, e o mosquito, à semelhança dos selvagens e dos bárbaros que dançavam festivos em volta dos cadáveres de suas vítimas, o mosquito, digo, bebe sangue ao som da música, ou, antes e depois de bebê-lo em nossos corpos, canta enfadonho, insuportável, ansioso, insistente como o grilo.

A natureza, que me parece mãe, fonte exclusiva do mal, auxiliou a perversidade do mosquito, lhe dando, em faces imperceptíveis e inumeráveis, imperceptíveis e inumeráveis olhos, com os quais o mosquito vê perfeitamente para diante e para trás, para a direita e para a esquerda, para cima e para baixo, pelo que se pode concluir uma coisa horrível, isto é, que cada mosquito enxerga muito mais do que os famosos políticos do Império do Brasil³⁹, que, segundo o testemunho dos fatos, mostram ser tão míopes como eu.

Por esta consideração ainda mais detesto o mosquito.

³⁹ De 1822, com a declaração da independência, até 1889, com a proclamação da República, a forma de governo no Brasil era o império.

XXXVII

Vi o cupim.

O cupim não é sanguinário, mas a sua malvadeza não é menos prejudicial à sociedade.

A visão do mal me revelou segredos incríveis que li no interior oculto desse inseto destruidor.

O cupim estraga, aniquila mais riquezas do que certos ministros da Fazenda⁴⁰ e Obras Públicas que temos tido no império do Brasil: façam **ideia** de quanto ele estraga para vencer na comparação!

Conhecendo o aspecto destruidor do maldito inseto, os carpinteiros, os livreiros, os alfaiates e as costureiras fizeram comércio de amizade e pacto de aliança com o cupim, e todos reunidos representam e formam uma firma comercial sob a denominação de Cupim e Cia.

Em dois anos arruína-se uma casa, em dois meses fica em pó e renda uma biblioteca, em duas semanas se torna sem serventia um guarda-roupa.

E note: o cupim não desiste, profundamente desprezador de todas as conveniências e revoltoso ao ponto de não dar importância nem a um decreto do ministro do império; em seu impulso de destruir, o cupim é capaz de não parar nas velhas calças brancas da corte e de ir até roer as novas calças azuis dos nossos cavalheiros.

O cupim é portanto um inseto-monstro que deve ser posto fora da lei.

⁴⁰ Ministro responsável pelas finanças do país.

XXXVIII

Além do cupim vi uma aranha.

Feio bicho; era porém ele que principalmente dominava o teto do meu sótão.

No centro da imensa teia que se estendia em admirável rede de mil fios entrelaçados por baixo de todo o telhado, o diabo da aranha se apresentava soberana.

A um movimento do ar que sacudia o fio da teia, a aranha avançava logo para, se era preciso, remendar ou dar nó à rede; ao toque de um inseto os fios tocados enlaçavam a mísera presa que a aranha ia logo devorar sem piedade.

O sistema da centralização política e administrativa estava ali perfeitamente realizado pela aranha.

Era exatamente como a administração, a polícia e a guarda nacional do Brasil⁴¹.

Mas a aranha ia em perversidade muito além desse domínio escravizador do telhado. Feia, assassina, terrível, a aranha excede em crueldade a todos os animais irracionais, e, oh assombro! Até aos racionais, até aos homens!

Como todos os insetos carnívoros, ela caça, mata e devora outros insetos.

Pior que os outros insetos assassinos, guerreira e mata os da sua própria espécie, da mesma forma que os homens.

E ainda pior que os homens, a aranha, o tipo da malvadeza levada ao extremo, à perversidade *nec plus ultra*⁴², à mais horrível exceção em tudo, a aranha mistura o amor com o ódio e o gozo com o assassinato, a aranha cede ao instinto, obedece à lei da reprodução da espécie e, satisfeito o império natural da lei, a aranha, como a antiga e fabulosa amazona⁴³, ataca, fere e mata aquele mesmo que pouco antes lhe deu a glória de encher de ovos férteis a sua teia.

Onde se viu perversidade semelhante?!

⁴¹ Corporação militar que existiu de 1831 a 1910, composta por cidadãos armados.

⁴² “O que há de melhor”, em latim; no texto, o auge da perversidade.

⁴³ Na mitologia grega, mulheres de uma tribo guerreira exclusivamente feminina.

XXXIX

Horrorizado com a aranha, desviei dela a minha luneta mágica e em movimento de repulsão levei o inseto até uma das extremidades do telhado, onde encontrei metade do corpo de um rato que me olhava esperto e com ar que me pareceu de zombaria.

Senti vivo desejo de estudar o rato e o fixei com a minha luneta; mas o tratante somente se deixou exposto durante minuto e meio e fugiu, me deixando ouvir certo ruído que me pareceu verdadeira risada de rato.

E fiquei sem poder apreciar esse quadrúpede roedor e perigoso pela visão do mal! O rato é, de todos os animais que tenho encontrado, o único que não me foi possível estudar tanto quanto desejava.

Por quê?...

Seria isto efeito do acaso?

Ou é que os ratos têm no Brasil o privilégio de escapar à justa curiosidade e às justíssimas perseguições de quem os deve apanhar e pôr em vigilância?

Não creio nesta segunda hipótese.

As ratoeiras estão em toda parte; todos sabem.

Agora, o que desconfio que seja verdade é que a justiça pública arma ratoeiras que só apanham os camundongos e deixa e tolera que famosas ratazanas andem impunes, floresçam e brilhem, fazendo farofa pelas ruas da cidade.

XL

Ainda conservava a minha luneta mágica fixada no ponto de onde me fugiu o rato, quando ouvi barulho de pessoas que vinham subindo a escada do sótão e ouvi a voz do médico.

O meu primeiro cuidado foi esconder a luneta do mesmo modo que antes fiz, e em seguida fechei os olhos e fingi que dormia um sono **tranquilo**.

Era minha intenção, me fingindo adormecido, ouvir as observações do médico e dos meus três ruins parentes para saber o que devia esperar e temer, e como deveria ou esperaria proceder.

Confesso que foi grande atrevimento meu querer iludir o médico com um sono falso; contei, porém, com a ligeireza habitual dos exames de muitos desses doutores que, depois do primeiro e detalhado estudo do doente, supõem governar a natureza e a doença e dão a cada uma de suas visitas a duração de cinco minutos por cerimônia.

Desconfio que a visão do mal tem me tornado sarcástico; mas os homens merecem ser tratados assim.

XLI

Entraram.

Reconheci as vozes do doutor, do mano Américo, da tia Domingas e da prima Anica.

— Ele dorme — disse a prima Anica.

— Sono reparador — observou o médico com um tom de professor.

E logo tomou meu pulso com a maior delicadeza, para não me despertar; tocou minha face, passando por ela a palma da mão, e examinou o calor dos meus pés.

— Do mais grave perigo está salvo — disse então o doutor. — Operou-se uma mudança benéfica, e a congestão foi curada a tempo. Respondo pelo nosso homem.

— A notícia não pode ser mais agradável — disse o mano Américo. — Mas eu receio muito alguma recaída...

— Não é impossível.

— O problema resiste.

— Que problema?



SCHLOSSER

A Luneta Mágica

— A posse em que ele está da luneta que supõe mágica.

— Luneta que é obra do diabo! — exclamou a tia Domingas.

— Luneta traiçoeira e má — acrescentou a prima Anica.

— Minhas senhoras, não acreditem no poder mágico da famosa luneta para que eu não me convença de que devo tratar aqui de três doentes em vez de um.

— Essa é boa! — tornou a tia Domingas. — Pois seria a primeira vez que o espírito maligno fizesse das suas no mundo? Bem se diz que os médicos não são religiosos.

— O senhor doutor talvez tenha razão — disse Anica. — Há, porém, coisas que fazem a gente ficar tonto!

— Eu creio — respondeu o médico em tom brincalhão. — A senhora, por exemplo, não tem em si o espírito maligno, e, contudo, aposto que terá desorientado as cabeças de muitos moços de bom gosto.

— Ora, ora.

— Mas, doutor — disse logo o mano Américo. — Tratemos seriamente deste caso: eu também não tenho a simplicidade infantil de acreditar no poder mágico da luneta fatal; todavia meu irmão está possuído dessa ideia.

— O que é mau sintoma, concordo.

— Muita gente se julga ofendida pela luneta e a teme...

— Além disso, é preciso tratar dessa gente que sofre tanto, como seu irmão.

— O doutor está brincando...

— Não; falo sério.

— Penso que seria muito adequado, e ainda que à força, tomar essa luneta e quebrá-la.

— Francamente — disse o médico. — Acho que seu irmão, iludido por um suposto mágico, se tornou vítima da própria imaginação exaltada no maior extremo; com certeza essa ilusão, de que ele é escravo, assumiu o caráter de obsessão...

— Então...

— Ou é possível ou impossível curar sua obsessão: se é impossível, para que atormentar seu irmão inutilmente? Se é possível, nós o curaremos mais tarde...

— Mas...

— Agora eu o vejo escapando apenas a um ataque cerebral que ameaçou tomar proporções terríveis, e o ressentimento

de qualquer violência que ele sofresse seria capaz de levá-lo à sepultura.

— E a influência maléfica da luneta?

— Proíbo que contrariem e que desgostem de qualquer modo o nosso doente.

— Então ele está realmente doido, senhor doutor? — perguntou Anica.

— Cuidado, minha senhora; seu primo foi seriamente ameaçado de uma congestão cerebral; nós o ajudamos a tempo; conseguimos prevenir um caso talvez desesperado, mas qualquer descuido pode ainda ser fatal.

— A minha pergunta...

— Foi menos cuidadosa; se seu primo a ouvisse receberia cruel impressão. Felizmente ele dorme.

XLII

Senti verdadeira dor de consciência por estar com o meu fingido sono enganando ao homem que tão decidido me defendeu.

Abri os olhos; fiz de conta que despertava.

— Como vamos? — me perguntou o doutor.

— Acho-me bom; mas fraquíssimo.

— Fui eu que o enfraqueci: tirei seu sangue, como nenhum outro médico se lembra mais de tirar; agora a moda é não usar a lâmina; eu porém adoro ainda a minha...

— Obrigado, doutor. Se quiser me estender sua mão, eu a beijarei... duas vezes.

— Tão bom me acha?

— Pela minha gratidão, o acho ótimo.

— Logo nem todos os homens são maus.

Compreendi o comentário e guardei silêncio.

— Daqui a alguns dias resolveremos esta importante questão; agora não lhe permito conversar nem mesmo com os seus parentes.

A Luneta Mágica

— Pode ficar descansado nesse ponto, doutor; juro que não lhes darei uma palavra.

— Que ingrato! — murmurou Anica, que apertava uma das minhas mãos.

— Além disso, quero que esteja absoluta e perfeitamente **tranquilo** e sem a mais leve preocupação triste ou temerosa no ânimo.

— Como?

— Onde está sua luneta?

— Tenho-a escondida, doutor.

— Escondida por quê?

— Não me pergunte o que sabe: a minha luneta é o único tesouro que possuo no mundo ou na vida e querem me roubar!

— Não é preciso se exaltar tanto; confie mais em seus parentes, que o amam e que são os primeiros a garantir ao senhor a posse do seu suposto ou verdadeiro tesouro.

— Ontem à noite empregaram a força, lutaram, me machucaram para arrancar minha luneta...

— Engana-se: ontem à noite o senhor teve ardente febre e delírio... não se passou o que acaba de dizer; pode usar de sua luneta sem receio algum; se **tranquilize**, acalme o seu espírito; os seus parentes estão aqui, e em prova de cuidado e de amor estão prontos, embora isso não seja necessário, a lhe dar todas as seguranças...

— Sim, mano Simplício — disse Américo em tom carinhoso.

— Podes usar da tua luneta com a mais plena liberdade, que eu serei o primeiro a fazer respeitar por todos os meios.

— Benza-te Deus, menino! Que mal nos faz a tua luneta?

— exclamou a tia Domingas.

— Primo, eu preferiria morrer a lhe causar o menor desgosto, assobiou suavemente Anica com a sua voz de música afinada.

— Já ouviu? — me perguntou o doutor.

Eu estava dentro de mim revoltado contra aquela hipocrisia refinada dos meus três parentes inimigos; por eles media ainda uma vez a perversão e a malvadeza da humanidade, e em meu enfurecido ressentimento desejei castigá-los, provocando a minha desconfiança.

O médico me proporcionou a oportunidade do castigo.

— Onde está sua luneta? — me perguntou ele outra vez, notando sem dúvida a minha reflexão.

— Receio... desconfio — respondi com amargura sincera.
— Apresente-a; sirva-se dela; conte com a proteção de seus parentes.

— E quem deles vai se responsabilizar? — perguntei.
Percebi um movimento, triplo movimento de contrariedade e de viva impressão de ofensa; bebi a minha vingança.

— Injusto irmão! — disse Américo.
— Que pecado contra a natureza! — gritou a tia Domingas, acrescentando em voz baixa: — Ave Maria, Deus te perdoe!

— Meu primo! Como você é ingrato! — balbuciou a prima Anica.

O doutor caiu na risada.

Os médicos são os homens que mais riem ou os homens que nunca riem, porque são os homens que mais e melhor estudam a humanidade, por obrigação da profissão.

Eu quis provar que não tinha me comovido e, aplaudindo em minha consciência a bem colocada risada do médico, confirmei a conclusão da minha bem fundada desconfiança, repetindo a pergunta:

— E quem deles vai se responsabilizar? Quem se atreve a ser o fiador⁴⁴ dos meus três parentes?

— Eu — disse o doutor.

Sem mais pensar desatei a luneta e, apresentando-a, a fixei ousadamente, observando em rápido movimento as quatro pessoas que estavam diante de mim.

O médico ria com sarcasmo.

O mano Américo, a tia Domingas e a prima Anica se mostravam contrariados pelo vexame e no mais completo e ridículo desapontamento.

Como é vil, ruim, baixa e indigna a humanidade!

⁴⁴ Responsável pelos atos e/ou finanças de outra pessoa.

XLIII

Este médico será uma exceção entre os homens?... Será bom e honesto?... A sua boca pronunciou palavras justas e leais; o seu proceder foi de um médico consciente; enganou-se com o meu fingido sono, ou por ligeireza de observação, ou por inocência; mas que será este homem no fundo do coração? Evidentemente ele me defendeu; me pareceu bom e honesto; eu, porém, não confio mais em aparências.

Com a luneta mágica, vou estudar o meu doutor, quando tiver ocasião oportuna.

XLIV

Passaram assim mais ou menos cinco dias.

Eu me sentia perfeitamente restabelecido; mas o médico teimava em me receitar colheres de um remédio que, ajudado de severa dieta, me enfraquecia cruelmente.

Este tratamento me torturava; no quinto dia consegui que se suspendessem as malditas colheres do remédio; mas ainda ficou a dieta, apenas ligeiramente modificada no tratamento.

Apesar disso, o médico era conveniente para mim: achei nele o meu protetor, e, o que é melhor, o defensor dos meus direitos de posse absoluta da luneta mágica. Ouvi-o por mais de uma vez lançar o ridículo sobre os meus três ferozes parentes que teimavam em tirar-me meu tesouro.

Estimei, amei, adorei o excelente doutor, o único homem que eu tinha encontrado com bastante amor à verdade para sustentar que eu não estava doido e que não tinha receio da minha luneta, cujo poder, se eu nisso acreditava, era, dizia ele, apenas inocente obsessão facilmente curável.

Esta última apreciação, que era um erro, talvez notável

contradição de médico, pois, se havia em mim tal obsessão, era fácil que ela me levasse à perda completa do juízo, essa contradição, que bem podia ser um recurso empregado pelo doutor para me consolar, no fim dos contas me era útil, e fiquei tão agradecido que decidi não fitar a minha luneta no doutor.

Eu lhe devia tanto que preferi viver enganado sobre ele do que me expor a descobrir sentimentos repugnantes nesse homem.

XLV

Em todo este tempo o meu dedicado irmão, que com tristes lamentações insistia em me considerar doido, conservou sempre no meu quarto um ou dois escravos de vigilantes.

No sétimo dia de tratamento, o doutor, logo que entrou acompanhado dos meus três adoráveis e estremecidos parentes, despediu as malditas sentinelas, declarou que não eram necessárias e que, pelo contrário, deveriam ter sido dispensadas desde o segundo dia.

Ficamos no quarto, o doutor, o mano Américo, a tia Domingas, a prima Anica e eu.

— Ora, pois! — disse o médico, dirigindo-se a mim. — O senhor está bom, e hoje venho me despedir do seu tratamento.

Desfiz-me em agradecimentos, que saíram do meu coração.

— Muito bem — tornou ele. — Quero pôr em prova imediata a sua gratidão.

— Que quer de mim? Fale, doutor.

— Todos falam da sua luneta mágica; o senhor acha que por meio dela pode ler no livro íntimo dos sentimentos dos homens: isto é verdade?

— É verdade, doutor.

— Ótimo; eu duvido de tudo isso e quero que dissipe as minhas dúvidas: dá-me palavra de honra que vai dizer em alta voz tudo quanto ler e encontrar em minha alma, fixando em mim sua luneta?

A Luneta Mágica

— Doutor!

— Eu o exijo.

— Oh! não!... Eu lhe devo muito...

— Eu o exijo, me dá palavra de honra?

— Dou; é contra minha vontade; mas dou.

— Mire, pois, em mim a sua luneta. Que venha a experiência.

Com impulsos de curiosidade, talvez de insensata saudade da visão do mal, tremendo, porém, de bem-vindo medo, fixei a luneta mágica no rosto do médico, que imóvel e inabalável se deixou observar.

Vi e fui dizendo o que via.

— Cabelos castanhos e crespos, rosto elevado, olhos pequenos, mas brilhantes e penetrantes no olhar, nariz curvado, faces pálidas, lábios grossos, pouca barba, mãos finas e delicadas, corpo bem feito, e... oh!...

— Que é isso?...

— A visão do mal! — exclamei.

— Venha ela!

— Não! Não! Não!

— O senhor me deu a sua palavra de honra: cumpra-a!

— Não!

— Eu o exijo.

Obedeci e falei tremendo e contra minha vontade.

— Bela inteligência e estudo profundo diminuídos pela ambição do ganho e pela perda da sensibilidade! O senhor desperta à meia-noite ao chamado ofegante de um pobre, cuja esposa agoniza, e responde friamente: “procurem outro médico; se a mulher agoniza, não vou lá”; e, os lençóis aconchegando ao corpo, dorme sem remorsos; o senhor faz pacto de aliança com as doenças dos ricos que pagam, prolonga os tratamentos para multiplicar as visitas e dobrar os lucros... o senhor é materialista e sem fé, não admite alma, espírito, ri da vida eterna, admira o acaso e não reconhece Deus, criador do universo, criador do homem, Deus do castigo do mau que não se arrepende, Deus do perdão do pecador arrependido!... O senhor é o homem da inteligência, raio do céu, e da ciência incompleta, vaidosa e corrompida da Terra! O senhor é uma fonte de erros e de abominações, o senhor é perverso!...

O médico fez ouvir estrondosas gargalhadas, talvez para disfarçar a confusão em que sem dúvida ficou, e saiu do quarto,

rindo cada vez mais barulhentamente, após meu irmão, minha tia e minha prima, que fugiram espantados do testemunho tremendo da visão do mal.

XLVI

A luneta mágica tinha caído no meu colo e eu mergulhei em mais tristes reflexões.

Ainda um desengano, o último! O doutor, que foi tão bom, tão leal para comigo, que me pareceu tão cuidadoso no tratamento da minha doença, que com tanto acerto a combateu, o médico que usando da sua autoridade proibiu que empregassem a menor violência para arrancarem a minha luneta, esse homem que eu quis que fosse uma exceção entre os homens, era, como os outros e mais do que muitos outros, indigno da minha consideração pelo seu ruim caráter.

Os seus rigorosos cuidados tinham tido por fim demorar a cura para ganhar mais dinheiro!...

A defesa da minha luneta foi devida à falta de fé, que o levou até o selvagem extremo de negar a existência do espírito que anima o homem e do Deus eterno e onipotente!

Isso, porém, não me espantou: me afligiu, me aflige; mas eu já estava preparado para o desengano cruel; apesar dos meus impulsos da gratidão, eu já desconfiava do médico.

O que me preocupa agora, o que me atormenta é a negritão do meu futuro e a incerteza terrível dos tormentos que me esperam.

Que será de mim?... Que vou eu sofrer?... Por que provações vou passar?...

XLVII

Não posso mais ser feliz: é impossível.

Aborreço a todos, e todos me aborrecem.

Sou um contra todos, a sociedade toda está em guerra aberta contra mim. Não pode haver luta, vou desistir; cairei ao primeiro golpe.

O grito do primeiro garoto, a pedrada do primeiro menino malcriado será o anúncio do meu sacrifício.

A voz geral grita que estou doido.

O médico que me tratou protesta que não estou doido; mas confessa que estou maníaco. A distinção não me salva.

Ficarei para sempre fechado neste quarto, ou, se aparecer na rua, gritarão mil vozes: “o doido! o doido!”.

E arrastarão o doido para o hospício dos alienados...

E me arrancarão à força a minha luneta mágica, e vão quebrá-la, destruir o poder da visão do mal!...

Oh! É horrível esta situação.

XLVIII

E de que me serve mais esta luneta fatal?...

Ela já me fez conhecer demais o mundo e os homens. De agora em diante, nada mais pode ensinar que seja novo para mim.

Se me arrancarem a luneta, se a quebrarem, ficarei em todo caso com o conhecimento que ela me deu; que a quebrem pois! Pouco importa.

O que me apavora é a incerteza e o medo das aflições a que tenho de me sujeitar.

Se ao menos eu soubesse, se eu pudesse prever o que se



SCHLOSSER

projeta, se planeja e se realizará contra mim amanhã... de hoje a três dias, daqui a um mês ou mais tarde...

Se eu pudesse acabar de uma vez com esta incerteza que é o pior dos martírios... Oh!... O armênio me proibiu de fixar a luneta mágica por mais de treze minutos sobre o mesmo objeto, porque além de treze minutos começaria a visão do futuro.

A visão do futuro!... É a que eu desejo, o que ardentemente agora desejo.

É verdade que o armênio também me assegurou que a visão do futuro me era negada, e que a luneta mágica se quebraria entre meus dedos, se eu a fixasse sobre o mesmo objeto por mais de treze minutos.

Mas quem sabe se o armênio procurou me enganar?... Quem me diz que ele não inventou esse meio, que não empregou essa proibição para impedir que eu chegasse até a visão do futuro e dela me aproveitasse?...

A visão do futuro me daria poder igual ao do mais respeitado mágico; com ela eu seria igual ao armênio...

O coração me diz que o armênio quis me enganar, e que eu posso ter a visão do futuro; e por ela me tornar igual a ele no tamanho do poder mágico.

Quero fazer a experiência. Que me pode acontecer de pior?... Quebrar-se a luneta entre os meus dedos... Ora! Sem a visão do futuro, de que, para que mais me serve esta luneta?...

XLIX

O desejo forte, irresistível da visão do futuro me dominou absolutamente. Ansiei por efetuar a experiência.

Mas o futuro que eu, principalmente e antes de tudo, desejava conhecer era o meu.

Como era possível que eu fitasse a minha luneta mágica em mim próprio, no meu próprio rosto?

Pensei em vão uma hora e acabei entendendo que não há

recursos para vencer o impossível.

Pois há! Capricho do encanto extraordinário da minha luneta mágica, há.

Em um momento de inspiração que me pareceu feliz, me lembrei de fitar a luneta na imagem do meu rosto refletido pelo vidro do espelho.

E saltei da cama, corri ao espelho e fitei na imagem do meu rosto a luneta mágica.

L

Eu me vi pálido, abatido, desfigurado, me vi outro e muito diferente do que eu ainda era um mês antes... vi meus olhos fundos e meu olhar inquieto, cheio de chamas, e como que assustado... vi sem dar importância ao que via, os defeitos e talvez os dotes físicos do meu rosto.

Eu estava ansioso pelo fim dos treze minutos; quase que não tinha consciência do que estava por força vendo... eu tremia e esperava a visão do futuro: era a minha única **ideia**.

De repente estremeci violentamente.

Oh! Sem que eu nisso prestasse atenção, sem que eu tivesse esperado isso, oh!... cheguei antes da visão do futuro à visão do mal!...

E querem sabê-lo?... Vi a minha perversidade!...

Meu Deus! Isto é necessariamente mentira, ou castigo; meu Deus! eu não sou assim!...

Vi que sou o mais infame caluniador e inimigo dos meus parentes! Vi que no delírio de malvadeza infernal levantei calúnias contra os homens, atiro calúnias sobre nobres senhoras e inocentes donzelas, ousou insultar ao pé dos altares os sacerdotes, respiro o mal, vivo do mal, semeio o mal...

Eu estava em convulsão... me detestava... tinha horror de mim próprio, desprezo pela minha suja individualidade, me vi tão imundo, tão profundamente vil e asqueroso que desejei cuspir e, se pudesse, teria cuspidido no meu rosto.

A Luneta Mágica

Eu me vi ainda venenoso como a pior e a mais enraivada das serpentes; vi-me em fúrias de enraivadas atrocidades, posseso do demônio, me vi morder em delírio todos os seres da criação e, maldito imundo, horroroso, ultrajando a Deus, o criador.

Soltei um grito de pavor incrível e, apertando os dedos desesperado, quebrei, fiz em migalhas a luneta. E, sem sentir a dor da mão ferida e **ensanguentada** pelos pedaços de vidro que tinham nela se entranhado, fui cair na cama chorando compulsivamente, e, por entre dolorosos soluços, bradando em alta voz:

— Perdão!... Perdão!... Perdão!...

Fim da primeira parte.

Segunda Parte

I

Oito dias fiquei trancado em casa, maldizendo da minha infelicidade.

Eu tinha recebido da experiência uma grande lição; mas como quase sempre acontece ao homem, a lição da experiência veio quando eu não podia mais aproveitar.

A insaciabilidade do desejo foi a causa determinante da minha desgraça.

Pobre míope, o que eu mais ambicionei, por muito tempo em vão, consegui enfim obter um dia: tive uma luneta potente que deu a meus olhos a vista penetrante da águia.

Alcançado benefício tão grande, tesouro tão precioso, aquilo que me pareceu impossível desejei mais! Quis ter e gozar a visão do mal, a que o armênio sabiamente me aconselhou não expor, me esclarecendo sobre os seus perigos.

Mas desejei e quis ter, e tive, essa visão fatal, e por ela me tornei o homem mais desgraçado.

Não me corrija ainda assim e desejei a visão do futuro que me foi proibida, sob pena de quebrar-se em minhas mãos a luneta mágica.

Desejei e quis ter a visão do futuro; mas antes de chegar a ela detestei a luneta, que me inspirava horror de mim próprio, e em furioso impulso despedacei o vidro mágico, realizando-se desse modo a sentença do armênio.

E agora os meus olhos ficaram sem luz, estou tateando as trevas, e o desejo de aproveitar a natureza com a vista é mil vezes mais ardente do que antes; porque eu já vi e já sei o que perco não vendo como antes.

Ah! no outro tempo eu era como um cego de nascença, infeliz; porém não tinha noção da profundidade da minha miséria; agora eu sou o cego que já viu, que cegou depois de ter visto e que sabe tudo quanto perdeu com a cegueira!...

Maldita seja a fome do desejo, que envenena a vida do homem e que mil vezes o leva a sacrificar o imenso bem que possui pela ambição de possuir mais ainda o que não é preciso para a felicidade da vida!

Eu já vivi no mundo da luz e agora estou condenado, me condenei a vegetar na prisão das trevas.

II

O despedaçamento, a destruição da minha luneta mágica foi muito festejada pelos meus três parentes, e, pelo que me disseram, a notícia do fato mereceu as honras de uma nota do *Jornal do Commercio*⁴⁵, espalhou-se pela cidade e **tranquilizou** o espírito da sua população, que tanto se exaltou contra a visão do mal que eu possuía.

O mano Américo teve a bondade de me fazer ouvir um discurso consolador, em que me demonstrou que eu tinha sido vítima de um longo acesso de loucura; que eu nunca vira mais do que antes; que a minha miopia não podia se beneficiar de recurso ou socorro algum; que, enfim, quebrando a luneta, eu me libertei de uma ilusão perigosíssima, e finalizou o discurso com essa conclusão, jurando que estava pronto a continuar a ver e pensar por mim.

A tia Domingas mandou apanhar todos os pedaços do vidro que eu quebrei e lançá-los ao mar, dizendo que havia neles malícia do diabo, de que eu estive possuído, durante não poucas

⁴⁵ Jornal que circulava à época no Rio de Janeiro, fundado em 1827.

semanas, e manifestando finalmente a crença de que o poder das suas orações causou o despedaçamento da luneta mágica e de que a salvação da minha alma e a doce tranquilidade da minha vida teriam tanto mais segurança, quanto mais completa e irremediável fosse a minha miopia, que me livrara de enormes pecados.

A prima Anica foi dos três parentes o único que teria podido me fazer sorrir, se nos meus lábios fosse ainda possível acontecer um sorriso suave e por haver no meu coração um resto de confiança para essa moça interesseira e egoísta.

A prima Anica procurou me convencer de que a minha luneta diabolicamente encantada me fez ver os objetos ao contrário do que eles são na realidade, e que por isso mesmo eu devia acreditar e considerar formosa a senhora que me tivesse parecido feia ou menos bonita e vê-la como virtuosa, pura e dedicadíssima aquela que pela visão do mal eu houvesse julgado provocante, má e calculista. Lembrou-me Cícero⁴⁶, defendendo a própria causa.

E, logo depois dessa teoria sobre a luneta mágica, a prima me perseguiu cruelmente para que eu lhe confiasse em segredo todas as revelações que eu recebi da visão do mal relativas às senhoras do seu conhecimento. Uma vez, por inocente malícia, lhe comuniquei uma opinião cruel, talvez traiçoeira, dos sentimentos e do caráter da mais íntima e aparentemente mais estimada das suas amigas, que aliás eu não tive ocasião de observar com a minha luneta.

A prima Anica, ouvindo-me, exclamou:

— É isso mesmo! Exatíssimo juízo!...

— Anica, lhe disse eu, a minha luneta era diabólica, como você me assegura, e o que ela me fez apreciar e me mostrou se deve entender pelo contrário, segundo a sua opinião...

— Primo, respondeu-me Anica sem hesitar, o diabo, para enganar facilmente, às vezes diz e mostra a verdade.

Eu fiquei profundamente convencido de que houve menos diabo na minha luneta mágica do que havia nos pensamentos e nos sentimentos da prima Anica.

⁴⁶ Filósofo, orador, escritor, advogado e político romano (106 a.C. – 43 a.C.). O narrador se refere ao episódio em que Cícero se defende de uma nova lei de Roma que lhe levaria ao exílio.

III

Depois do oitavo dia da minha voluntária prisão, despertei no seguinte com o canto de um canário que festejava a aurora.

Levantei-me e fui me debruçar à janela que abria para o jardim.

O frescor suave das brisas, o perfume das flores, o ruidoso acordar da cidade me lembraram aquele amanhecer do dia em que eu fiz a primeira experiência da minha luneta mágica e as maravilhosas impressões que eu recebi, podendo ver e admirando a aurora, as flores, as borboletas, a natureza enfim.

Os pesares, as sensações repugnantes, os tormentos e o horror da visão do mal como que se varriam da minha memória exclusivamente dedicada a reviver a saudade do bem que eu havia perdido.

Apoderou-se de mim melancolia tão profunda e sombria, como era profunda e sombria a noite dos meus olhos.

Passei um dia de silenciosa amargura e me arrependi mil vezes de haver quebrado a minha luneta mágica.

Se eu tivesse sido mais prudente, e ainda mesmo discreto, por certo que não teriam me faltado meios de iludir todos que me cercavam e cercam e de conservar a preciosa luneta.

Agora é tarde, e o meu profundo arrependimento não ajuda, só duplica a aflição que me abate.

A cada momento me vinham à lembrança o Reis e o armênio, o Reis tão bom e amável, tão gentil e dedicado; o armênio tão hábil e tão sábio; tão poderoso em magia e tão leal em seus conselhos.

Lembrança inútil!

Eu havia sido tão mal educado, tão ingrato em relação ao Reis que me não era legal pensar em ir de novo bater à sua porta, que ele tinha o direito de me fechar no rosto.

E o armênio? Como poderia eu aparecer, me mostrar diante dele depois da minha desobediência aos seus conselhos?

E, todavia, eu teimava sempre em me lembrar do Reis e do armênio...

E de instante a instante perguntava a mim mesmo se o

armênio ainda se conservava trabalhando nas oficinas do Reis...

A **ideia** de voltar ao famoso armazém de instrumentos óticos da Rua do Hospício começava a me perseguir, a me dominar, como a paixão mais violenta escraviza e move, domina e arrebatava a sua vítima.

Dois únicos sentimentos ainda seguravam meus passos: eram a vergonha e o medo.

IV

É claro que eu estava em caminho adiantado para vencer o vexame, que me fazia hesitar em me apresentar na casa do Reis.

Todo o homem é mais ou menos egoísta, e, em benefício do seu egoísmo, raro é aquele que em circunstâncias importantes, em casos extraordinários, não sacrifica simples consideração de delicadeza.

Quantos homens ricos e maus que nunca deram esmola ao pobre, tornados mendigos pelo vaivém da fortuna, deixariam de estender a mão pedinte a algum recente herdeiro de inesperada riqueza, ao qual antes tivesse por vezes respondido: “Deus cuide de você”?!

Eu não fiz tanto: dominarei, pois, o meu vexame e irei à casa do Reis.

Pedirei perdão com humildade e luz para meus olhos, como um condenado à morte que pede a vida ao poder que é capaz de dá-la.

O medo que eu tenho é de sair à rua, de me expor às zombarias, às vaias, à perseguição dessa gente que me detestou, que talvez me deteste ainda por causa da visão do mal.

Em seu ódio, em seu desejo de vingança, muitos conspiraram para que eu fosse conhecido como maníaco ou doido, e em todo caso perigoso e nocivo à sociedade.

Horrível ameaça pesou sobre mim, e mais de uma voz, mais de um conselho sinistro apontava a conveniência de me recolherem ao hospício.

Eu tenho medo de aparecer a essa gente que maldizia de mim e que pedia a minha internação, o encarceramento do doido.

Tenho medo de sair à rua.

V

Refletindo bem, me parece que este medo chega a ser infantil.

Tenho duas opiniões a favor da minha segurança, duas observações que destroem todos os fundamentos do medo.

Não se provou, conforme as exigências da lei, que eu estivesse ou fosse doido; o pronunciamento impensado de muitos homens apenas poderia indicar que eu era um estranho ou enfim possuído de esquisita mania, o que nem por isso prejudicava o meu bom senso em relação a todas as circunstâncias e condições da vida particular e social.

Ora, na cidade do Rio de Janeiro, não só não se recolhem ao hospício os excêntricos e maníacos da ordem em que fui contemplado, como é certo que os excêntricos, e adoidados não reconhecidos legalmente doidos, gozam privilégios de tolerância e de perdão, e, quando algum deles ofende a sociedade, com o escândalo público, comprometendo a honra da família ou atacando de frente as mais respeitáveis e santas considerações sociais, encontra impunidade certa e desculpa segura na voz do povo, que diz: “não se faça caso: aquilo tudo é excentricidade! O homem tem suas manias, mas no fundo é boa coisa”.

Eu creio, pois, que não há lugar nem cidade como o Rio de Janeiro, em que se possa ser impunemente e sem prejuízo pessoal não somente excêntrico e maníaco, mas até doido, completamente doido, contanto que se vista de paletó escovado e se tenham meses ou dias de lucidez.

Além desta importante consideração que deve me servir, conto a meu favor o tempo, que ainda mais foi ajudado pela notícia da destruição ou despedaçamento da minha luneta mágica.

Perdida, quebrada a luneta, se acabou o motivo da perseguição que moviam contra mim. E lá vão oito dias!

Oito dias valem oito anos para memória e para as impressões mais fortes do povo da nossa capital.

Em oito dias corrige-se o político que a opinião pública irritada condenou.

Em oito dias do réu se faz o juiz do julgamento em que foi réu.

Em oito dias, às vezes, a rocha **Tarpeia**⁴⁷ se transforma em Capitólio.

Em oito dias corre o Lete⁴⁸ por onde estava se ouvindo a memória de um escândalo.

Em oito dias a sociedade ligeira, inconstante, seria capaz de santificar o diabo.

Não há atividade de opinião que resista à extensão, à eternidade de oito dias na nossa capital.

Eu tenho a meu favor oito dias: refletindo assim, perdi o medo e vou sair à rua.

Tentarei um passeio de simples experiência e, se eu for feliz, se me deixarem em paz andar pela cidade, amanhã ou depois de amanhã irei à casa do Reis.

VI

Ao cair da tarde saí.

Em relação a meus olhos pouco importava que eu sáísse de dia ou de noite; quis, porém, me arriscar a aparecer à luz do crepúsculo para observar a impressão que a minha pessoa causava ao público.

⁴⁷ A rocha **Tarpeia** localizava-se no Capitólio, centro religioso e administrativo da antiga república romana, e era o local de onde os condenados à morte eram jogados.

⁴⁸ Na mitologia da Grécia antiga, Lete era um dos rios do Hades, o local para onde as almas dos mortos seguiam. Quem bebesse de suas águas, caía no completo esquecimento.

A Luneta Mágica

Não era possível a mim apreciar expressões faciais daqueles que reparassem em mim; mas eu tinha e tenho bom ouvido de cego, e não me escapariam nem o murmurar da maledicência, nem mesmo o sussurro da curiosidade revelada em trocas de palavras abafadas.

Caminhando vagarosamente, e com atenção disfarçada, porém viva, ouvi e percebi o que alguns disseram, me vendo passar.

— Míope, ou antes cego, como antes!

— Perdeu o encanto...

— Que encanto! Caluniavam o pobre rapaz...

— Verdade?

— Foi vítima da mais cruel perseguição.

— Coitado!

— Querem-no cego para desfrutarem de sua fortuna...

— Que imoralidade!

Assim pensavam e murmuravam quase todos ao considerarem a minha infelicidade.

Inconstante e extravagante cidade! A sua opinião se modifica e até muda completamente com o passar de alguns dias, e o objeto das maldições pouco a pouco se torna objeto de simpatias.

Estudem a capital; a nossa é provavelmente como todas as outras de iguais ou maiores proporções: os seus habitantes vivem sujeitos ao contágio moral dos sentimentos; uma opinião entra em moda, poucos a examinam e discutem, a novidade a recomenda, o contágio moral a espalha, mais tarde a reflexão começa a registrar suas falhas, o espírito ressentido reage, a reação se propaga por novo contágio e se expressa destruindo a antiga opinião, e então nem distingue o que ela pode ter de exatidão e de verdade entre os erros, aliás, inicialmente aplaudidos como acertos.

A opinião pública é deslumbrante, mas leve e fugitiva; se assemelha às fadas dos contos orientais, encanta, porém ilude; é igual às jovens formosas e facilmente apaixonadas, seduzem e conquistam e mudam de amor em pouco tempo.

Quando cheguei ao fim destas e de outras semelhantes reflexões, era noite, e eu me achava sentado em um dos bancos de pedra do jardim da Praça da Constituição⁴⁹.

⁴⁹ Praça localizada no Rio de Janeiro, hoje chamada de Praça Tiradentes.

Ninguém reparava em mim, me senti ou isolado ou defendido pela indiferença de todos, e, todavia, poucos dias antes eu tinha sido naquele mesmo lugar causa de alvoroço geral e vira a multidão fugir aterrorizada da minha presença, como se eu tivesse estado na Ásia e contraído a peste negra.

É triste, miséria da humanidade! Aquela indiferença, que em minhas apreensões desse mesmo dia, eu desejava tanto, e tanto pedi ao céu, aquela indiferença, que era a paz que a população me concedia, acabou por me cansar, por despertar o ressentimento da mais tola vaidade em minha alma de pobre pecador.

A popularidade é sempre um pedestal em que o homem se levanta acima dos outros; mas a impopularidade também é pedestal, se diferencia pela reprovação ruidosa e, em vez de abaixar, também levanta, também arranca do comum a sua vítima, e, para açoitá-la, a eleva ao pelourinho⁵⁰ e mostra-a pela sua perseguição ou pelo seu ódio acima do comum.

Eu já havia experimentado a distinção torturadora da rejeição popular; eu já tinha sido centro das atenções, embora odiado, e me senti abatido, desprezado, ofendido, reduzido à invisível inexistência pela indiferença com que me deixavam desprezado no meu banco.

Houve um momento em que, incentivado, obrigado, enlouquecido pela influência traiçoeira da mais estúpida vaidade, tive impulsos de me levantar e de bradar àquela multidão que não me via: “Olhem-me! Persigam-me! Eu tenho a visão do mal...”. Mas exatamente nesse momento alguém me tocou com a mão no ombro e me disse ao ouvido:

— Até que enfim nos encontramos!

VII

Vi diante de mim e logo sentado a meu lado um vulto de homem, de quem não pude enxergar os traços e nem ao menos o estilo e a cor das roupas.

— Quem é? — perguntei.

⁵⁰ Coluna colocada em locais públicos onde os criminosos eram castigados.

A Luneta Mágica

— Pois a tal ponto se esqueceu de mim?...

— Se me conhecer, deve saber que sou quase cego.

— Sou o Reis.

Reconheci imediatamente a voz do Reis, mal pude abafar um grito que fugia da minha alma e creio que teria caído de joelhos, se esse excelente homem não me tivesse segurado.

— Perdão! — balbuciei. — Eu fui um ingrato, perdão!

— Seja cuidadoso — disse-me ele. — Conversemos em voz baixa; não é bom que o reconheçam.

Apertei com força as mãos do meu bom amigo Reis e ainda assim tive um pensamento desconfiado, maligno; pois perguntei a mim mesmo se a visão do mal não desmentiria as aparências tão convincentes da bondade e do generoso caráter deste homem.

Era a dúvida, era a descrença que a visão do mal tinha introduzido no meu espírito. Guardei silêncio inexplicável pela desconfiança que a humanidade me inspirava; mas o meu egoísmo, os planos do meu interesse pessoal fizeram com que eu mantivesse as mãos dele apertadas entre as minhas. Nele de novo eu depositava todas as esperanças de remédio, de recurso, de socorro para a minha miopia.

— Então quebrou a sua luneta? — perguntou-me o Reis.

— É verdade: em um ataque de desespero pelo horror que tive de mim próprio, ousei praticar esse ato de loucura.

E contei toda a história das maravilhas da luneta mágica e todos os desgostos que eu sofri por ela.

— Também eu por minha parte não sofri pouco; porque me perseguiram e há quem ainda me persiga por lunetas mágicas; mas, de fato, é extraordinário, e incompreensível!...

— A luneta?

— Não; continuo a não acreditar no poder da cabala; é, porém, incompreensível a ilusão dos seus sentidos.

— Não houve ilusão; eu juro...

— Juram do mesmo modo e com a mesma convicção todos que têm sido vítimas de igual ou semelhante exaltação enferma do espírito.

— Oh! eu era, como sou, tão míope que posso **considerar-me** cego, e graças àquela admirável luneta vi perfeitamente...

— Até aí creio, é possível; mas na famosa visão do mal não acredito.

— E, todavia, era real e incontestável.

— Eu só tenho fé em Deus, e creio somente na verdadeira ciência; se a magia fosse uma realidade, e eu quisesse **explorá-la**, ganharia milhões em poucos meses.

— Como?

— A obsessão do nosso armênio se agrava cada vez mais: ofendido pela descrença, e, diz ele, dedicado à minha pessoa pela influência irresistível de não sei que fluido misterioso e desconhecido de que ele me fala, se oferece para operar maravilhas que transformariam o meu armazém em oficina encantada.

— Que maravilhas?

— Entre cem outras, por exemplo, as seguintes: óculos que façam ver o que se passa a mil léguas de distância; pequenos espelhos produzidos pela magia que reproduzam a imagem do rosto de uma velha com todas as graças da sua mocidade passada; binóculos, por um de cujos vidros se veja todo o passado e pelo outro todo o presente da vida íntima da pessoa que se observa; instrumentos de precisão ótica que identifiquem o ouro, as pedras preciosas, as riquezas e os segredos dos monstros oceânicos que se escondem por baixo das camadas da terra, no leito dos rios e no fundo dos mares; óculos que emprestam à mulher morena da Arábia e à mameluca⁵¹ do Brasil a palidez fantasiosa das filhas melancólicas da poesia dos sonhos, e aos olhos negros da **européia**, e aos negros cabelos da espanhola, os olhos cor do céu azul da inglesa e os cabelos de ouro das princesas dos Cantos de Ossian⁵².

— É extraordinário!

— O armênio com efeito o é; quer saber? No dia e na hora em que o senhor quebrou a sua luneta, ele veio ter comigo e me disse: “A salamandra libertou-se: o seu míope quebrou a luneta mágica”.

— É possível?!

— Dois dias depois os jornais da capital divulgaram o caso.

— E onde está o armênio?

— Sempre trancado em seu gabinete no fundo do nosso armazém.

— Adivinhou então a minha desgraça?

— E espera-o.

⁵¹ Mulher resultante da mistura de branco com índio.

⁵² Conjunto de poemas épicos escritos por James Macpherson no século XVIII.

A Luneta Mágica

— Espera-me?

— Assegurou-me que o senhor nos procuraria amanhã: marcou o dia.

— Ainda esta! Era a minha **ideia**, confesso. E não o espanta essa previsão do futuro? Essa vidência do pensamento alheio?

— Espanta-me por certo; mas sei também que a ciência está longe de ter pronunciado sua última palavra sobre os assombrosos fenômenos do magnetismo⁵³.

— E o armênio?

— Conta com a sua visita.

— Eu hesitava e temia...

— E ele assegura que dará novo e infalível recurso para vencer a sua miopia, novo e infalível, porém não o mesmo.

— E se eu bater à sua porta?...

— A porta da nossa casa abre-se a todos os homens que vão bater a ela, e para os honestos, para os honrados, nunca houve hora em que não se abrisse.

— Irei amanhã.

— É o dia marcado pelo armênio.

— Marcou ele também a hora?

— Disse que a escolha do dia e da hora lhe pertence e que do dia e da hora depende a condição boa ou maléfica do socorro que lhe poderá dar.

— E qual a melhor hora?

— Não quis dizer.

— Em todo caso terei luz para os meus olhos?

— Terá, conforme ele assegura.

— Depois da meia-noite começa o dia de amanhã: irei depois da meia-noite... estou ansioso... irei, se a sua bondade chega a tolerar a minha visita fora de hora, pois o descanso e o sono é um direito de todos.

— Vou passar em claro esta noite; não creio na magia; quero, porém, desejo e peço uma segunda experiência do poder desse armênio que se acha mágico e se julga capaz de realizar feitos impossíveis.

— Espere-me, pois que eu irei.

— Quer que avise o armênio?...

⁵³ Para o esoterismo, seria a capacidade de captar e interpretar fluidos e energias que emanariam dos seres vivos.

- Como lhe parecer melhor.
— Em tal caso prefiro experimentar, se espera e adivinha a sua visita. Não o prevenirei.
— Conte pois comigo; mas... depois da meia-noite.
— Por que tão tarde?...
— Não sei: instintivamente desejo falar ao armênio em hora mais próxima do dia...
— O senhor me achará acordado.
O Reis se levantou e, depois de apertar minha mão, retirou-se.

VIII

Fiquei só, refletindo.

Eu ia de novo recorrer à magia e, se alcançasse outra e igualmente poderosa luneta, talvez me expor de novo às perseguições do povo.

Ter uma luneta mágica para não usar seria criar para mim um martírio. Usar a luneta mágica novamente obtida seria perigo quase certo para a minha segurança.

Voltaram, pois, as minhas tristes preocupações e os meus cuidados, e se apresentava a mim um tormento que ainda não tinha provado, a certeza da visão ou a impossibilidade de **exercê-la** pelo medo da perseguição...

Portanto, era meu destino sofrer sempre, ser sempre como o maldito dos homens!

E, em todo caso, eu desejava, eu queria poder ver.

Mas, se a magia era uma ciência sobrenatural, porém verdadeira, pois realizava as maravilhas que eu experimentei e as que iria experimentar, por que não poderia ela também me livrar da reprovação pública e transformá-la mesmo, se não em afeto, ao menos em tolerância ou aceitação?

Resolvi falar sobre este assunto com o mágico.

Não compreendo, não posso admitir a insistência com que o meu amigo Reis nega-se a reconhecer o milagroso poder do armênio.

Ou eu me engano muito, ou anda aí medo infantil de se expor ao ridículo e de passar por explorador de suposto charlatanismo na opinião dos espíritos fortes.

Os espíritos fortes! Não conheço espíritos mais fracos do que esses que se dizem fortes. A sua força consiste na negação de tudo quanto não podem explicar ou pelos sentidos ou pela sua razão, que só resolve dentro do círculo das ideias que recebe pelos sentidos. A sua negação é pois um trono consagrado à ignorância, e firmado no materialismo.

Antes eu não sabia reconhecer a profundidade destes erros filosóficos; graças, porém, à influência da minha luneta mágica, e principalmente à visão do mal, acho-me curado da minha miopia moral.

Faz-me pena, não digo a incredulidade, porque não a admito, mas a obstinação do meu amigo Reis.

Um homem que tem nas suas oficinas um mágico da força do armênio, e mágico que lhe oferece feitos maravilhosos, teima em não querer experimentar ao menos a capacidade extraordinária, os trabalhos estupendos desse esclarecido adepto da cabala.

Só o medo do ridículo e o respeito exagerado aos espíritos fortes podem explicar semelhante procedimento.

Pois eu tenho para mim que, em proveito da humanidade, e em especial serviço ao público brasileiro, devo comprometer, tanto quanto me for possível, o Reis.

Se eu conseguir, como espero, segunda luneta mágica tão admirável como foi a primeira, anunciarei pelos jornais a existência do armênio nas oficinas do Reis, e a diversidade e surpreendentes condições dos instrumentos óticos que ele pode temperar no fogo da magia.

Tenha o amigo Reis paciência, vou comprometê-lo, e as justas exigências dos seus fregueses e do público o obrigarão a aproveitar-se da habilidade mágica do armênio e a ofertar todos os instrumentos óticos por ele preparados.

Se assim não quisesse, não teria e não conservaria esse mágico em suas oficinas.

IX

Empreguei tanto tempo nestas reflexões que de repente as interrompi quando o guarda do jardim veio me dizer que era hora de me retirar, pois ia trancar as grades.

A noite se adiantava.

Deixando o jardim, pensei que não era bom voltar para casa.

Meu irmão, minha tia e a prima Anica bem poderiam desconfiar do meu primeiro e prolongado passeio depois da inutilização da luneta mágica e, ficando alerta, dificultar a minha saída de casa fora de hora.

Achei prudente este pensamento e resolvi matar o tempo, passeando pelas ruas desertas da cidade.

E passei... e andei, como o judeu errante⁵⁴; ninguém me perguntou quem eu era, nem espiou meus passos.

Míope nada vi; mas me distraí ouvindo o ruído anunciador do desinteresse da autoridade pública.

Ouvi a respiração de mais de um indigente que dormia nos degraus da entrada de uma igreja e perguntei a mim mesmo se não havia na capital do Império um asilo para a indigência sem teto, para a miséria esfarrapada e sem recurso.

Ouvi as juras e os protestos de jogadores infelizes ou roubados, que saíam enfurecidos de uma casa de apostas, onde se cantarolavam canções italianas ao som do piano na sala da frente, e se arruinavam fortunas no jogo em alguma sala do interior; e perguntei a mim mesmo por que a polícia, que invade o domínio de todos os poderes do Estado, não manda trancar as portas das casas públicas de jogo, onde tantos jovens devastam as riquezas de seus pais, tantos funcionários fazem apostas à custa do dinheiro dos patrões, tantos infelizes são criminosamente roubados por jogadores trapaceiros.

Ouvi o rumor da orgia das famosas mulheres impuras e dos velhos ricos, e jovens viciados que de copo de champanha em

⁵⁴ Segundo relatos, durante a caminhada de Cristo até a cruz um judeu teria dito a Jesus que caminhasse e, em resposta, Cristo teria dito que o judeu é quem caminharia até que o Salvador voltasse à Terra, no dia do Juízo Final.

A Luneta Mágica

punho, e, com a voz da sensualidade nos lábios, entoavam cantos obscenos em honra do ridículo da velhice, da corrupção da mocidade e do desavergonhamento da nudez e da degradação do sexo, do recato, da desonra e da honestidade; e perguntei a mim mesmo que exemplo davam aos filhos esses velhos, que esperanças devam à pátria esses jovens, que futuro esperavam as esposas e as filhas dos primeiros, as mães e as irmãs dos segundos.

Ouvi...

Deus me livre de dizer tudo quanto ouvi, jorrando do interior de certas casas, ou falando abertamente nas ruas ao ruído abafado ou à barulheira vergonhosa do vício disfarçado ou descarado.

Ouvi finalmente no som de alguns sinos o sinal de três horas da madrugada e me dirigi, então, a Rua do Hospício.

Como da primeira vez, o Reis me esperava à porta de sua casa.

X

Entrei.

Eu me achava cansado do longo passeio e pedi licença para descansar alguns momentos.

Sentei-me e respirei apressado.

O Reis se conservou em silêncio até que lhe perguntei:

— O armênio?

— Sem dúvida está no seu gabinete; não o avisei.

— Eu não posso ver o que ocorrerá daqui a pouco; conto com a sua parceria para me relatar em detalhes o que não me é possível apreciar pela vista.

— Pode estar certo disso.

— Bem; já descansei: vamos procurar o armênio.

O Reis me tomou pelo braço e disse:

— Vamos; se ele é, como afirma, verdadeiro mágico, deve ter adivinhado a sua visita; se não é, nós vamos surpreendê-lo descuidado ou dormindo.

E tínhamos apenas avançado um passo quando o armênio

mostrou-se à porta do fundo do armazém, trazendo na mão uma lanterna.

— Eu adivinhei a tua visita, jovem — disse ele.

E, fitando o Reis, acrescentou:

— Reconheça-me, pois, verdadeiro mágico.

O Reis não respondeu; evidentemente ficou confuso.

O armênio adiantou alguns passos para nós e, dirigindo-se a mim, disse:

— Criança! Não te acuso pelo que fizeste: a tua desobediência aos meus conselhos era um fato previsto pela magia; és homem, tinhas de errar, como erraste.

— Não errarei outra vez — afirmei humildemente.

— Errarás sempre e voltarás a me desobedecer.

— Não!

— Tu o verás.

— Então conseguirei outra luneta mágica?

— Sim, se fazes questão.

— Peço-a de joelhos.

— Criança! Para que teimas em querer ver?...

— Porque ver é viver.

— Eu te anunciei da outra vez que o que me pedias era o mal, o gelo do coração, a descrença na vida, e sabes que não te enganei.

— Mas ao menos eu vi, e agora de novo me acho cego.

— Criança! Tu escolheste um dia benéfico, um domingo, uma hora boa, a que antecede apenas ou vê despontar a aurora; ainda assim, porém, tu verás demais!

— Que seja!

— Tu me pedes uma segunda luneta mágica que te será fatal como a primeira.

— Já tenho por mim a experiência.

— Será o engano infantil na vida...

— Aceito!

— Será a fé insensata.

— Aceito!

— Será a inocência indefesa.

— Aceito!

— Será a zombaria do mundo e a cegueira da razão.

— Aceito!

A Luneta Mágica

— Por que, criança?...

— Porque eu quero ver.

— Verás demais!

— Aceito.

— Eu o sabia, e tanto que o altar está pronto e nos espera; já evoquei os espíritos elementares: nada falta; vamos.

Mas, ao primeiro passo, o armênio levantou a lâmpada, nos inundou de luz e disse:

— Trazes roupas de cor preta, que desagrada a Júpiter, cujo dia é hoje.

E fez com a mão um sinal que eu não vi com os olhos; mas a que obedeci, ficando imóvel, e como preso ao lugar que meus pés pisavam.

O armênio saiu do armazém para ir ao seu gabinete.

O Reis silencioso, eu imóvel, respirávamos apenas, dominados pelo encantamento do mágico que em breve tornou a aparecer, trazendo uma túnica de pano branco bordada de triângulos de prata.

Cumprindo as ordens do mágico, tirei o casaco, o paletó e a gravata que eram de cor preta e vesti a túnica.

— Agora vamos, repetiu ele.

O Reis e eu seguimos em silêncio o mágico.

XI

Não pude ver o que se passou desde que entramos no gabinete do armênio até o fim da operação mágica; contarei porém o que o meu amigo Reis me contou com inteira verdade e profunda admiração.

É necessário declarar que o meu amigo insiste em não acreditar na magia; confessando, porém, não poder explicar e menos negar os eventos de que foi testemunha pela segunda vez.

O Reis jurou culto e fé às ciências físicas e fanático por elas não quer ver o maravilhoso e o sobrenatural que lhe está entrando pelos olhos, nem sentir o que está tocando os seus sentidos.



SCHLOSSER

Todavia, leal e nobre, o meu amigo me contou tudo que viu e que vou repetir, e apelo para o seu testemunho que é insuspeito por ser testemunho de quem não acredita.

O armênio, que nos conduziu ao seu gabinete, estava vestido de roxo com tiara e braceletes de ouro; trazia no dedo anel de ouro com um rubi, e na cabeça chapéu também roxo com o pentagrama bordado de prata.

A porta do gabinete mágico se abriu inteiramente a um simples movimento da mão direita do armênio.

O interior do gabinete estava resplendente de luz e todo decorado das mesmas figuras e símbolos da cabala, que na primeira operação mágica se observaram; as cores, porém, eram outras e diferentes; as paredes estavam pintadas de vermelho vivo, tendo em cor de ouro as vinte e duas chaves do Tarô e os sinais dos sete planetas; o teto era azul como o céu no dia mais sereno, tendo no centro a figura do pentagrama brilhando, como se fosse fogo, como se tivesse pego emprestado o brilho do sol mais ardente.

A mesa que servia de altar da magia mostrava-se coberta com um imenso pano branco, alvíssimo, tendo muitas figuras cabalísticas bordadas em ouro. O chão tinha peles de leão, que conservavam o aspecto exterior das cabeças dessas feras e cujos olhos ardiam abertos.

Os instrumentos da magia, os símbolos que enchiam o altar e o gabinete eram ainda os mesmos, a vara mágica, porém, tinha na ponta um quase imperceptível triângulo de ouro.

Coroas de louro⁵⁵ e de girassol enfeitavam o altar, no qual a figura sinistra do diabo foi substituída por uma pomba, em cujo peito aberto entrava uma serpente que mordida e devorava seu coração.

Nós tínhamos penetrado no gabinete, e o mágico se sentou e se concentrou.

Um galo cantou seguidamente três vezes.

O armênio levantou-se e bradou: “Uriel! Zadkle! Gehudiel!... Oriphiel!...”.

E na parede sobre o altar esses quatro nomes surgiram em letras de fogo, como as palavras proféticas na festa de Baltazar⁵⁶.

⁵⁵ Folha do loureiro, um tipo de árvore.

⁵⁶ Segundo a Bíblia, Baltazar, rei da Babilônia, oferecia uma festa a reis pagãos quando na ocasião uma mensagem foi escrita por uma mão misteriosa nas paredes do palácio. Essa mensagem previa sua queda.

O mágico tomou em suas mãos a lâmpada mágica que estava já ardente e levou-a, dando três passos para o lado do Ocidente, e depois a depositou outra vez no altar; mas no ângulo ocidental dele.

Em seguida, firmou no meio do altar, sem esforço nem artifício observável, um finíssimo tubo de vidro azul de palmo e meio de altura e de diâmetro igual em toda sua extensão, tendo na meia polegada da extremidade inferior um orifício em que a custo entraria um fio de seda e na extremidade superior um triângulo de ouro perfurado e apenas perceptível.

Sobre esse triângulo, o armênio colocou o vidro destinado à luneta: o equilíbrio, a firmeza do tubo de vidro sobre o altar, do vidro sobre o triângulo, não tinha explicação aceitável; mas era real.

O galo cantou de novo três vezes.

O mágico estendeu o braço para tomar a vara mágica: mas ouvindo o piar de uma coruja, empunhou a espada e a manejou no espaço, exclamando: “Zadkle! Zalriel! Oriphiel!”.

O piar da coruja parou, o galo repetiu seu canto, e o armênio atirou longe de si a espada, de cuja ponta saiu uma chama que foi absorvida pelo pentagrama que radiava no teto.

Tomando então a vara mágica, o armênio mergulhou o triângulo em que ela terminava a sua ponta na chama da lâmpada e dela tirou e levou um fio de fogo até o orifício do tubo de vidro azul.

O tubo se acendeu, ou pareceu se acender todo. O mágico lançou imediatamente sobre a chama da lâmpada cinamomo, incenso, açafraão e sândalo rubro⁵⁷, e o fumo perfumado foi sair pela extremidade superior do tubo de vidro, envolvendo em ondas aromáticas o vidro que descansava sobre o triângulo de ouro.

Pela terceira vez o galo cantou três vezes, e não se ouviu piar de coruja.

O armênio radiante e cheio de si levantou o braço e firmou na vara mágica uma polegada acima do vidro e do triângulo do vidro azul em fogo.

Um minuto depois uma faísca cor de sangue negro saiu do fogo do vidro azul e pregou-se no triângulo da vara mágica; mas

⁵⁷ À exceção do incenso, são, respectivamente, a casca, um pó e uma erva retirados de árvores diferentes.

A Luneta Mágica

o armênio sacudiu três vezes a vara, dizendo: “Gnomo⁵⁸! Para os vulcões!”.

E a faísca apagou-se.

Dois minutos depois, outra faísca amarela desbotada, rompendo do vidro azul, foi tocar no triângulo de ouro da vara mágica; mas o armênio bradou: “Ondina⁵⁹! Para o centro das fontes e para o fundo dos mares!”.

E a faísca logo se apagou, como a primeira.

Três minutos depois terceira faísca, e essa cor de sangue negro, surgiu do mesmo ponto e pareceu querer mergulhar na extremidade brilhosa da vara mágica; o armênio porém bradou: “Salamandra! Para o fogo do inferno!”.

E a faísca se apagou, e o solo e a casa estremeceram debaixo de nossos pés.

E no fim de quatro minutos, ainda uma faísca brilhante se desprende do vidro azul e começou a se introduzir no ângulo em que terminava em ponta o triângulo da vara mágica.

— Quaternário⁶⁰! exclamou o armênio; absorve-te e depois te derrete, silfo⁶¹ e derretido, exagera no bem!

E a faísca pouco a pouco foi entrando na fina ponta da vara mágica, que ainda ficou imóvel e firme sobre o vidro.

Passou um minuto, e caiu da ponta da vara mágica uma gota d’água semelhante a uma lágrima no vidro.

E a pomba que tinha o peito aberto lançou um gemido.

Passaram dois minutos, e caiu da ponta da vara mágica outra gota d’água, outra lágrima, que também se misturou ao vidro, e a pomba cujo peito estava aberto, e o coração era mordido pela serpente, gemeu duas vezes.

Passaram três minutos e terceira gota de água, terceira lágrima caiu da ponta da vara mágica e foi se misturar ao vidro côncavo, e a pomba que mostrava o peito aberto e a serpente a morder e a devorar seu coração gemeu três vezes.

— Ternário⁶²! — exclamou o armênio e abaixou a vara mágica.

⁵⁸ Anão lendário que, no interior da Terra, guarda minas e tesouros.

⁵⁹ Na mitologia germânica, entidade do amor que vive nas águas.

⁶⁰ Na Cabala, quadrado perfeito que tem poderes místicos, formado pela união de quatro elementos.

⁶¹ Na tradição cabalística, o gênio elementar do ar.

⁶² Na Cabala, conceito que simboliza a perfeição formado pela união de dois elementos opostos mais o equilíbrio formado por esses elementos.

O gabinete que parecia arder em incêndio, de repente passou a se mostrar em suave luz de fim de tarde.

O armênio retirou da extremidade do vidro azul, cujo fogo se apagou, o vidro côncavo, lavou-o com água perfumada que derramou da taça mágica, o enxugou com o pano que forrava o altar, o armou em um finíssimo aro de prata, imprimiu neste o selo cabalístico e enlaçou no anel da luneta um fio de cabelo loiro, que engrossou subitamente, tomando a forma e proporções de um cordão de ouro.

Logo depois, o armênio pronunciou uma palavra cabalística, cujo sentido só ele compreendeu, e por breves momentos a luz se apagou e reinou a escuridão.

Ouvimos um grito: “Retorno!”.

O grito pareceu vir de fora e de longe, e logo duas janelas se abriram no gabinete, e o raiar suave da aurora, e o despontar do dia nos deu a claridade duvidosa e fantasiosa que vem antes do esplendor do Sol.

O gabinete mágico desapareceu por encanto: nos achamos, o Reis e eu, diante do armênio em um quarto modesto, de paredes brancas e nuas, contando apenas em seu interior uma rude mesa, uma cadeira e uma cama humilde.

— Sou o pobre que dá tesouros — disse o armênio.

E, entregando-me a luneta, continuou:

— Dou-te pela segunda vez uma luneta mágica: verás por ela quanto desejares ver; verás muito; mas poderás ver demais. Criança! Dou-te um presente, que te pode ser fatal; ouve-me com atenção: não fixes esta luneta em objeto algum, e sobretudo em homem algum, em mulher alguma por mais de três minutos; três é o número simbólico e para ti será, como na outra, o número simples, o da visão da superfície, e das aparências: não a fixes por mais de três minutos sobre o mesmo objeto; porque, além de três minutos, terás a visão do bem, que o meu poder de mágico não te pode impedir, pois a visão do bem será a vingança do silfo que escravizei para teu serviço.

— Eu te obedecerei! — respondi.

— Hoje mesmo me desobedecerás — tornou o armênio com voz macabra.

— Não! Juro que não!

— Tu verás — tornou ele. — Terás a visão do bem e serás por ela infeliz; verás demais no presente e poderias ler no futuro,

fixando-a por mais de treze minutos sobre o mesmo objeto; eu tenho porém piedade de ti e te proíbo ainda a vidência do futuro: Cashiel! Schaltiel! Aphiel! Zarabiel! Eu impeço a vidência do futuro a este jovem, e esta luneta irá se quebrar em suas mãos antes do décimo quarto minuto de fixidade.

E mal acabou de falar, o armênio deitou-se no seu leito, fechou os olhos, e imediatamente dormiu.

XII

O meu amigo Reis levou-me do gabinete do armênio para o armazém.

— E então? — lhe perguntei.

— Não sei... não sei... não sei... — repetiu o Reis, respondendo-me. — Este homem parece o demônio...

— Duvida ainda?

— Não posso explicar o que testemunhei; mas duvido sempre.

— É demais!

— Vá testar a sua luneta e volte para me dizer o que ela é; preciso saber tudo...

Foi só ouvindo esse convite do meu amigo Reis que me lembrei do pedido importantíssimo que eu devia fazer ao mágico.

— Ah! — exclamei. — Esqueci-me de pedir ao armênio algum encanto, algum talismã que me salvasse da perseguição popular. Eu não poderei usar a minha luneta sem me expor aos maiores perigos...

— Podes! — disse uma voz grave. — Nada temam.

Era o armênio que estava à porta do fundo do armazém e que, apenas acabou de pronunciar essas palavras, se retirou, desaparecendo como uma visão misteriosa.

Tratei de me despedir logo depois do meu amigo Reis, que ficou mudo de surpresa e admiração.

Era dia; venci, porém, a minha ardente ansiedade, resolvido a fazer o primeiro teste da minha nova luneta mágica em minha casa, a sós e livre de qualquer curioso observador.

Visão do Bem

I

O armênio é um mágico sublime.

A minha nova luneta é, na visão das aparências, ou igual ou superior a primeira.

Agora, sim, creio que devo e posso me considerar feliz; feliz porque possuo tão precioso instrumento ótico, feliz porque posso usá-lo sem perigo.

Fiz o primeiro teste da minha nova luneta mágica **fitando-a** de longe e escondido sobre os meus três parentes e os vi, enxerguei os traços de todos eles como enxerguei com a outra luneta, e até cheguei a ver mais, pois percebi um sinalzinho azul no meio da face esquerda da prima Anica, sinalzinho que lhe dá na verdade uma certa graça ao rosto.

Seguro da força do maravilhoso instrumento ótico, aumentou ainda mais a minha confiança no armênio, e resolvi logo pôr em prova a certeza que ele me deu de que eu poderia, sem receio de perseguição ou de perigo algum, usar da minha luneta mágica.

Apesar disso é preciso confessar que foi com algum abalo do coração e com a mão trêmula que, ao me sentar à mesa do almoço em companhia dos meus três parentes, prendi a um dos olhos por dois minutos a luneta mágica.

— Oh! Temos nova luneta? — disse sorrindo o mano Américo.

A Luneta Mágica

— É verdade, e ótima, como... a outra.

— Como a outra não — observou a tia Domingas. — Esta me parece diferente e não me faz mal aos nervos, como aquela que felizmente se quebrou.

O meu espanto não pôde ser maior.

— Vê bem? Vê muito? — perguntou-me a prima Anica, cheia de curiosidade.

— Bem e muito — respondi.

— Que tenho no meu cabelo?

— Uma rede de retrós, que os segura.

— No meu peito?

— Um amor-perfeito⁶³.

— Nas minhas orelhas?...

— Nada; não traz brincos.

— É estupendo!

— Também acho.

— Por que não deixa fixada a sua luneta?

— Porque além de três minutos de fixidade eu veria mais do que devo e quero ver.

— O mal?

— Não; o bem.

— Ora! Experimente em mim.

— De modo nenhum: o mágico me aconselhou que não fizesse isso.

— Eu lhe peço.

— Deus me livre de te obedecer, Anica.

— Empresta-me a sua luneta por cinco minutos?

— Sem dúvida.

Passei a luneta à prima Anica, que apenas a fixou, exclamou, retirando-a:

— Ah!... Nada posso ver... E que peso sobre os olhos... Que fogo...

— É efeito da magia...

— Quando eu digo que há mágicos de Deus e mágicos do diabo, não querem acreditar em mim! — observou a tia Domingas.

— Ora pois, mano Simplício — disse meu irmão. — Seja cuidadoso com a sua boa luneta.

— Olhe-me com ela! — tornou a prima Anica.

⁶³ Tipo de flor.

Fiz sua vontade, olhei por dois minutos.

— Como me acha?

— Lindos cabelos, e rosto a que um sinalzinho azul na face esquerda dá tal encanto...

Anica me interrompeu desatando a rir; mas com evidente satisfação da sua vaidade de moça.

Eu estava como assombrado.

Que mudança de **ideias**, de cuidados e opiniões com relação à luneta mágica!

Quem pudera dizer aos meus parentes que a minha nova luneta não era como a outra e que, em vez da visão do mal, continha o poder da visão do bem?

Como isto aconteceu não sei; mas aconteceu.

Evidentemente eu não tinha perseguição nem perigos a recear.

O armênio me salvou.

O armênio é verdadeiro mágico.

II

Acabado o almoço, e depois de abraçado e ardentemente felicitado pelos meus três parentes, de quem ainda continuava a desconfiar muito, voltei ao meu quarto com a alma repleta de consolação, de alegria e de entusiasmo.

Creio que entrei no meu quarto, saltando alegremente, como um candidato da oposição que se vê eleito deputado depois de uma dissolução temporária da câmara, ou como um jovem namorado que, após resistências cruéis da família da amada, recebe a decisão feliz, que lhe dá as glórias de noivo.

Beije mil vezes a minha luneta mágica e mil vezes jurei que seria cuidadoso e prudente, que me contentaria com a visão das aparências e que nunca iria além de três minutos procurar a visão do bem.

Entretanto, a visão do bem era uma coisa que não podia fazer mal!...

Esta **ideia** já havia entrado por mais de uma vez no meu espírito: ver o bem! Eu tinha sofrido tanto, vendo em tudo, em todos, e por toda parte o mal, que ver o bem poderia ser uma agradável compensação, uma profunda consolação para mim...

Mas eu jurarei a mim mesmo obedecer fielmente aos conselhos do armênio e portanto venci, esmaguei o meu desejo de ver o bem.

Irei, juro que irei me contentar com a visão das aparências: é duro, é triste me privar da visão do bem; não a quero porém; juro que não vou me expor a essa visão que o armênio diz ser inconveniente.

A visão do bem deve ser deliciosa! Mas não a quero; não sou criança louca; sou homem de juízo e de força de vontade: não quero, não terei a visão do bem.

III

Lembrei-me do meu amigo Reis.

O Reis! Tenho pena dele.

A falta de fé do meu amigo Reis é mais do que persistência no erro, é um atentado contra os direitos do público que por ela se vê privado de instrumentos óticos fabricados pela magia do armênio e que podem fazer muitas maravilhas.

O meu amigo Reis é incrédulo; eu, porém, não sou egoísta, não quero só para mim os milagres que o armênio é capaz de realizar.

Com razão, entendo que em proveito de todos devo trair o meu amigo Reis, publicando o que sei e o que obtive do armênio, e o que o armênio é capaz de dar, enriquecendo, engrandecendo, tornando mágicas as oficinas que alimentam o armazém do Reis.

Que devo fazer? É claro: vou redigir uma notícia do que obtive e consegui das oficinas do Reis, vou denunciar a existência do armênio e a sua extraordinária habilidade em magia; vou obrigar, forçar o meu amigo Reis a satisfazer os seus fregueses, tornando público o que o armênio se declara pronto para realizar em matéria de instrumentos óticos encantados ou mágicos. É

um serviço que devo prestar ao meu país e ao mundo.

Entusiasmado fixei a luneta, peguei a pena e comecei logo a escrever:

Notícia Importante

“O abaixo-assinado, possuidor de uma nova e não menos admirável luneta mágica, que, por grande favor, obtive do Sr. J. M. dos Reis, em cujas oficinas na casa de instrumentos físicos etc., à Rua do Hospício, 71, trabalha um armênio que é profundamente treinado em magia, julga do seu dever publicar um segredo que não convém ser por mais tempo guardado.

O Sr. J. M. dos Reis, teimando em não acreditar na magia, nega-se a aproveitar-se dos oferecimentos do armênio prejudicando assim os seus interesses e os do público.

Informo, pois, que o armênio, a quem devo a luneta mágica, se propõe a preparar para que o Sr. J. M. dos Reis exponha à venda no seu armazém vidros e instrumentos óticos de assombrosas condições; espelhos que refletem a imagem dos velhos com a energia da mocidade passada, óculos, binóculos e lunetas que fazem ver o que se passa e o que há a muitas centenas de léguas de distância, no leito dos rios, no fundo dos mares, no seio da Terra...”.

Oh!... que fiz eu? Que estou vendo?... Meu Deus!... É a visão do bem!...

Escrevendo, esqueci o tempo, passaram mais de três minutos, e, como previu o armênio, hoje mesmo desobedecei aos seus conselhos!

Pequei involuntariamente; como, porém, é bela e suave a visão do bem!

As palavras que eu acabava de escrever me pareceram acendidas em suave fogo em que brilhavam generosos sentimentos... as palavras escritas falavam a meus olhos, a descrença do Reis expressava o nobre rigor da ciência e a doutrina da religião; a capacidade perfeita do armênio revelava o inocente e benéfico poder da magia que os homens não compreendem, e por isso apreciam mal. A notícia escrita por mim transpirava de todas as linhas, de todas as palavras, de todas as sílabas o amor da humanidade. Em tudo e em todos somente sentimentos nobres e doces virtudes.

Que prazer! Que delícias experimentei e estou experimentando!

Ah! Por que o armênio iria me aconselhar a não usar da visão do bem?

Por que me privar destes gozos que fazem sorrir a alma limpa pela pureza e santidade do sentimento?...

Que mal pode vir do bem?...

Eu me senti feliz, imensamente feliz...

Completei a notícia, acrescentando ao que tinha escrito, o seguinte período:

“Ao público, e especialmente aos fregueses do Sr. J. M. dos Reis, cabe o direito de, à força de pedidos, insistência e reclamações, obrigá-lo a vencer a sua falta de fé e a aproveitar as ofertas do armênio mágico para facilitar ao público e aos seus fregueses todos os instrumentos óticos e maravilhosos espelhos encantados pela magia”.

Datei a notícia, assinei com o meu nome e imediatamente mandei tirar dela três cópias, para que no dia seguinte aparecesse ao mesmo tempo em todos os jornais da cidade do Rio de Janeiro.

IV

Que mal pode vir do bem?

Devo evitar a visão do bem depois de haver experimentado uma vez as sensações mais deliciosas, a suavíssima consolação que ela assegura?

O armênio me aconselhou que evitasse a visão do bem, declarando-a tão perigosa como a visão do mal; eu porém involuntariamente já quebrei essa regra do mágico...

Se há perigo na visão do bem, já, pois, desavisadamente me mostrei a ele...

A falta, a desobediência estão cometidas...

Ainda mais: o armênio afirmou que hoje mesmo eu desobedeceria aos seus conselhos, e assim aconteceu sem que da minha parte houvesse intenção.

Portanto, o que aconteceu tinha de acontecer.

Não seria vaidade tola pretender me levantar contra o inevitável, resistir à lei da magia?

E a visão do bem me foi tão agradável!

Se eu não pude vencer o encantamento da visão do mal, que me fazia sofrer tanto, como poderei vencer o encanto da visão do bem, que é tão deliciosa?...

Eu não sei se estou enrolando para enganar a mim próprio, imaginando, inventando desculpas com o fim de acalmar a minha consciência, que rigorosa me repete os conselhos do armênio; sei, porém, e confesso que a curiosidade e um desejo irresistível me levam com a mais viva força para o gozo da visão do bem, que já me encheu a alma de felicidade e de contentamento.

Eu sinto que há verdade e alegria, embelezamento da vida, amor da Terra e dos homens, sorrir do coração, luz do céu iluminando a Terra na visão do bem.

Quaisquer que sejam os perigos a que me arrisque pela visão do bem, de boa vontade os enfrentarei.

E impossível que eu me torne desgraçado por ver o bem.

Perdão, armênio! Daqui por diante vou te desobedecer intencionalmente.

Visão do bem! Eu te quero, eu te adoro, eu te bendigo e te aceito para me guiar no caminho da vida.

V

Fixei a luneta e cheguei à janela do meu quarto: vi a prima Anica debruçada à janela do seu.

Lembrei-me da **ideia** que dos sentimentos dessa moça egoísta, fria, incapaz de amar, eu fiz pela visão do mal e retirei a luneta com repugnância.

Momentos depois refleti e compreendi que exatamente pelo conhecimento que eu já tinha daquela mulher-cálculo, mulher-aritmética, mulher mais Terra do que céu, mais matéria do que espírito: mais pó do que alma, era nela que melhor experimentaria a visão do bem.

A Luneta Mágica

E fitei a prima Anica, que parecia estar meditando.

Vi seu rosto, que eu conhecia, o sinalzinho azul que o embelezava, os cabelos formosos, e...

Passaram os três minutos, e o coração e a alma de Anica se abriram, se registraram no meu espírito curioso.

Oh! Como foi caluniadora e perversa a visão do mal!

Anica é um anjo de inocência e simplicidade, e ao mesmo tempo uma senhora de juízo correto e de exemplar virtude. O que eu julguei nela gelo do coração era inocente pureza; o que eu tomei por interesse material e egoísta era a reflexão e a sabedoria instintiva de uma mulher-modelo; zelosa, sem ciúmes rudes e ridículos, econômica sem ser baixa, amante sem paixão sensual, calma, bondosa, dedicada, livre do amor da ostentação e do luxo, de costumes simples, muito amada pela família, paciente, suave, meiga. Anica é a mulher que reúne todas as qualidades para fazer feliz o homem que for seu esposo.

Encontrei a minha imagem na alma de Anica; não, porém, como a visão do mal me mostrou: a encontrei amada, ternamente amada, cercada dos cuidados e do interesse de um sentimento tão profundo como generoso que só lembrava a minha fortuna, a minha riqueza com o receio de que fossem motivos que, aumentando a ambição de alguma outra mulher, prejudicassem os sonhos do seu amor desinteressado e puro.

Vi na alma de Anica também a imagem do mano Américo, mas somente afagada por inocente e delicada afeição fraternal.

Horizonte sem nuvens, mar sem tempestades, céu de Lua cheia luminoso e sereno, jardim de belas flores sem espinhos, Terra de solidão sem florestas negras, nem abismos, nem esconderijos de feras, **tranquilidade** sem tristeza, saudade sem amarguras, chama sem incêndio, pureza, modéstia, sensibilidade, dedicação, suavidade, eis o que é a prima Anica.

De repente ela voltou os olhos para a minha janela, percebeu que eu a olhava com a minha luneta mágica e sorriu docemente para mim.

Que sorrir! Foi como um raiar de aurora.

Deixei cair a luneta e quase me ajoelhei para adorar a moça angelical.

Creio nos amores que de repente conquistam e escravizam os corações.

Creio nas paixões que de improviso se acendem.

Creio nos amores e nas paixões que os romances nos descrevem inspiradas em um momento pelos encantos de jovens formosas e de prestígio deslumbrante.

Creio; porque eu sinto que amo apaixonada e perdidamente a prima Anica.

Eu quero me ajoelhar, me prender aos pés desta moça gentil, mimosa, rica de virtudes, quero me ajoelhar a seus pés, prender-me aos seus pés como se me prendessem as asas de um anjo, que em sublime **voo** me levasse à salvação, à glória suprema, ao céu.

Abençoada seja a visão do bem; se a prima Anica quiser aceitar a minha mão, o meu nome e ser minha esposa, a santa companheira na minha viagem pela Terra, a mulher unificada comigo nos trabalhos e nos gozos da vida...

VI

Veio-me a **ideia** de correr imediatamente à presença da tia Domingas e pedir em casamento a prima Anica; mas me contive; porque me lembrei que devia para isso achar-me autorizado pela noiva, e porque desejei desfrutar o encanto de alguns dias de íntimas confidências e de prazer de namorados com a adorada moça.

Com a certeza de que eu tinha de ser amado por Anica, e com a segurança da sua virtude, alguns dias de demora no pedido de casamento não podiam senão duplicar a minha felicidade com a percepção de honestos, mas ardentes desejos da posse do objeto amado.

Empreguei o resto do dia no estudo da tia Domingas e do mano Américo pela visão do bem.

Indispensavelmente a visão do mal tinha sido a visão do diabo, que me fez ver o contrário da verdade e caluniar os mais santos corações e as pessoas mais puras e generosas.

A tia Domingas era a devoção, a piedade personalizada.

A Luneta Mágica

Aos pobres negava esmola à nossa vista, e distribuía benefícios às escondidas: era a caridade do evangelho. O bem que fazia, só ela sabia. E quando rezava, mais vezes suas orações eram por seus parentes e pelos estranhos do que por si. No governo da casa, economizava para matar a fome dos pobres, e imaginava mil pretextos para ter mais que dar e encobrir o que dava.

A tia Domingas era e é uma santa velha; o que ela faz em obras de caridade só Deus sabe, e eu agora também sei pela visão do bem.

O mano Américo é o tipo da dedicação fraternal: vive pensando em mim, negociando por mim e explorando em meu favor e benefício as evoluções, revoluções e combinações da praça do comércio⁶⁴.

Em sua dedicação sublime deixa as somas da sua riqueza própria intactas e não desviadas do uso em que se acham, e, graças a uma procuração que assinei, negocia com a minha fortuna, investindo na bolsa: se perde, perco eu e é justo; se ganha, tira dos lucros a sua porcentagem, o que é justíssimo; a prova da honradez e boa-fé do mano Américo é que a minha fortuna ainda não diminuiu um centavo, embora não tenha aumentado por causa de alguns prejuízos **consequentes** de investimento infeliz.

O que tem sempre aumentado é a fortuna do mano Américo, que nunca perde e ganha sempre; mas sobre isso nada tenho que dizer; porque o mano Américo só se ocupa de mim e faz o sacrifício de investir na bolsa somente com o meu dinheiro, e em tal caso, quando há perdas, é evidente que eu devo arcar com elas, tanto mais que, quando há lucros, meu irmão os reparte comigo.

É evidente que se o mano Américo investisse com os seus próprios recursos ganharia somente para si, e eu não teria parte nos lucros.

Eu seria o mais vil ingrato se ignorasse o que devo ao mano Américo.

A visão do bem acaba de me mostrar como ele é. A sua prudência e sabedoria igualam à sua dedicação fraternal e às exigências de sua honestidade.

Com a minha luneta mágica eu poderia gerir perfeitamente

⁶⁴ Bolsa de valores.

os meus negócios; não cometerei, porém, esse erro: o mano Américo continuará a ser o depositário de toda minha fortuna e a administrará e empregará totalmente, como entender melhor.

Oh! Quão desleal e envenenada, traidora e diabólica era a visão do mal! A que criminosos julgamentos sobre o caráter dos meus ótimos parentes me levou ela!

Ainda bem que posso, enfim, ver e apreciar a verdade e, pelo conhecimento da verdade, viver a mais bendita e risonha das vidas.

Eu me casarei com a prima Anica.

A tia Domingas será o gênio protetor da família e o anjo da caridade que fará descer as bênçãos do céu sobre a nossa casa.

O mano Américo continuará a ser o chefe, o regulador dos negócios da família, controlando convenientemente nossos bens em proveito de todos.

E eu serei o egoísta, o desfrutador de tantos benefícios e de tanta felicidade sem trabalho, sem cuidados, só me ocupando do amor da prima Anica.

Abençoado seja o armênio.

Abençoada seja a luneta mágica que me deu a visão do bem.

VII

Eu tinha a febre da felicidade.

O mundo e a vida traziam festa ao meu coração; eu desejava rir, me divertir, me alegrar. Em casa, a tia Domingas e a prima Anica dormiam cedo, e eu fiquei contrariado por conta das horas que havia de perder, deitando-me antes da meia-noite.

Veio ao espírito um pensamento extravagante e talvez menos digno de quem já se considerava noivo: lembrei-me de ir ao Alcazar Lírico⁶⁵, que nessa noite dava espetáculo e representação — não pedidos, nem para público reservado —, mas da sua série comum e, portanto, menos contidos e mais livres.

Não refleti mais: decidi a realizar o meu intento.

⁶⁵ Antigo teatro do Rio de Janeiro.

A Luneta Mágica

Na melhor hora, entrei pela primeira vez no tal teatro francês, de que tanto mal me diziam, e tomei um lugar no meio de numeroso encontro de homens e de mulheres.

Antes de tudo observei o teatro, cuja descrição não farei: achei-o bonito e confortável, mas no fim de três minutos de observação, a luneta mágica me encantou com a visão do bem.

Que injustiça fazem ao Alcazar Lírico: vi nele o contrário do que me informavam! Vi nele o ponto de reunião de todas as classes da sociedade, a chance de entretenimento para os homens pobres que não podem pagar outro menos barato, e para as mulheres que degradadas pelo vício são repelidas da boa sociedade; vi nele a melhor escola de moralidade pública pela exposição ampla e quase sem medida do comércio imoral e repugnante das criaturas desgraçadas que têm descido à última degradação: melhor que as teorias e os conselhos de um pai rigoroso, falava ali à mocidade o exemplo vivo dos perigos e das imoralidades da devassidão. O Alcazar me pareceu enfim uma bela instituição filantrópica e filosófica, a ética de Jó⁶⁶ ensinada pelos opostos, a ostentação da grandeza da virtude pela observação da baixeza do vício.

Não pude compreender a razão por que o governo do Brasil ainda não concedeu incentivos ou verbas anuais para auxílio deste admirável teatro lírico francês!

Passei imediatamente a observar os espectadores de ambos os sexos, e antes deles as atrizes ou artistas.

Logo me vi mergulhado em um dilúvio⁶⁷ de mulheres encantadoras e dos mais generosos sentimentos. Não houve para a minha luneta uma só atriz francesa que não fosse maravilhosa; se nos primeiros três minutos uma me pareceu menos bonita, outra menos bem feita, e outra menos engraçada, passados os três minutos a visão do bem me obrigou a pagar a todas elas os justos tributos da minha admiração: esta atriz me cativou pela sua rara e esquisita sensibilidade que a tornava agradecida eterna, incapaz de resistir à chama de quem, em honra de sua beleza ia se confessar, mostrar-se rendido a seus pés; aquela me deu o mais sublime exemplo do amor ao próximo; porque, aquecida nesse religioso fogo de caridade, não sabia fazer exceção no seu

⁶⁶ No relato bíblico, Deus permite que Jó, o mais íntegro dos homens, sofra inúmeras desgraças. Ainda assim, Jó permanece íntegro.

⁶⁷ Grande quantidade, em sentido figurado.

amor ao próximo, e amava todos os próximos, como a si mesma; aquela outra, vivo e surpreendente símbolo de humildade cristã, tolerante e submissa dobrava-se à vontade alheia, e era a escrava de cem senhores.

Declaro que tive medo de me apaixonar por todas essas generosas e santas criaturas, em cujos olhos ardentes, sorrisos feiticeiros, requebrados de corpo e estudadas posições, descobri somente a ambição inocentíssima de agradar, o impulso da mais terna sensibilidade, o amor mais profundo ao próximo ou aos próximos e a humildade cristã da santa moça submissa e pronta a ser escrava de novos senhores.

Evidentemente, havia para o noivo da prima Anica verdadeiro perigo na observação repetida daquelas moças tão iluminadas de inocência e de pureza; por isso desviei a minha luneta mágica e, com o coração ainda palpitante de ternura, quase de entusiasmo, fixei-a no rosto de uma jovem que estava sentada perto de mim.

Cabelos castanhos e ondulados, rosto oval e de cor pálida, com uma viva maquiagem nas faces, olhos pretos e vivos, dentes brancos iguais e em contínuo rir à mostra, o peito e os braços nus e os seios e as axilas metade fora do vestido, mãos de vadia, cintura fina, os pés calçando botinas e expostos, falando sem parar, modos exagerados, movimento nervoso, provocação e atrevimento — eis a jovem em quem eu fixei a minha luneta mágica e que não podia ter mais de vinte anos de idade.

Era, pois, moça e bonita; mas trazia no olhar, no falar, no rir, no agir a marca da devassidão; causou-me dolorosa impressão; tive dó daquela mocidade pervertida.

Entre mim e ela estava sentado um velho de sessenta anos pelo menos, que todo orgulhoso lhe falava ao ouvido, como o fazia também pelo outro lado um jovem que evidentemente devia ser mais acolhido.

A moça mostrava-se alegre e bricalhona, e sem dúvida ria-se do velho quando escutava os segredos do moço.

Interessado, perguntei em voz baixa ao velho:

— Quem é esta... mulher?

— Não a conhece? — disse-me ele admirado.

— Confesso que não.

— Pois não conhece a Esmeralda?

— Esmeralda? É o seu nome de batismo?

A Luneta Mágica

— Quase todas as prostitutas adotam ou recebem o seu nome de guerra; a moça, que está vendo a meu lado, chama-se Esmeralda, pela paixão e preferência que tem por pedras desse nome: observe o adereço que ela traz no pescoço.

— Com certeza é caríssimo.

— Sei bem o que ele vale: me custou os olhos da cara.

Voltei-me com nojo, desviando outra vez a minha luneta mágica da figura daquela mulher desgraçada e do rosto do velho ridículo.

Pouco depois mudei de lugar e me encontrei com aquele jovem meu vizinho que, alegre, brincalhão e sempre jovial, me pareceu tão indigno da minha amizade julgado pela visão do mal.

Já desconfiado dessa visão caluniadora, observei o rapaz primeiro a alguma distância por mais de três minutos, e reconheci o veneno da minha primeira luneta: o meu jovem amigo era o caráter mais correto, mais nobre e distinto que se podia imaginar.

Fui falar com ele, que me festejou com verdadeira alegria.

— No Alcazar! — exclamou enfim. — Tu no Alcazar!

— É verdade; começo a viver.

— Estás apenas meio perdido; mas eu vou fazer te perderes completamente.

— Como?

— Do Alcazar a uma festa infernal é só um pulo: queres pular?

— Não entendo.

— Convido-te para jantar com uma dúzia de demônios de ambos os sexos.

— Uma orgia...

— Pouco mais ou menos: *mademoiselle*⁶⁸ tem medo de se comprometer?

Corei da zombaria e respondi:

— Aceito, se és tu que dás a festa.

— Nessa não caia eu: quem paga a festa é o tolo.

— E quem é o tolo?

— É o bobalhão.

— E quem é o bobalhão?

— É um animal que não conheces: é o velho que a Esmeralda tira proveito.

⁶⁸ Senhorita, em francês.

- Conheço o velho; mas com que direito me convidas?
— O pateta do velho conta comigo e com um primo, de quem lhe falei, e que me dispensou por causa de uma sobrinha, que celebra esta noite um batizado de bonecas: ficarás sendo meu primo durante a festa, ou és mais tolo que o velho.
— Aceito o convite.
— Ainda bem, meu primo; começa a ter juízo.

VIII

À meia-noite, o velho, dez alegres moças e outros tantos jovens rodeavam uma esplêndida mesa.

Ridículo Baco⁶⁹ de cabelos brancos, o velho incitava todos ao barulho, às cantigas livres, às bebedeiras frequentes, à desenvoltura, à orgia enfim.

Mais bela e arrogante que todas as suas companheiras, Esmeralda era digna rainha daquela festa, que me inspirava espanto e horror.

Esmeralda, impura e doida, mostrava encantos que o pudor esconde cuidadoso, os deixando apenas serem adivinhados nas palpitações do peito que respira. Ela tinha esvaziado as taças cheias de seis vinhos diversos e pedia ainda champanha e conhaque!

Mísera bacante⁷⁰! Precisaria em breve que a levassem quase carregada para dormir em casa. A bela moça se embebedava!

Logo depois faltou o juízo a quase todos: mulheres e homens se achavam rebaixados, castigados pelos venenos da orgia e da depravação dos costumes.

Dois únicos dos convidados resistiam ao contágio fatal, o meu amigo, que bebia vinho com água, e eu, que bebia água com vinho.

⁶⁹ Deus romano do vinho e das orgias.

⁷⁰ Mulher que celebra os mistérios de Baco.



SCHLOSSER

— Primo — disse-me ele. — Estuda e aproveita esta lição.

— Tens razão — respondi. — É hora de fazer isso: devo e quero apreciar toda a indignidade e toda a imensa vergonha dos nossos companheiros.

E fixei a minha luneta mágica sobre a Esmeralda embriagada.

A princípio vi o que tinha já apreciado: seus encantos físicos, sua gentileza, que o vinho e a ousadia apenas haviam embaçado; Esmeralda era ainda bonita apesar da embriaguez e da desonra; sem dúvida que era, pois eu reconhecia, embora o sentimento que ela me inspirava fosse o da repulsão e do tédio, que nos causa a visão de um animal imundo.

Passaram, porém, os três minutos e começou a visão do bem.

Li com surpresa e compaixão na alma da embriagada a história do seu passado e dos tormentos de sua vida.

Menina de coração angelical, mimoso tipo de sensibilidade, foi muito cedo vítima do crime; era pobre e órfã, e uma parenta corrompida preparou um sinistro sonífero para ela e vendeu a um monstro sua inocência e sua pureza; riram de suas lágrimas e a arrastaram para o vício; mas, em breve despertando no meio da perversão, Esmeralda teve remorsos, detestou sua vida, foi mil vezes desgraçada; desejou amar e ser amada, como ama e é amada a senhora honesta; era porém tarde: o mundo já tinha marcado a sua face com o sinal negro da reprovação perpétua. Então teve começo a miserável vida das festas.

Tendo certeza de que é desprezível, embriaga-se todos os dias para esquecer a sua miséria moral e para se matar; sabe e sente que o conhaque queima suas entranhas e abrevia sua vida; pelo sabor não gosta do conhaque, pelos seus efeitos o adora; beberia fogo vivo se o fogo vivo se bebesse.

O seu rir contínuo é o delírio da dor, o contrário das torturas do coração em convulsões dos lábios que fingem alegria.

Ninguém a despreza tanto como ela mesma, porque na pureza dos seus sentimentos e de sua sensibilidade adora a virtude, compreende a grandeza do amor honesto e se reconhece condenável pela baixezza do vício.

Quando está só em casa e vê passar uma jovem com o vestido branco e a pura coroa de noiva na carruagem que a

conduz à igreja, Esmeralda se ajoelha, chora e reza; chorando por si e orando pela noiva.

Fatal arruinadora dos ricos, que se tornam seus apaixonados, parece nadar em mar de ouro e nunca lhe sobra o dinheiro; porque ela alimenta e veste quantos pobres a procuram; ou quantos pobres conhece; mas tem fama de gastadora e ninguém a chama de caridosa.

Nos desacertos da sua vida, Esmeralda ganhou fama de ousada, interesseira, baixa, desordenada, sem freios e louca, incapaz de uma afeição, incapaz de amar, demônio de gelo, demônio de ganância, demônio de corrupção; ela sabe disso e ri com o seu rir que é mais amargo do que o pranto mais doloroso.

Que falsa apreciação! Esmeralda é castigada pelo seu pudor natural de mulher que nasceu para ser santa; não tem ordem na vida maternal, porque abomina o planejamento egoísta a ponto de esquecer os cuidados do futuro; o que chamam sua loucura é como um castigo que ela se impõe na Terra; sensível, dedicada, radical, amando tão ardentemente a virtude que nem consegue desculpa ou perdão para sua vida manchada e vergonhosa, tem um coração que é um abismo de amor exaltado e sublime.

Se fosse amada, esposa de um homem a quem amasse, seria fiel, heroína pela dedicação, vítima pela paciência, anjo pela santidade dos sentimentos e da vida.

Contemplando essa vítima do mundo e dos homens, essa embriagada adorável, essa virtude cheia de manchas, esse querubim violado, essa mulher formosa de corpo desonrado e alma pura, esse coração todo amor, essa Madalena⁷¹ que se torturava no vício, que se atribulava na orgia, que se degradava na embriaguez, que antes da morte e com severa consciência condenava o corpo à corrupção, à podridão, às extremas e sujas misérias da Terra, e tinha a alma arrependida já metade no céu, tive impulsos de correr a beijar seus pés e de bradar: “Acorda! Volta do sono da embriaguez! Eu te compreendo e te amo, eu te regenero, dando-te o meu nome!”

Creio que dominado pelos encantos físicos e morais de Esmeralda, eu teria ido além de treze minutos de contemplação, se o meu primo de festa não tivesse tocado no meu braço, fazendo assim cair a luneta mágica que eu fixei sobre a infeliz moça.

⁷¹ Maria Madalena, segundo a Bíblia, foi uma prostituta que se arrependeu dos pecados e tonou-se seguidora de Cristo.

— Não olhes tanto para a Esmeralda — disse-me ele —
Corres o risco de ficar verde.

Ou por acaso, ou porque ouvisse a observação do meu
suposto primo, a Esmeralda cravou em meu rosto um olhar
flamejante e, logo depois destacando o corpo, bradou:

— Conhaque! Conhaque! Conhaque!

Pareceu-me então que a ouvia pedir veneno para ir se ma-
tando. Levantei-me de súbito e me atirei de encontro ao criado
que passou a deitar conhaque no seu copo; arranquei da sua
mão a garrafa e exclamei:

— Basta! A senhora não deve tomar mais conhaque!

— Pois então... vou embora — balbuciou a Esmeralda e,
no meio de gerais gargalhadas, saiu, cambaleando, apoiada no
braço do velho.

IX

Dormi mal o resto da noite; porque despertei várias vezes,
sonhando com a prima Anica e com a Esmeralda, e no dia seguin-
te encontrei as imagens de ambas, parabenizando a minha alma.

É preciso dizer que senti por isso mesmo o primeiro incon-
veniente da visão do bem: eu amava igualmente as duas moças
e refletia sobre qual delas merecia preferência.

Anica era pura; Esmeralda manchada pelo vício mais
imundo.

Anica era sóbria como todas as senhoras de educação e
apenas em jantar cerimonioso molhava os lábios com algumas
gotas de champanha; Esmeralda gostava da baixaria; da em-
briaguez.

Anica era objeto do respeito de todos, e somente em culto
à sua virtude e às delicadezas devidas ao seu sexo, alguns na
sociedade beijavam respeitosa sua mão; Esmeralda era o
escárnio de muitos e o insulto vivo da moral pública.

Mas eu, melhor que todos, conheci Esmeralda pelas reve-
lações da visão do bem e não podia deixar de fazer justiça a ela.

Anica era feliz, teve mãe e parentes cuidando dela, educação para aprimorar suas virtudes; Esmeralda era a desgraçada mártir sacrificada por infame parenta; a primeira teve todos, a segunda ninguém por si.

E, além disso, a Esmeralda conservava a delicadeza do sentimento na depravação da vida; devorada pelos remorsos, tendo aversão ao vício que a estragava, agarrava-se a ele como a um castigo e procurava abreviar seus dias com o veneno da embriaguez.

Não era Madalena arrependida, mas era Madalena delirante.

Se aparecesse um homem que, amando Esmeralda, e sendo por ela amado, lhe dissesse: “Eu te amo! Eu te dou o meu nome e te regenero!”, essa mulher se agarraria a esse homem como a um anjo de salvação, e sendo esposa dedicada e fiel o faria feliz.

O marido de Anica será certamente feliz; mas, será um desfrutador egoísta da felicidade, que toda lhe virá da esposa; o marido de Esmeralda porá fim a um grande desgraça, cobrirá com os véus do seu nome uma nudez reprovada; fará uma obra de caridade, de amor santo, que o exaltará aos olhos de Deus, que purificou a Madalena arrependida.

Em uma palavra o marido de Anica poderá ser mais feliz; mas o de Esmeralda será mais generoso.

E, todavia, eu refletia...

Às vezes, a minha razão me dizia que todas as mulheres pervertidas têm sempre no espírito, como prevenção, a história de uma perversa sedução, de martírios cruéis, de desespero, de arrependimento sem proveito, de desejo de morte e de exemplar dedicação; suas virtudes raras e seus sentimentos sublimes brilhariam sem dúvida mais vivos se achassem maridos que as regenerassem reservando-se a elas, entretanto, o direito de serem no futuro e depois de casadas dignas do seu pecaminoso passado.

A reflexão também me diz que a mocidade inexperiente e generosa tem na sua inexperiência e generosidade uma espécie de luneta mágica com a visão do bem, que faz tomar a nuvem por Juno⁷² e acreditar facilmente em tudo quanto lhe cantam aquelas perigosas sereias⁷³.

⁷² “Tomar as nuvens por Juno”: se iludir.

⁷³ Na mitologia grega, as sereias cantavam para atrair os marinheiros e, em seguida, devorá-los.

A razão, enfim, está me dizendo que o verdadeiro arrependimento exclui a **ideia** da persistência no pecado e que a prática do vício em nome do desespero, da embriaguez, em nome do desejo da morte e do esquecimento da infâmia no sono do álcool são pretextos rudes, desculpas repugnantes das mulheres depravadas.

Se é assim realmente a visão do bem, isto é, o modo de ver e de aceitar as coisas, de apreciar os fatos e de julgar os homens, o homem e a mulher sempre pelo lado bom, sempre pelas regras da desculpa, do perdão, do bem, do otimismo na humanidade, é um grande e enorme perigo tão fatal em suas **consequências** como a visão do mal, que é o extremo oposto.

Estas considerações começavam a me perturbar, a me incomodar; eu, porém, não podia, sem ofender a minha consciência, negar-me a confessar, a reconhecer, a proclamar o que tinha visto pela visão do bem, contemplando a Esmeralda com a minha luneta mágica por mais de três minutos.

Evidentemente eu seria indigno, malvado, se não declarasse, se não estivesse pronto a declarar a todos e à face do mundo que a Esmeralda é uma pobre mártir, manchada em sua vida; mas santa pelo sentimento, anjo pelo coração.

Portanto a visão do bem fazia-me adorar a Esmeralda, como eu adorava a prima Anica, e hesitar sobre a escolha, sobre a preferência entre uma senhora honesta e uma mulher perdida e ousada.

A razão fria lutava com o sentimento em fogo, a reflexão com a generosidade, o juízo com o coração.

Muitas vezes eu tinha vergonha dessa minha hesitação entre a pureza e o último insulto...

Mas hesitava sempre...

A luta era um tormento, e a visão do bem começava, pois, a me fazer mal.

X

Fiquei pensativo e menos alegre no almoço; Anica reparou nisso e me perguntou docemente qual podia ser a causa da minha melancolia.

Disse-lhe que tinha dormido mal, porque levei toda a noite a sonhar com ela; a resposta a fez sorrir e me livrou de mais explicações.

Nada é mais agradável à mulher do que o culto, e o louvor à sua vaidade.

Logo depois saí para visitar o meu amigo Reis e lhe contar a força e o poder maravilhoso da minha luneta mágica.

Uma vez por todas fica declarado que o povo da capital, assim como os meus parentes, me deixou com a mais completa e absoluta tolerância ou indiferença no uso pacífico e pleno da minha nova luneta mágica, conforme o armênio havia garantido.

Ao chegar à casa do meu amigo Reis, um homem, que com ele conversava no armazém, voltou imediatamente as costas ao me ver entrar, lhe dizendo em voz baixa algumas palavras.

O Reis veio logo me receber com a sua habitual e natural cortesia.

Sem fazer cerimônias, contei ao excelente amigo tudo quanto se passou no dia antecedente em relação à minha nova luneta mágica.

— E não haverá nisso ainda muita influência de imaginação? — perguntou-me o Reis sorrindo.

— Sempre incrédulo! — respondi-lhe. — Não há meio de convencer a um homem que não quer ser convencido.

— Lembra-se da visão do mal?

— Muito.

— Que me diz dessa visão agora?

— Que era caluniadora e perversa.

— E por que não será traidora e falsa a visão do bem?

— Suponhamos que seja; ainda assim a magia de que duvida é uma realidade, embora seja maléfica.

— Proponho-lhe uma experiência...

— Aceito-a.

— Vê aquele homem que nos dá as costas?

— Vejo.

— Vou esconder seu rosto com um lenço, e o senhor que já o julgou pela visão do mal o julgará pela visão do bem e me dirá quem é ele.

— Estou pronto: não sei se poderei dizer quem ele seja, porque não sei se a luneta mágica tem tanto poder; mas tenho a certeza de ver, de apreciar e de registrar o seu caráter e as suas qualidades boas ou más.

— Experimentemos, pois — disse o Reis.

E logo foi cobrir com um lenço de seda roxo o rosto do seu amigo ou freguês, que assim perfeitamente seguro de não ser conhecido voltou-se para mim e ficou firme, como se fosse uma estátua.

A um lado, entre mim e o desconhecido, o Reis nos observava risonho.

Fixei a minha luneta e comecei logo a falar, descrevendo o que via.

— Rosto comprido, magro, um pouco moreno, cabelos que começam a esbranquecer... este homem tem mais de **cinquenta** anos de idade . . .

E seguidamente fiz o retrato do desconhecido.

O Reis ouvia-me admirado.

No fim de três minutos de observação, senti que a visão do bem abria ao meu olhar a alma do desconhecido:

— Mal julgado por alguns; mas de nobre caráter! Este homem é procurador de causas no fórum e muitas vezes sacrifica seus interesses pessoais, servindo a ambos os clientes contrários, trabalhando para a conciliação e a harmonia; com o seu trabalho honrado e sábia economia, tem adquirido alguma riqueza e sabe atender às circunstâncias difíceis dos seus amigos, lhes emprestando dinheiro a juros; os patifes o chamam por isso agiota; em seu lar doméstico pede à esposa e à filha cuidado, zelo e trabalho para assegurar o futuro; ele trabalha, a mulher trabalha, a filha trabalha, e a riqueza da família aumenta, e com o trabalho a moralidade do lar doméstico aprofunda raízes. É um homem útil à sociedade; severo em seus costumes, rígido na educação da filha, na direção da esposa, no governo da casa, é um modelo de chefe de família, um exemplar, que por muitos pais e maridos deve ser copiado. Este homem chama-se... ah!...

A Luneta Mágica

— Que é isto? — perguntou-me o Reis, notando a minha súbita surpresa.

— Este homem chama-se Nunes... Perdão meu velho e bom amigo! — exclamei avançando dois passos para ele. — Perdão!... A visão do mal me mostrou o senhor com horríveis traços! Perdão! Perdoe-me! A calúnia não foi minha, foi da visão do mal que era traiçoeira e malvada!

Vendo-se reconhecido, o velho Nunes tirou o lenço que cobria seu rosto e me deu apertado abraço.

— Perdoa-me? — lhe perguntei.

— Com uma condição...

— Qual?

— Há de pagar a sua dívida: hoje mesmo jantará comigo.

— Com o maior prazer.

— Então também me perdoa? — perguntou-me o velho Nunes por sua vez.

— O quê, meu amigo?

— O mal que involuntariamente lhe causei; confesso que contei a algumas pessoas o segredo da sua primeira luneta mágica; mas não fui eu quem inventou as falsidades que o comprometeram na opinião do povo.

— Tudo isso é passado...

— Ainda bem!

— Amigo Reis, eu quero agradecer ao armênio...

— Vou chamá-lo já, ou antes, venham comigo.

Seguimos o Reis e, quando chegávamos à porta do misterioso gabinete, esta se abriu, e o armênio apareceu, como se nos estivesse esperando.

— Para que me incomoda? — disse-me ele rudemente. — O dia em que precisará de mim não chegou ainda. Deixe-me, vá aproveitar a visão do bem.

E trancou a porta.

O velho Nunes observou, sorrindo:

— Positivamente a magia não tem escola de boa educação.

— Não — disse eu com tristeza. — O armênio está ressentido da minha desobediência; ele tinha-me aconselhado que não usasse a visão do bem.

— Estás enganado, criança! — respondeu de dentro do gabinete a voz do mágico: o que aconteceu devia acontecer.

XI

Voltamos ao armazém e nos sentamos para conversar.

Eu estava outra vez de bom humor; a resposta do armênio tinha banido minha tristeza repentina.

— Então, meu amigo Reis?

— Não compreendo isto; mas em todo caso estou firmemente decidido a resistir ao armênio e a não permitir, a não admitir no meu armazém instrumentos mágicos.

— E se os fregueses o exigirem?

— Negarei a realidade do que não compreendo.

— E se amanhã aparecer em todos os jornais da capital a notícia da minha nova luneta mágica?

— Confio na sua discrição.

— Pois não confie; fui eu que redigi a notícia.

— Oh! Que fez? — exclamou o Reis.

Depois se acalmou logo e continuou:

— Sofrerei o que já sofri; mas desta vez lançarei todas as culpas sobre o armênio que não fala e não aparece a pessoa alguma.

— Que teimosia!

— Não quero no meu armazém instrumento algum que não seja obra da arte e da ciência humana. Eu já teria despedido este maldito armênio, se ele não fosse o artista mais hábil e dedicado nas minhas oficinas; tudo que sai das suas mãos, do seu trabalho, pode-se dizer perfeito; mas digo da sua suposta ou real magia que é perigosa à sociedade, ofensiva à religião, capaz até de perturbar a ordem pública.

O velho Nunes começou a rir.

— De que ri assim? — perguntou-lhe o Reis.

— Da sua inocência — respondeu-lhe o velho. — Vivemos na terra, no país das artes mágicas, e o senhor teme introduzir nela obras de magia! Meu amigo, o senhor está na cidade e não vê as casas.

— Como assim?

— Creia que há magias a cada canto; olhe: como é que empregados públicos e homens de todos os ofícios e condições

vivem ganhando cinco e gastando **cinquenta** em cada ano? Só por magia. Como é que um mendigo depois de dois ou três anos se torna de repente milionário? Só por magia. Como é que o Brasil festeja todos os anos o aniversário da sua constituição livre e vive, sem exceção de um dia, fora da lei constitucional e em plena ditadura, ou sob a vontade opressiva, absoluta de quem está de cima? Só por magia. Acredite: há arte mágica na vida, na riqueza, no comportamento e na fortuna de muitos; há arte mágica nas misérias da administração, nas mentiras constitucionais do governo, nas zombarias feitas à opinião, no impune desprezo do povo e até na paciência ilimitada dos que sofrem, há arte mágica.

— Basta, Sr. Nunes; no meu armazém se conversa sobre tudo, menos somente sobre dois assuntos.

— Quais?

— A vida alheia e a política do Estado.

— Pois fiquemos no que disse. Que horas são?

O Reis consultou o relógio:

— Duas e meia.

— É tempo; em nossa casa janta-se precisamente às três horas da tarde: a alegria seria completa se o amigo Reis se sujeitasse a fazer hoje esse sacrifício conosco.

O Reis recusou gentilmente o convite, declarando que devia sua presença a um hóspede.

O velho Nunes e eu saímos.

XII

Às três horas da tarde em ponto serviu-se o jantar na casa do velho Nunes.

Éramos quatro à mesa: ele e eu, sua mulher, a Sra. D. Eduvirges, e sua filha, D. Ana, a quem os pais chamavam familiarmente Nicota. Honrando com o mais bem merecido apetite, o simples jantar de família, que aliás era variado, excelente e digno da apimentada cozinha brasileira, não me esqueci de fixar a minha luneta mágica sobre as duas senhoras.



SCHLOSSER

D. Eduvirges, ainda bonita, era o tipo da senhora do nosso país; boa e agradável, mas recatada e séria, media suas palavras, governava seus olhos, sabia ser a rainha da casa, porém obediente ao rei por teoria de educação e prática da vida. Virtuosa sem violência, honesta sem esforços, **tranquila** e sossegada, feliz em seu retiro doméstico, era como harmonia musical prolongada, monótona; mas em todo caso harmonia.

Nicota contava vinte e três anos, era morena, bela, agradável, alegre e tinha uns olhos negros que me pareceram crateras de lavas apaixonadas. Eu nunca tinha visto olhos como esses e, deve-se dizer, nos olhos e no sorrir é que está a chama da vida de um rosto de mulher. A visão do bem mostrou-me a alma e o coração de Nicota. Inocente, suave, meiga, nascida para obediência de seu pai e do esposo que a amasse, educada no trabalho que moraliza, na economia que não se gasta; mas não impõe privações, modesta e religiosa, ingênua e simples, engraçada e espirituosa sem saber que o é, poética no falar sem exagero, com um olhar que é fogo, com uma voz que é música, com um sorrir que é feitiço; com sentimentos em que a pureza se identifica com o amor, Nicota me fez esquecer, durante o jantar, a prima Anica e a Esmeralda.

Levantei-me da mesa do jantar embriagado, completamente embriagado; não de vinho, mas de amor.

Se eu não tivesse contemplado com a minha luneta mágica Anica em quase todo o dia e a Esmeralda na noite passada, creio que no fim do jantar, que o velho Nunes me deu, me curvaria diante desse amigo, lhe pedindo a filha em casamento.

Em meu coração sensível já lutavam não duas, mas três imagens de moças queridas, a quem eu amava com paixão igual e sem preferência possível.

Eram três chamadas muito ardentes me consumindo, devorando minha alma perdida por qualquer dessas três criaturas encantadoras e privilegiadas.

Eu amava Anica...

Amava Esmeralda...

Amava Nicota...

A preferência, a escolha entre elas era impossível...

Eu sofria muito...

XIII

Um mês inteiro passou para mim sempre com o prazer da visão do bem em todos e em toda parte.

Mas, eu confesso, a própria visão do bem tem inconvenientes, e a cada dia que passava alguma nova dificuldade vinha perturbar a doce vida que eu vivia.

Desejando muito me casar, ter por companheira e sócia na fortuna amiga ou inimiga, nos risos e no pranto, uma mulher bela e amável, eu sentia uma barreira indestrutível opondo-se, tornando impraticável a realização desse desejo.

Do mesmo modo que me julgo com o direito de exigir da mulher que me aceitasse por esposo fidelidade absoluta, coração só meu, amor sem fingimento, assim também quero respeitar iguais direitos naquela que me aceitar por marido, nem admito que seja pura e abençoada pelo céu a minha união com a noiva que eu levar ao altar, se ela tiver um pensamento para outro homem, e se eu tiver um pensamento amoroso para outra mulher.

Ora, o que me está acontecendo é que, para meu sofrimento, eu amo Anica, Esmeralda, Nicota e amo ainda com o mesmo ardor mais trinta jovens senhoras, que tenho estudado com a visão do bem!

Dizem que com uma paixão mata-se outra: é engano! Eu já me queimo em trinta e três paixões e creio que irei além.

E o que mais me penaliza, não é o meu tormento, este doce veneno trinta e três vezes multiplicado, a dor, a desconolação ou a falsa esperança dessas trinta e três vítimas da minha sensibilidade esquisita; pois que pela visão do bem tenho reconhecido que cada uma delas também me ama, que todas elas também estão apaixonadas por mim!

Perseguido, atraído por tantos amores, vivo como se estivesse perdido, correndo pela cidade para pagar tributos de amor e adoração; mas, se em toda parte tenho êxtases, tenho em toda parte saudades...

Neste mês já fui doze vezes à casa de Esmeralda, que me recebe sempre risonha e se despede de mim com uns ares que aos três primeiros minutos de olhada da minha luneta me parecem

A Luneta Mágica

de inexplicável admiração, e que logo depois a visão do bem me explica que são de profunda melancolia e de remorsos. O certo é que nas minhas doze visitas, o meu amor tem sido exclusivamente platônico⁷⁴, e a conversa que alimento sempre cheia de lições de virtude e de suaves esperanças de regeneração moral pelo sincero e completo arrependimento do passado.

Esmeralda, com a sua fama de interesseira e arruinadora de todos que a frequentam, ainda não me impôs, nem sequer me pediu a mais insignificante despesa; quis uma vez lhe trazer de presente uma joia, e ela, coitadinha! respondeu-me quase chorando.

— Não a mereço; eu sou vil e indigna da sua bondade; se você gosta de me presentear, assine alguma quantia nesta lista destinada a salvar da miséria uma numerosa família.

E apresentou-me um papel, no qual achei muitos nomes e alguns de pessoas consideráveis, que tinham contribuído com seus donativos.

Assinei e dei o dobro da maior quantia que vi escrita.

Nobre e caridosa Esmeralda! As pobres contavam tanto com ela que até hoje lhe encontro na mesa da sala mais oito donativos para obras de misericórdia, para as quais também contribuí, como pude, apesar da resistência e dos protestos dessa moça tão mal julgada, dessa Madalena suave, que, eu espero, o arrependimento há de purificar.

As doações têm me custado pouco mais de um conto de réis, de que fiz entrega a Esmeralda, e estou perfeitamente seguro de que ela não desviou um real do destino a que se dedicavam as quantias assinadas.

A Esmeralda é o gênio do bem. Um amigo, sem dúvida de caráter suspeito, procurou me fazer acreditar que a infeliz moça zombava de mim, explorava a minha inexperiência, e que as doações eram falsas e não passavam de ciladas trapaceiras armadas ao meu dinheiro. Respondi a este aviso com o sorrir de quem sabe o que faz e como faz. Que me importam suspeitas vãs?... A visão do bem me dá certeza de que Esmeralda preferiria morrer de fome a tomar para compra de seu pão a menor das quantias dadas pelos doadores beneficentes.

Juro que o meu dinheiro foi religiosamente empregado em socorro da miséria e da orfandade.

⁷⁴ Amor que dispensa o contato físico.

XIV

Há oito dias, voltei pela décima vez à casa do velho Nunes, meu bom amigo e feliz pai da Nicota.

Eram onze horas da manhã, o velho estava fora, tratando dos seus negócios; mas a esposa e a filha me receberam com os corações abertos.

A nossa conversação para mim muito agradável **prolongou-se** até uma hora da tarde, quando entrou o velho Nunes apressado e evidentemente dominado por dolorosa comoção.

Cumprimentou-me, falou em segredo a D. Eduvirges e saiu de novo sem se despedir, muito aflito.

D. Eduvirges ficou com os olhos rasos de lágrimas, e Nicota olhava para a mãe com expressão de tanta ternura que também quase me fez chorar.

— Que há? — perguntei. — Um amigo tem o direito de saber o motivo da aflição da família que verdadeiramente gosta; alguma desgraça? Qual é?

— Irremediável! — exclamou D. Eduvirges.

— A morte de algum parente?

— Não.

— Pois irremediável, minha senhora, só conheço a morte.

— Oh! É um depósito de dez contos de réis, que meu marido deve e não pode entregar hoje.

— Hoje?

— E sabe o que ele me disse? Disse-me que é a prisão que o espera, e cujas portas vão se fechar sobre ele!... Em poucos dias, Nunes terá esse dinheiro e muito mais; hoje, porém, bateu já inutilmente a todas as portas!... É a desonra que o espera e que o vai matar!

Nicota desfazia-se em pranto e soluços.

Imediatamente, o velho Nunes voltou de novo pálido e desfigurado, e após ele um homem, e mais dois, que exigiam a entrega do depósito...

A dor da família foi imensa; no meio, porém, daquela dor de esposa e de filha, e, sobretudo, contemplando as lágrimas da bela Nicota, tive, senti suave prazer.

Eu nem sabia que era tão respeitado no Rio de Janeiro; bastaram porém algumas palavras pronunciadas por mim para transformar toda aquela tempestade gigantesca em perfeita calma.

Para resumir a história: assinei como sacador e endossante uma letra⁷⁵ de dez contos de réis que devia vencer no prazo de trinta dias.

O velho Nunes me jurou, sem que eu lhe pedisse juramento, que antes de quinze dias teria ele pago essa dívida, que então se tornou dupla dívida de honra para sua consciência.

O bom amigo me abraçou; D. Eduvirges me ofereceu a mão, que eu beijei respeitosamente, e Nicota me apresentou a face inocente, na qual toquei com a ponta dos meus lábios.

Tanta gratidão por duas assinaturas! Tanto reconhecimento pelo saque e pelo endosso de uma letra, que o velho Nunes pagará em quinze dias!

Que família de anjos!

Eu nunca me senti tão feliz como nesse dia.

Fiquei para jantar com aquela boa e santa gente.

À mesa do jantar, bebi vinho no mesmo copo em que Nicota, sentada a um lado, apenas molhou os lábios; foi ela que trocou os nossos cálices, e seus pais não viram essa travessura ou meiguice de moça inocente.

Como achei saboroso e excelente o vinho! Pareceu-me sentir nele a delícia de um beijo de Nicota.

Bebi somente um cálice de vinho; aquele que Nicota divinizou com o contato da sua boca mimosa.

Se eu bebesse mais, ou de outro vinho, teria sido desrespeitoso.

Saí da casa do velho Nunes como um rei sai do templo onde acaba de celebrar-se o ato da sua consagração.

⁷⁵ Letra de câmbio: Título de crédito pelo qual o sacador dá ao sacado ordem de pagar determinada soma em dinheiro, em local e datas especificados. As letras de câmbio são considerados os primeiros cheques.

XV

Graças à intervenção de pessoa competente, foi-me concedido, em poucos dias, visitar a prisão: vi e apreciei tudo, e tudo ali me pareceu levado ao último detalhe da perfeição.

O sistema administrativo do estabelecimento, a secretaria e livros de escrituração, as obras que se faziam, as disposições internas e até o local da casa, o método penitenciário adotado, a alimentação e tratamento dos presos, o zelo dos empregados encantaram meus sentidos.

Eu estava cheio de admiração, vendo e aplaudindo a sabedoria e a dedicação do governo do meu país naquela grande penitenciária, quando me levaram para as oficinas onde trabalhavam os condenados.

A princípio, contemplei satisfeito o aspecto das oficinas, a excelência das obras que se executavam e sobretudo a importância moral do trabalho, cujo hábito regenerará os criminosos, fazendo, de nocivos que eram, homens úteis à sociedade aqueles desgraçados.

Mas logo depois, examinando com a minha luneta e pela visão do bem um por um todos os condenados, horrorizei-me da cegueira, da ignorância ou da perversidade da justiça pública, dos tribunais e dos juízes.

Será incrível; mas é verdade: não há um só daqueles infelizes condenados que não seja inocente dos crimes de que são acusados, e todos eles, todos sem exceção, se distinguem por virtudes raras e pela moralidade mais exemplar!...

Eu estava agitado, irritado, aceso em fúria; veio-me a ideia soltar um brado de revolta, excitar as pobres vítimas à resistência, às armas e à vingança; lembrei-me, porém, a tempo dos soldados que guardavam o estabelecimento e fugi das oficinas apressadamente e bufando de raiva.

Voltava para casa dominado por pensamentos perigosos e revolucionários e desejoso de uma profunda transformação social, que acabasse com os carrascos e salvasse as vítimas; mas de súbito parei: o acaso me mostrava um grupo de cinco homens, conversando alegremente na rua, onde acabavam de encontrar-se; reconheci todos cinco: três eram desembargadores e dois

A Luneta Mágica

eram juizes de Direito, portanto presidentes de júri; simples aplicadores da lei, ou fiscalizadores das ações sem valor jurídico e das regras legais dos processos, eram contudo magistrados, e, tendo contribuído para a condenação e tormentos de tantos inocentes, os monstros ainda podiam conversar com alegria!

Fitei sobre eles a luneta mágica, estudando um por um para ver todos os instintos ferozes ocultos em seus corações de tigres...

E cinco vezes caí das nuvens e fiquei adoidado na Terra...

Todos esses cinco magistrados são sábios, íntegros, justos, cuidadosos e até aquele momento nenhum deles tinha jamais contribuído para uma só condenação injusta nem escrito sentença nem laudo ou a mais simples ordem, que não fossem inspirados pela sabedoria e baseados na lei.

A minha confusão não pode ser maior: os condenados eram inocentes, os condenadores tinham sentenciado com acerto; a contradição tornou-se pois evidente!

Como explicar a contradição?

Uma de duas: ou provas fortíssimas, porém falsas, tinham condenando os réus, justificando os juizes; ou a minha luneta mágica mentia, enganava-me com a visão do bem.

É claro que adotei logo a primeira hipótese.

É necessário dizer que ainda assim refleti um pouco sobre o caso.

Realmente a mocidade inexperiente é crédula demais e, deixando-se levar pelas aparências, dando fé às palavras de quem jura, sensibilizando-se diante da desgraça, fácil em tomar o partido de quem chora e sofre, vendo em todos e em tudo o riso e o bem, porque ela é risonha e boa, deixa-se iludir e erra, concluindo ou julgando encontrar a virtude e a inocência onde mil vezes só existe vício e crime.

Mas essas reflexões não têm cabimento neste caso; porque eu vi e reconheci perfeitamente pela minha luneta mágica a inocência e a pureza de todos os condenados da prisão, embora eu visse e reconhecesse também, logo depois, o direito e a justiça que determinaram suas condenações.

Confesso que esta aparente contradição confundiu-me; já, porém, a expliquei sem quebra da confiança que deposito na visão do bem que tenho pela minha luneta mágica.

XVI

Um jovem da minha idade, grande coração e alma pura, chamado Damião, excelente amigo com quem me relacionei na casa de Esmeralda, levou-me anteontem, por curiosidade minha e apesar de suas observações, a uma casa, onde jogam o lansquenê⁷⁶ três vezes por semana, cavalheiros da mais fina educação.

O dono da casa é casado com uma senhora muito amável que toca piano como Herz⁷⁷ e tem uma cunhada jovem, que possui surpreendente voz de contralto, canta como a Stoltz⁷⁸, e é delicada e linda; o seu nome é Hermínia, e não posso esquecer⁷⁹ -lo mais; porque ela é a trigésima quarta senhora por quem me sinto perdido de amor e que me toma igual sentimento.

Ninguém me critique por este muçulmanismo⁷⁹ de amor platônico: sou escravo da visão do bem e amo sem querer amar.

Aproveitei duas horas deliciosas ouvindo tocar e cantar; todos porém jogavam; Damião me fez notar, aconselhando-me que sáísse ou jogasse.

Compreendi que o dever da cortesia me ordenava entrar no jogo.

Joguei pois e ganhei a princípio; mas em breve a sorte mudou e perdi não só quanto ganhei, como todo dinheiro que levava na carteira.

Consolei-me do prejuízo observando que o meu amigo Damião foi, de todos, o que mais lucrou com as minhas perdas, que se elevaram a quinhentos mil-réis.

Quando não tive mais dinheiro para perder, deixei o jogo e, como as senhoras já se haviam recolhido, saí, e saiu comigo um outro jogador infeliz, que deixou aos carteadores do lansquenê o dobro do que me custou a minha curiosidade.

⁷⁶ Tipo de jogo de cartas.

⁷⁷ Henri Herz (1803 – 1888), pianista austríaco.

⁷⁸ Rosine Stoltz (1815-1903), famosa cantora lírica francesa.

⁷⁹ O narrador se refere ao casamento com mais de uma pessoa, prática conhecida como poligamia, aceita na religião muçumana, o islamismo.

A Luneta Mágica

— São ladrões, arranjadores de maço⁸⁰, são refinados trapaceiros! — disse-me ele.

— Por que tal suspeita? — respondi. — Queixemo-nos da má sorte; eu observei e estudei com cuidado todos aqueles jogadores e posso assegurar que são homens honrados e que jogaram com exemplar honestidade, e nem o meu amigo Damião seria capaz de trazer-me a uma casa que não fosse muito moralizada e honesta.

— Damião?! Ora, essa é boa! Esse é conhecido como trapaceiro e ladrão de profissão.

Minhas faces coraram e irritado perguntei:

— Em tal caso como se explica que o senhor jogue com semelhante homem?

— Tem razão — respondeu ele. — Tem mil vezes razão; mas eles sabem atrair e endoidecer os jovens inexperientes, como nós, com a paixão do jogo que é fatal e com os belos olhos dessas duas sereias, que uma toca, outra canta, e ambas servem ao vício.

— Que está dizendo? Que calúnia!... Duas senhoras puras, recatadas!...

O meu companheiro de infelicidade no jogo soltou uma gargalhada alta e depois exclamou sem baixar a voz:

— O senhor é ainda mais inocente do que eu! Tenha cuidado...

— A esposa e a cunhada...

— Não há esposa, nem cunhada, fique sabendo, e não volte mais a esta casa maldita. Essas duas mulheres são também cartas do jogo, são damas dos baralhos do lansquenê e ganham sua parte ou porcentagem do que rende o jogo em cada noite, além dos lucros das conquistas que fazem, namorando os tolos como eu.

E, assim dizendo, o jogador infeliz retirou-se apressado.

Eu também me encaminhei para a minha casa, meditando sobre a injustiça dos homens.

Aquele jogador irritado pelos prejuízos que teve não hesitou em caluniar os nobres cavalheiros com quem acabou de jogar e duas jovens senhoras, exemplos de delicadeza, de fina educação e de virtudes sem mancha, conforme eu as vi, amei e adorei pela visão do bem.

⁸⁰ Baralho arranjado para trapacear em um jogo de cartas.

No jogo alguém havia de perder, e alguém havia de ganhar. Chamar de ladrão e trapaceiro quem ganha no jogo é desconhecer as condições, a sorte, as eventualidades do jogo.

Deste modo e com juízos tais não há inocência, nem integridade que escape aos insultos do jogador infeliz.

Ainda bem que eu perdi. Estou livre de qualquer suspeita e nunca mais em minha vida voltarei a jogar.

Mas o que, em suma, e em caso algum admito é que os golpes da calúnia cheguem até os anjos.

Hermínia e sua irmã são duas flores, principalmente Hermínia é uma flor, um botão de rosa do paraíso.

XVII

Ontem achei a prima Anica pensativa e triste; à mesa do almoço olhava-me melancólica e como que levemente ressentida do meu proceder; por duas vezes pareceram-me os seus olhos nadando em mal contidas lágrimas.

Saí de casa magoado, triste e convencido de que eu era cruel, que não sabia apreciar o merecimento de Anica.

Compreendi que era preciso consolá-la: é tão fácil consolar a pobre moça que ama! Basta um sinal que sugira lembrança, uma flor que indique amoroso sentimento.

Eu tenho os meus direitos de primo e de convivência de família. Resolvi pois levar nesse mesmo dia para Anica um mimo delicado e agradável à inocente vaidade feminina.

Guiado por essa **ideia** dirigi-me à Rua do Ouvidor e empreguei quatro horas nas lojas de joalheiros e de presentes procurando em vão uma **joia** ou um enfeite de bom gosto para levar de presente à minha querida prima.

Procurei inutilmente! Não que deixasse de encontrar algum objeto que me agradasse; mas porque todos quantos vi e examinei com a luneta mágica me agradaram tanto, me pareceram tão igualmente bonitos e mimosos que não me foi possível escolher.



SCHLOSSER

Ninguém pode imaginar que extravagante, infantil, ridícula, mas inevitável e inadiável luta se travou em meu espírito! A princípio, cheguei a rir de mim mesmo, depois me irritei e por fim me desesperei! Se decidia comprar uma pulseira, a lembrança de uns brincos que antes examinei destruía minha decisão; se um cinto com excelente fivela estava quase passando para as minhas mãos, a imagem de um belo relógio fazia recuar o cinto; entre uma linda caixinha **guarda-joias** e um formoso álbum de retratos eu vacilava, como em tudo mais e nada decidia, e nada decidi! Em uma palavra, quis e não pude preferir, quis e não pude comprar objeto algum!

Senti-me ridículo, escravo inexplicável, inimaginável da indecisão mais insensata; a minha razão me aconselhava comprar qualquer daqueles objetos que me haviam parecido igualmente bonitos; mas que querem?... Não sei explicar o fenômeno; mas foi impossível para mim escolher um entre todos, porque a escolha dependia de preferência.

Reconheci, então, e pela primeira vez, que eu era a diversão da visão do bem.

Voltei para casa aflito e aborrecido comigo mesmo; porque não pude trazer um mimo para a prima Anica.

Recolhi-me ao meu quarto e, refletindo sobre o que se passou comigo nos últimos dias, experimentei angustiante dor; porque comecei a ter medo das **consequências** da visão do bem e a nutrir algumas apreensões sobre o estado das minhas faculdades mentais.

Oh! Não há sabedoria de homem que possa comparar-se com a sabedoria do armênio.

O armênio me avisou e não mentiu.

A visão do bem pode fazer mal.

XVIII

Ainda um outro mês, e neste o mel transformado em fel, a alegria em tristeza, a calma em tempestade.

À medida que os dias iam passando, a visão do bem se tornava mais intensa, absoluta e desastrada.

Ao levantar-me da cama de manhã, ou tendo a qualquer hora de vestir-me para sair, não conseguia deixar de lado a minha luneta; porque, se com ela tentava escolher as roupas, achava todas preferíveis, e não sabia mais como vestir-me.

À mesa, era preciso comer às cegas o que me quisessem servir; porque, se com a luneta examinava as diversas iguarias, não sabia mais por qual delas começar, aceso em paixão gulosa por todas elas.

Nas festas a que eu ia, ou não dançava, ou escolhia os meus pares sem consciência, e expondo-me a ridículos pedidos, dirigindo-me às vezes a senhoras, cuja idade não autorizava mais a dança, e isso porque, se eu contemplava as jovens presentes ao baile com a minha luneta, por todas elas me encantava e me perdia e a nenhuma era possível dirigir-me em primeiro lugar.

É certo que durante três minutos a luneta mágica só me oferecia a visão das aparências, e que eu não devia ir além desse espaço que era sem perigo; desde que porém eu fixava a luneta, uma força sobrenatural, superior à minha vontade, mais forte que a minha reflexão e consciência, a grudava, a prendia à visão até que a visão do bem me transportava, tornando-me escravo da admiração por atributos e qualidades sempre fascinadores.

Era o bem mais maléfico que se pode imaginar!

Ou porque o tormento que se está experimentando sempre se afigura mais cruel do que o tormento que já se experimentou e passou, ou porque realmente eu sofria mais do que havia sofrido, a visão do bem chegou a parecer-me pior, mais maléfica, do que a visão do mal.

Eu vivia mergulhado no bem e não podia gozar, desfrutar o bem.

Eu estava com os olhos no céu e com o coração preso no inferno.

XIX

Um dia tive desejos de possuir um bom cavalo de passeio; falei isso a Damião, que rapidamente me levou a um negociante que dizia ter os melhores e que me apresentou um com as recomendações mais entusiasmadas.

Examinei o animal e achei-o muito formoso; o negociante me garantiu e jurou que o cavalo era um leão pela coragem, uma ovelha pela mansidão, um camelo pela paciência, uma águia pela velocidade.

Comprei caríssimo o singular e maravilhoso cavalo e mandei-o recolher a uma cocheira.

No dia seguinte quis experimentá-lo, e o dono da cocheira se opôs a isso, informando-me que o pobre animal era cego e sem forças.

Revoltei-me contra o abuso de confiança de que eu fui vítima e, fixando a minha luneta mágica, examinei de novo o cavalo e reconheci que ele havia cegado de súbito e de súbito adoecido na noite passada, conservando ainda assim todos os grandiosos traços que o vendedor elogiou.

Fiquei com o prejuízo; mas em todo caso honrando o testemunho leal, verdadeiro, honesto do negociante de cavalos.

XX

Vi-me constantemente cercado de amigos, em quem aplaudi e venerei virtudes exemplares; paguei jantares e ceias para eles e a quase todos emprestei dinheiro, que não me devolveram somente porque a sorte deles foi inimiga.

Paguei flores, coroas e ovações em honra de atrizes dos diversos teatros, todas elas artistas de merecimento surpreendente e de um comportamento íntegro, que só os caluniadores

A Luneta Mágica

e os perversos punham em dúvida, e recebi, em compensação das despesas que fiz pela glorificação da arte, sorrisos e promessas de eterna gratidão, que, em seus camarins onde as fui cumprimentar entusiasmado, me ofereceram essas sublimes intérpretes das sublimes criações dos nossos autores dramáticos, que a minha luneta mágica me mostrou pela visão do bem enriquecidos pelo seu trabalho, altamente agraciados pelo governo e endeusados pelo povo.

Investi em negócios associando-me com um inglês, que é, pelo que me informou e esclareceu a visão do bem, o homem mais honrado do mundo; mas as vacilações e subidas e descidas dos fundos públicos e ações dos bancos e de companhias foram tais que eu perdi alguns contos de réis, e o meu sócio inglês ganhou o dobro do meu prejuízo, o que ainda a minha razão não compreendeu; mas que a visão do bem explicou perfeitamente, iluminando os merecidos créditos de integridade e inteireza do nobre súdito de Sua Majestade Britânica.

A visão do bem me levou ainda a muitos outros atos, de que não me arrependo, mas que me custaram caro.

Contribui, doei não sei para quantas liberdades de escravos, obras de caridade, dotes de moças órfãs, instituições de caridade, benefícios teatrais em favor de cegos e aleijados, socorros para mendigos e nem me lembro que mais; Damião, a Esmeralda e vinte outras amáveis ou respeitáveis pessoas apresentaram-me as listas de doações e receberam de mim as quantias com que contribui para todas essas obras de caridade, e estou certo de que o meu dinheiro foi muito bem empregado; porque a visão do bem me assegura isso.

Mas, na última quinzena deste mês, têm acontecido fatos e tenho ouvido opiniões terríveis que me provam que ou fui vítima dos mais maliciosos enganos e perversos abusos de confiança, ou a calúnia e a maldade dos homens, que aliás afirmo serem puríssimos, vão além de todos os limites.

XXI

Alheio aos negócios e não conhecendo bem o valor do dinheiro, porque em **consequência** da minha dupla miopia, miopia moral e física, meu irmão, tenho dito por vezes, tomou conta da minha fortuna e sabiamente a dirigiu, eu, neste último mês e meio, gastei talvez sem cuidado nem medida, deixando-me dirigir pela visão do bem.

Deste erro, se foi erro, não tenho mais desculpa na miopia moral; porque desde que recebi as lições da visão do mal o meu espírito se esclareceu e tive consciência de que sabia e podia compreender as coisas e refletir sobre elas; ao menos porém eu acho desculpa no abandono da minha educação em matéria de economia. Como não me era possível gastar, não me ensinaram a guardar, e em resultado, quando pude ver e desejar, gastei sem me importar com a conta.

Creio firmemente que tenho gastado muito bem; mas é certo que o mano Américo logo na primeira quinzena do mês passado observou-me com doçura que eu estava gastando sem propósito.

A visão do bem fez-me então ver que o mano Américo assim me falou somente pelo extremo cuidado com que cuida da minha fortuna; confesso, porém, que me senti acanhado e que experimentei verdadeira dificuldade de pedir mais dinheiro a meu irmão.

Eu já possuía tantos e tão excelentes amigos que não hesitei em confiar a um deles os embaraços da minha situação.

— Há recurso fácil — respondeu-me esse *fidus Achates*⁸¹.
— Levo-te a um negociante sério que te emprestará todas as quantias de que precisares.

E com efeito conduziu-me à casa do mais nobre, benéfico e generoso capitalista, que me foi emprestando dinheiro a juros de três por cento ao mês enquanto eu assinava letras garantidoras das dívidas.

O processo me pareceu muito cômodo; porque eu obtinha

⁸¹ “Amigo íntimo”, em latim.

por meio dele e com extraordinária facilidade, tanto dinheiro quanto me julgava necessário.

A minha vida econômica deslizava-se, pois, serena e suavemente, e a visão do bem a abençoava, ensinando-me que eu empregava santamente e acertadamente algumas migalhas da minha inesgotável riqueza.

E fui vivendo assim até que em um dia arrebentou a primeira bomba de uma série de loucuras, conforme a chamou o mano Américo.

Eu fiquei então assombrado.

XXII

O caso foi o mais simples de todos os casos, ao menos pelo que me pareceu.

Vencido o prazo da letra aceito pelo velho Nunes, e que eu assinei como endossante e sacador, não tendo ido o aceitante pagá-la, veio o responsável exigir de mim o pagamento.

Eu estava em casa e também o mano Américo, que, tomando o documento e vendo a minha assinatura, levantou as sobrancelhas, escreveu sem hesitar uma ordem para imediatamente ser paga e resgatada a letra não sei, nem me importa saber como e por quem.

Ficamos sós.

— Simplício — disse-me o mano Américo de mau humor.
— Acabas de ser vítima de um enganador.

— Enganador? Não creio.

— O Nunes? Todos o conhecem.

— Melhor o conheço eu.

— Como?

— Estudei-o perfeitamente por meio da minha luneta mágica que me dá a visão do bem. O velho Nunes é um exemplo de respeito.

Américo olhou-me com a mais triste compaixão e me respondeu:

— Dez contos de réis! Deus permita que não seja esta a primeira bomba de alguma série de loucuras.

E, tomando o chapéu, saiu apressado e como que abismado em mar de negras preocupações.

Eu estava espantado.

Para mim não havia nada mais natural do que o velho Nunes não ter conseguido obter dez contos de réis no prazo fatal, e **consequentemente** eu pagar por ele.

Ninguém seria capaz de convencer-me de que o velho Nunes deixaria de pagar meus dez contos de réis que eu apenas adiantei.

Era questão de tempo, alguns dias ou breves semanas.

A visão do bem não me enganava: o meu amigo Nunes é rígido, honesto como a honestidade mais rigorosa.

E, além de tudo isso, não é ele o feliz pai da formosa Nicota?

XXIII

Quando meu irmão entrou para jantar, tinha eu a luneta fixada e quase não o reconheci, tão modificada pela raiva estava a sua fisionomia.

— Quebra essa luneta! — exclamou furioso e com voz de trovão.

Ele avançava sobre mim; mas eu escondi no peito a luneta, e a tia Domingas e a prima Anica vieram correndo em meu socorro.

— Que é isto? — perguntou a primeira assustada.

— É este doido, este gastador exagerado, que em menos de dois meses atirou ao meio da rua trinta e dois contos de réis!...

— Misericórdia! — exclamou a tia Domingas.

— É possível? — disse Anica, perguntando-me.

O mano Américo, trêmulo e agitado, arrancou do bolso uma dúzia de letras aceitas por mim e que ele acabava de resgatar, pagando o principal e acréscimos ao meu honradíssimo banqueiro, e mostrou-as às duas senhoras.

A Luneta Mágica

— Eis aí como este louco obtinha dinheiro para desastrosamente esbanjar, gigantescos empréstimos a quantos trapaceiros quiseram abusar da sua loucura, jogando e deixando-se roubar no jogo, pagando jantares e quartos a cem desfrutadores, que riem dele, assinando centenas de mil-réis em falsas doações para obras caridosas e, o que é mais, entregando enormes somas a uma mulher desprezível, a cujos pés o idiota se ajoelha, adorando-a, como anjo de caridade!

A tia Domingas e a prima Anica pronunciaram-se violentamente contra mim, e com o mano Américo me deram o mais horroroso sermão.

Conservei-me silencioso e imóvel; mas temendo pela minha luneta mágica.

— E eu que não vi, que não adivinhei, que não compreendi o que se foi passando e naturalmente devia passar-se nestes dois meses! A bomba dos dez contos despertou-me hoje, saí, procurei informações; todos sabem, e somente nós ignorávamos, todos me indicaram o agiota que empresta dinheiro e o exército de pilantras que depenam este imbecil!... Todos zombam dele, e devem zombar; porque o idiota esbanjou em menos de dois meses a terça parte pelo menos da fortuna que possuía!

Meu irmão tinha me insultado tanto que não pude mais me conter e respondi-lhe:

— Ainda bem que foi da minha fortuna o dinheiro que gastei: já tenho idade bastante para empregar o meu dinheiro como entendo e sem pedir licença nem prestar contas a alguém.

O sermão começou de novo e uma chuva de ofensas e de maldições caiu sobre mim.

— Idade! — exclamou enfim o mano Américo, dominando as outras duas vozes. — Os idiotas não têm idade, e aos idiotas e gastadores nomeia-se um procurador!

— É o que precisa acontecer imediatamente — bradou a tia Domingas.

— O mais acertado é não deixar o primo sair à rua — observou Anica.

— Tudo isso se fará; mas o essencial é quebrarmos essa maldita luneta — disse Américo.

— Não — acudiu Anica, — Trancado em casa pode bem conservar a luneta para ver e apreciar os parentes que o não enganam...

— Nada de concessões! — gritou meu irmão.

Eu tive medo; olhei em torno de mim e nada vi; porque estava sem luneta, lembrei-me porém do gabinete do mano Américo, e de improviso corri para ele, tranquei-me por dentro e com tanta precipitação que, dando volta à chave, esta saiu da fechadura e foi cair a alguns passos longe da porta.

XXIV

A tempestade ecoava sempre e incessante na sala, e eu era atingido pelos raios de três fúrias em delírio: insultos, injúrias, mentiras, pragas, tudo me lançavam com furor. Três ódios falando não falariam mais venenosamente, três línguas-punhais ferindo não feririam mais profundamente.

O meu ressentimento espalhou o medo que me abateu o espírito; veio a vontade de examinar esses três rostos desfigurados pelos sentimentos mais grosseiros.

Fixei a minha luneta mágica, olhei pela abertura que deixei a chave caída da fechadura e estudei os meus irados parentes: apreciei primeiro olhos e faces que se aqueciam no fogo da ira, lábios agitados, gesticulações ameaçadoras, e logo depois que pureza de intenções e que santidade de propósitos!... Meu irmão, minha tia e a prima Anica se mostraram tais quais realmente são, três querubins, então radiantes de fogo, não de cólera, mas de verdadeiro amor, de sublime interesse por mim!... Estavam muito aflitos e em dolorosa agitação; porque achavam que eu estava perdido no erro e no engano de malandrinhos. O erro era dos meus três parentes, e meu o acerto; mas as intenções deles indisputavelmente eram nobres, leais, desinteressadas, angelicais.

No meio, porém, dessas intenções respeitáveis, descobri firme e inabalável no ânimo de meu irmão a intenção de quebrar a minha luneta mágica e, embora eu reconhecesse e reconheça a piedade dessa intenção, não pude com ela conformar-me;



CONFEITARIA

BARBEARIA

SCHLOSSER

abençoei meu irmão, minha tia e a prima Anica; mas resolvi salvar a todo custo a minha luneta mágica.

Eu estava vestido decentemente para sair à rua, só me faltava chapéu para a cabeça e porta livre para a retirada.

Com o auxílio da luneta, achei no gabinete um chapéu do mano Américo, que me servia muito nas circunstâncias em que me achava, embora estivesse um pouco usado. Faltava-me a porta para saída sem oposição; mas o gabinete abria uma janela para rua; o caso era grave e exigente; não havia recurso, e havia risco em demorar a decidir; há tanta gente que de dia claro e com sol aberto se presta a entrar pelas janelas em vez de entrar pelas portas que não me pareceu anormal nem escandaloso no Brasil sair por onde se entra regularmente para as mais altas posições do Estado.

Assim, pois, subi à janela do gabinete e saltei na rua; ouvi gargalhadas e não dei atenção a elas; apressei os passos, quase que corri, enfim afastei-me apressado da casa da minha família, como um preso que escapa e foge da cadeia.

XXV

Quando me achei longe de casa e me encontrei livre, por algum tempo ao menos, da generosa perseguição da minha família, instintivamente procurei a luneta mágica e senti inexprimível prazer, tirando-a do peito; em seguida apalpei o bolso do paletó e me consolei encontrando nele a carteira, onde eu tinha ainda de reserva alguns centos de mil-réis.

Duplamente satisfeito, experimentei logo uma exigência da minha natureza animal que as recentes emoções haviam feito calar, mas que de novo falava com força dobrada: tive fome e, me dirigindo a um dos nossos melhores hotéis, aluguei um quarto para dormir e mandei que me servissem o jantar.

Como é grandioso, sublime o sentimento da amizade, quando rapidamente corre a ajudar o amigo caído na adversidade!

Apenas me sentei para jantar, me vi de súbito cercado por

Damião e mais seis outros jovens dedicados que se tinham apressado a vir em meu auxílio e a oferecer-me os seus serviços, pois que a cidade toda já sabia o que acabava de se passar comigo.

Com lágrimas de reconhecimento agradei tão doce demonstração de interesse e de consideração e convidei esses excelentes amigos para jantar comigo.

Que duas horas desfrutamos! A nossa mesa foi sucessivamente servida das mais delicadas iguarias e dos vinhos mais generosos, que deliciosamente nos prenderam juntos até o anoitecer.

Acabado o jantar, declarei com sinceridade que precisava descansar e imediatamente os meus ótimos amigos me deixaram só, retirando-se e rindo não sei mesmo de quê.

la me recolher quando me apareceu o dono do hotel ou chefe da casa, a quem eu já perfeitamente conhecia e considerava, como homem de verdade, simplicidade e consciência.

— Sr. Simplício, — disse-me ele — eu devo preveni-lo de que esses sujeitos que daqui saíram são todos parasitas de profissão e exploradores da inexperiência; o senhor lhes deu um jantar que lhe custa cento e trinta mil-réis, e eles desceram a escada rindo da sua boa-fé, a que ousavam dar outro nome que não me animo a repetir.

Fixei a minha luneta mágica sobre o homem que me falava e com espanto meu a visão do bem me fez reconhecer que ele dizia sempre e ainda desta vez a verdade; mas a visão do bem ainda também à mesa do jantar me mostrou como exemplos de amigos fiéis e dedicadíssimos os sete jovens que acabavam de retirar-se!

Fiquei confuso, perplexo, indeciso, triste e aborrecido.

Paguei o jantar; fui me deitar e ou pelo cansaço resultante das fortes emoções por que naquele dia passei, ou pela mistura dos vinhos que bebi, sem dúvida, menos moderadamente do que costume, adormeci logo, caindo em profundo sono.

Despertei às duas horas da madrugada e, apesar de cansado, fiquei acordado até o amanhecer.

Remexia-me na cama, agoniado; porque não queria refletir sobre a minha situação; mas refletia.

Fechava os olhos para dormir; mas o espírito ficava acordado.

Chamava em meu socorro a imaginação que por momentos perturbava com ilusões forçadas a série de graves reflexões; mas em breve a imaginação se apagava, e as frias reflexões se impunham.

À força, contra minha vontade embora, não dormi e refleti.

Evidentemente, eu tinha gastado muito em mês e meio... mais de quinhentos mil-réis por dia, três vezes mais do que a renda anual da minha fortuna, segundo os cálculos de meu honradíssimo irmão.

Tão gigantesca despesa (que eu estou certo que empreguei em prol da humanidade), sem dúvida, conforme os costumes e o modo de ver da sociedade egoísta e dos homens da lei que não julgam pelo coração nem pelo Evangelho, será explicada, recebida e sentenciada como desperdício, e, por **consequência**, e até por amor da minha pessoa, me arrumarão um procurador!

A visão do mal me fez ser trancado como doido no hospício de Pedro II, a visão do bem me fez ser declarado estúpido, ou idiota, ou, quando muito, apenas gastador da minha fortuna, e como tal visto, entregue absolutamente ao domínio de um procurador, de um dono e chefe da minha pessoa, de um senhor de quem serei quase escravo!

Pela visão do mal ou pela visão do bem, pelo ódio ou pelo amor da humanidade, pelo juízo mau a respeito de todos ou pelo juízo bom a respeito de todos, as duas lunetas mágicas **levaram-me** ao mesmo perigo, ao mesmo fim, à mesma calamidade.

Uma, a primeira me fez passar por doido; outra, a segunda, me faz passar por idiota! Doido ou idiota, não escolho; porque a **consequência** é a mesma.

O meu procurador será provavelmente o mano Américo, que planejou e lá manifestou a horrível **ideia** de quebrar a minha luneta mágica.

Portanto, querem me condenar à miopia perpétua, miopia que para mim é a cegueira, é a morte no interior da vida!

Desejo, tenho o direito de desejar ver, que é viver, e não querem permitir que eu viva, não me permitindo que eu veja!

Não! Não! e Não!

Defenderei a minha luneta mágica até o extremo.

É certo que começo a formar algumas desconfianças em relação ao acerto e à plenitude das revelações da visão do bem.

As contradições que notei entre a inocência dos condenados da prisão e as sentenças sempre justas dos juízes, e entre os sentimentos dos amigos que ontem jantaram comigo e os avisos leais e cheios de verdade do dono do hotel desacreditam um pouco no meu conceito a visão do bem.

Se a visão do bem fosse a fábula viva, a expressão real da inexperiência; se pela visão do bem eu me tenho tornado a zombaria dos parasitas, o engano dos trapaceiros, a zombaria de todos, o objeto da piada e do ridículo do povo... Ah! Eu preferia ter sido atingido por um raio...

O ridículo!... O ridículo é a queda na lama; é o desprezo sem compaixão; é o pelourinho mil vezes pior que o patíbulo⁸²; é o chicote mais cruel que a guilhotina; é a morte pelo desprezo...

Quero antes a perseguição do ódio do que o acompanhamento do ridículo...

E dizem que riem de mim... que me apontam, como estúpida vítima de homens sem consciência e de uma mulher sem honra e sem coração...

Eu sei, e sinto, eu tenho consciência de que tudo isso é falso; mas riem de mim!...

Que vou fazer?... Nem sei; quebrar a minha luneta mágica, origem e causa de todas estas torturas do espírito?... Não; tudo menos isso.

O erro dos homens é evidente: quem vive e age com acerto sou eu.

Resistirei, pois, aos homens e me deixarei matar, defendendo a minha luneta mágica que meu irmão condenou.

Eu refletia assim e já tinha esquecido as horas e o esforço de escapar às reflexões, dormindo, quando a aurora começou a espancar as trevas, e os ventos matinais, refrescando o meu cérebro, me felicitaram de novo e insensivelmente com o mais **tranquilo** e suave sono.

⁸² Lugar, geralmente a céu aberto, onde se monta o instrumento da tortura ou da execução (guilhotina, forca etc.).

XXVI

Levantei-me às dez horas da manhã e tinha acabado de almoçar, ouvindo o sinal de meio-dia.

Estava disposto a sair; mas vi entrar o meu amigo Reis, que vinha de propósito me visitar.

No Reis eu depositava e deposito confiança sem limites. Ou todos o julgam pela visão do bem da minha luneta mágica, ou se me engano no juízo que faço do Reis, todos se enganam comigo.

Recebi o amigo Reis como um cego a quem se anuncia o primeiro raio de luz e com ele a vida pelos olhos.

Apertamos as mãos e nos sentamos um ao lado do outro.

— Temos sofrido muito, ambos, e pelo mesmo erro — disse-me o Reis.

— Como?

— Eu errei deixando-o entregar-se a um suposto mágico; o senhor errou acreditando exageradamente nele.

— Mas se eu vejo!

— É porque ele conhece e esconde o segredo de elevar a maior, a mais alto, e ainda não calculado grau os vidros côncavos destinados a corrigir a miopia; tudo mais que ele faz é sofisticado meio de enganação para excitar e provocar a imaginação.

— A sua descrença é um erro...

— A minha tolerância é que tem sido erro; a notícia que imprudentemente fez publicar na imprensa diária da corte e a fama da sua nova luneta permitiram que meu armazém seja com **frequência** procurado por pretendentes a instrumentos mágicos de ótica, sofrendo eu perseguições e desgostos que mal pode calcular; isso porém é o menos.

— Que é então o mais?

— A situação em que se acha.

— Que pensa?

— Ouça-me com paciência: a sua suposta visão do bem o tornou alvo das zombarias e do ridículo...

—Do ridículo?!

— Não há vadio nem trapaceiro que não tenha abusado da sua boa-fé; o senhor aparece em público associado e convivendo com as celebridades mais imorais e desprezíveis da cidade...

A Luneta Mágica

— Que está me dizendo?

— A verdade: todas as senhoras já conhecem a sua... mania de se supor amado por elas, sem exceção de uma só, e de amar igualmente a todas, e isso as diverte de tal modo que nenhuma o vê sem precisar de grande esforço para conter o riso...

— O riso!...

— Enfim, o senhor é o divertimento de muitos e o objeto da compaixão dos homens sérios, que acreditam ser indispensável que sua família o sujeite ao mais zeloso cuidado...

Senti que não resisti ao peso da minha desgraça.

O amigo Reis prosseguiu:

— Seu irmão foi hoje à nossa casa e queixou-se da maléfica influência das duas lunetas mágicas saídas das minhas oficinas; tive de reconhecer a minha responsabilidade e, pedindo perdão, assegurei que nunca mais permitiria ao armênio outra operação mágica para lhe facilitar nova luneta.

— Que fez!... — exclamei tremendo.

— Seu irmão me disse que antes de três dias seria nomeado seu procurador e que fará questão de recolhê-lo ao seio da família...

— Três dias... e depois a privação da luneta mágica, a cegueira, e a casa transformada em cárcere!

— Quando seu irmão saiu, fui falar com o armênio e lhe contei a sua desgraça, a sua lamentável...

— Idiotice.

— Não me animava a dizer isso; os seus grandes prejuízos e ridículo proceder em **consequência** da visão do bem.

— E o armênio?

— Respondeu-me levantando e encolhendo os ombros com fria indiferença.

— Estou perdido...

— Então avisei severamente ao armênio que eu o despediria para sempre da minha casa, se nela praticasse uma única vez mais as suas supostas artes mágicas.

— E ele?

— Nem sequer olhou para mim; mas riu com o seu rir medonho.

— Não o despedirá!

— Eu o despedirei se não me obedecer. Quanto ao senhor, meu jovem amigo, submeta-se à sua sorte: volte para a santa

proteção da sua família e deixe-se dirigir e guiar por seu irmão.
— Estou perdido — repeti tristemente.
O Reis se despediu e me deixou só.

XXVII

Meu irmão me dá três dias de liberdade, o mesmo prazo que se concedia aos condenados à morte: três dias entre a intimação e a execução da sentença.

E todavia meu irmão é o melhor dos homens e símbolo do amor fraternal.

Serei eu realmente estúpido ou idiota?... Mas eu penso, raciocino, reflito e tenho consciência do que faço.

Ninguém me chamou idiota, somente me julgaram doido, quando eu julgava os homens e as coisas pela visão do mal.

Será, pois, a visão do bem uma fonte de idiotice?...

É certo que pela visão do bem eu vejo todos sem exceção, tudo sem exceção refletindo pureza e perfeições; ainda não descobri defeito em alguém, ainda não pude julgar má ação alguma.

Com certeza, esta inocência e perfeição de todos e de tudo excluem a **ideia** do pecado, e portanto a **ideia** do prêmio e do castigo na vida eterna, o prêmio, porque é distinção, e não podem haver escolhidos e distintos quando todos são igualmente bons; o castigo, porque não há quem castigar.

Assim, pois, eu ataco pela base a filosofia, a doutrina católica.

Meu Deus! Terei eu, sem pensar, chegado até a ofender a religião?

A visão do bem da minha luneta será como a do mal acesa pelo demônio? Será infernal pelo excesso de mostrar sempre o bem em todos e em tudo?

Minhas **ideias** se misturaram, minha cabeça começou a pesar; receei a ameaça de um ataque cerebral, ou algum acesso de loucura.

Tomei o chapéu e saí sem destino, levando fixada a minha luneta; dei por mim na Rua Direita, reconhecendo o Boulevard

A Luneta Mágica

Carceller⁸³, e fui me sentar isolado à sombra da árvore mais vizinha da igreja do Carmo.

A me defender da luneta que eu conservava fixada, levava cuidadoso a desconfiança no coração; mas o Boulevard estava cheio de gente, de homens e de senhoras: percebi que muitos me apontavam com os dedos, que outros sorriam, **observando-me**; mas, apesar da minha desconfiança, não pude resistir à evidência: compreendi, me convenci de que estava diante de uma reunião numerosa, na qual todos os homens eram santos, todas as senhoras anjos.

Sobretudo senti que as senhoras me contemplavam absorvidas e perdidas de amor; eu ardia no fogo de vinte novas paixões!

Que sensações deliciosas!... Todas essas criaturas angélicas riam olhando para mim, e encontrando o meu olhar, e no riso de cada uma delas, eu encontrava um céu aberto, um romper de aurora no paraíso.

De súbito chegou-se a mim um jovem com o semblante abatido e cheio de dor; mal podendo falar, me contou a sua situação, que era das mais doloridas sem dúvida, e acabou pedindo minha caridade para enterrar o filhinho, o filho único, que deixou em casa morto no colo da desolada esposa.

Vi que o jovem, mísero pai, falava a verdade, e às ocultas lhe dei algum dinheiro.

Logo após o infeliz jovem, três moças chegaram até mim, uma imediatamente depois da outra, pedindo doação para missas.

Essas pediam rindo e eram moças elegantes, espertas e francamente alegres e travessas, devendo ser conhecidas de muitos que ali estavam, pois com muitos trocavam gracinhas; ao chegarem a mim, porém, vi-as confundidas de vergonha e aquecidas de amor; fitei bastante com a minha luneta cada uma delas e me maravilhei, encontrando em seus corações a mais santa piedade e profundo sentimento religioso.

É claro que contribuí, como devia, para as três missas pedidas. Não podia ser de outro modo.

O que me valia, considerando as três moças e as outras

⁸³ Nome dado a um trecho da Rua Direita, hoje rua Primeiro de Março, no Rio de Janeiro, onde se localizava a famosa confeitaria Carceller & Scraoder.

senhoras, era o seu número e a semelhança e força igual que produziam em mim tantas belezas e tão preciosas qualidades; porque eu estava doido de paixão por todas elas, e todas elas também por mim, coitadinhas! Como isso aconteceu não posso razoavelmente explicar; foi, porém, assim.

Todavia, em seguida às moças, veio logo uma velha que me confessou ser viúva pobre, tendo seis filhos, que até aquela hora não tinham almoçado... dei-lhe esmola.

Depois da velha veio a mim um cavalheiro de maneiras muito distintas e da mais perfeita cortesia, a quem aconteceu uma dessas pequenas desgraças, a que todos estamos sujeitos: acabando de comer pastéis e de beber uma garrafa de cerveja, reconheceu haver esquecido a carteira e achava-se naturalmente muito envergonhado. Fiz o que qualquer outro faria no meu caso: reconhecendo a capacidade e merecimento do cavalheiro, que me pareceu íntegro, lhe entreguei a quantia necessária para pagar a despesa que havia feito.

Mas após o nobre cavalheiro avançaram para mim dez ou doze rapazes ao mesmo tempo, quando um respeitável ancião, advertindo e censurando os garotos com algumas breves, mas severas palavras, chegou-se ao banco que eu ocupava e me disse:

— Jovem inexperiente! Não vê, não sente, que está sendo vítima da zombaria de gente sem generosidade ou de maus costumes?... Para que joga fora o seu dinheiro?... Aqueles e aquelas que tomaram dinheiro do senhor, fingindo morte de filho, missas, fome de família, esquecimento de carteira, estão ali dentro da confeitaria, rindo às gargalhadas da sua inacreditável ingenuidade, comendo e bebendo à sua custa.

Fixei a luneta e vi: o velho era respeitável como os seus cabelos brancos, puro como os mártires da fé, verdadeiro como um poema, severo como a lei, rígido como a própria virtude, justo como a sentença da sabedoria.

— Que me diz, meu amigo?

— Eu não sou seu amigo, pois nem o conheço; dói-me, porém, vê-lo deixar-se enganar por mulheres perdidas e homens sem honra.

— É demais... Tenho razão para dizer que eles são dignos de toda a consideração...



SCHREISSER

— Infeliz moço! — murmurou o ancião.

E logo depois me tomando pelo braço e obrigando-me a deixar o banco, acrescentou:

— Retire-se; volte para casa; diga a seus parentes que cuidem mais e melhor do senhor.

— Os meus parentes!... Esses me declararam guerra... São ótimas pessoas e muito me amam; mas me perseguem alucinados...

— Como?

— Acreditam que sou... talvez maníaco e querem nomear um procurador para mim.

— Deixa-me lhe dizer a verdade?

— Sem dúvida...

— Seus parentes têm razão.

Quase que saiu da minha garganta um grito de misericórdia! Fiquei assombrado. O ancião repetiu:

— Pobre moço! Volte para sua casa.

E, empurrando-me suavemente pelos ombros, foi sentar-se.

Eu saí do Boulevard Carceller aflito, quase desesperado, e tanto mais que escutava atrás de mim, e no lugar de onde me retirava, observações sarcásticas, tristes observações sobre meu estado e até risadas de escárnio.

Minha situação piorava, o meu espírito obscurecia cada vez mais, e as mais violentas e sinistras **ideias** começavam a invadi-lo.

Entrei com passos apressados na Rua do Ouvidor: era a hora da mais costumeira agitação.

Eu mantinha a minha luneta sempre fixada; mas fixada sem consciência porque não queria ver, e não via; também não desejava ouvir, porém ouvia.

Pelos meus ouvidos pareceu-me estar ainda no Boulevard Carceller, porque era impossível não escutar risadas que mal se abafavam ou que, atrevidas, se desprendiam.

O meu nome era repetido em tom de compaixão por alguns, em tom de escárnio por outros.

Evidentemente, ninguém me considerava como eu queria ser considerado e tinha direito de sê-lo.

— Aí vai ele...

— É o louco...

— É o Simplício...

A Luneta Mágica

— Coitado...

Eis as palavras, as designações cruéis, condenadoras, terríveis que me chegavam aos ouvidos!

Eu continuava a caminhar apressado, furioso, fora de mim, pedindo ao céu um abismo, onde caísse de repente um raio que me fulminasse...

Eu ia indo... sempre... quase correndo: deviam na verdade julgar-me desorientado... De repente parei: uma voz fina, suave, melodiosa exclamou:

— Como corre o bom anjo! É uma pena que não tenha me visto! Segundo a regra morreríamos de amor um pelo outro, e ele me pagaria o jantar...

Olhei... fixei com a minha luneta mágica o demônio que assim tão cruelmente me ridicularizava... Encarei-o com ódio.

Ah!...

Era uma jovem no mais belo frescor da idade: vinte anos, não mais, dezoito anos, não menos; cabeleira de ouro com enches de anéis a lhe inundar os ombros nus e brancos... decote e seios quase de todo à mostra; vestido de duas saias, e roupa com mais cores que o arco-íris, meia perna à mostra... botinas justas de laços com botões a brilhar e de saltos de duas ou três polegadas... olhos radiantes e boca a rir, mostrando os dentes brancos... maravilhosos...

Ela tinha parado e olhava-me provocadora, insolente, como a me pedir jantar...

Esperei três minutos contemplando-a bonita para odiá-la, escandalosa e desonrada...

Meu Deus! A visão do bem mostrou-me o que ela era...

Ela era a formosura... a pureza... a decência... um anjo!...

Insensivelmente, meus joelhos iam se curvando; eu estava quase na posição em que os devotos adoram a divindade, quando de todos os lados explodiram gargalhadas...

A criatura angelical, gargalhando também, saltou para dentro de uma carruagem puxada por magníficos cavalos, e fugiu...

As gargalhadas continuavam... era como uma patada que me davam...

Em desespero, em delírio, em fúria, corri, fugindo e fui me trancar no hotel.

XXVIII

Não saí mais nesse dia e dei ordem aos empregados do hotel para que mandassem embora todos que me procurassem, dando como pretexto ou incômodo ou ausência de minha pessoa.

Consumi a tarde, a noite e a manhã seguinte em teimosas, amarguradas, mas improdutivas reflexões.

Eu estava precisamente na mesma situação, nas mesmas circunstâncias em que me achava nos últimos dias da posse e uso da primeira luneta mágica.

Se alguma diferença havia entre as duas épocas e as duas aflições era agora para muito pior; porque agora, se me quebrarem a luneta mágica da visão do bem, já sei que não poderei conseguir outra luneta.

E a sentença está feita e é irrevogável: o mano Américo, em sua extrema bondade e pelo grande interesse que tem por mim, receoso de que eu gaste o resto de minha fortuna, me tomará a luneta mágica que dá a visão do bem.

E é amanhã o dia em que por bem ou por mal serei recolhido à casa ou ao cárcere de minha família e sujeito ao meu procurador.

Deverei me submeter?...

Estudei por todos os lados e em todas as suas **consequências** possíveis o caso, e concluí que a opção que me restava era fugir, e fugir imediatamente.

Para onde? Pouco importa; correrei o mundo; com dinheiro e boa vontade não se vive mal em parte alguma.

Examinei a minha carteira: restavam-me trinta e tantos mil-réis!... Fiquei desagradavelmente surpreendido; lembrei-me, porém, que na antevéspera tinha emprestado quatrocentos **mil-réis** a um dos amigos que jantaram comigo, e que na véspera assinarei duas doações para alforria de escravos.

A falta de dinheiro não podia dificultar a execução do meu plano; eu tinha tantos amigos que facilmente arranjaría quatro ou seis contos de réis.

Paguei o que devia no hotel e fui logo procurar o velho

A Luneta Mágica

Nunes, e em seguida ao bom Damiano e a mais quinze ou vinte, a todos os quais expus a minha situação, confiei o meu plano e pedi algum dinheiro, ou como empréstimo, ou como pagamento do que me deviam.

Triste observação! Não achei em todos esses excelentes amigos um só que me ajudasse com alguma e ainda pequena quantia!... Mas os pobres e honradíssimos homens me asseguraram que em quinze dias ou um mês levariam à minha casa trinta ou quarenta contos de réis.

É pena que somente para tão tarde possa eu contar com esse recurso que hoje seria tão poderoso e que depois será inútil para o meu plano.

Não desanimei e me dirigi ao meu banqueiro; este porém mal percebeu o que eu queria, tomou o *Jornal do Commercio* que estava sobre a mesa de seu escritório e me mostrou um anúncio assinado por meu irmão, em que dizia que não seria paga dívida alguma contraída por mim.

Retirei-me desesperado; todas as minhas esperanças tinham falhado, todos os meios me faltavam para obter dinheiro...

Ninguém pode fazer **ideia** da dor que me despedaçava o coração...

Recorri ainda a dois outros amigos que me deviam também somas importantes... Um deles me virou as costas sem me responder, e o outro não me conheceu!

Fixei a minha luneta mágica sobre cada um desses dois miseráveis... Ah! Nenhum deles era mau: o primeiro me voltava as costas cheio de vergonha e de tristeza por não poder me servir, e sem dúvida, quando me viu partir, passou a chorar... O outro, pobre infeliz, afetado de uma doença **cerebroespinal**, tinha perdido a memória; pelo menos foi isto o que soube pela visão do bem.

Perdida a última esperança, sentindo profundo e moralmente mortal o golpe da desgraça, prevendo o raio infalível que ia destruir-me no dia seguinte, pus-me a andar sem destino, mas apressado, quase correndo não sei por quais ruas da cidade; sei, porém, que de improviso parei na esquina formada por duas ruas que se cortavam.

Aproximava-se numeroso grupo de carruagens; quis vê-lo passar.

Era o grupo triste de um finado. Era um enterro.

XXIX

Tive um pensamento que estava naturalmente relacionado com a negra tristeza do meu espírito.

Desejei estudar o cadáver, que ia ser sepultado.

Fixei a minha luneta mágica no caixão.

Eis o que vi:

Primeiro, um caixão de madeira coberto de ricos estofos pretos e de tiras de ouro, dentro um cadáver já em decomposição, fedorento, repugnante... iodo⁸⁴ e pó da terra e nada mais.

Logo depois, a memória das singulares virtudes do finado e... oh!... a felicidade, a incomparável felicidade da morte!...

Eu vi, senti, compreendi a morte, que se apresentou, tal qual é, à visão do bem!

Eu vi a morte — mal julgada, caluniada pelos homens — como sono calmo, suavíssimo, que começa na última dor, no extremo sofrimento da vida, e que acaba ao despertar nas delícias da eternidade; paz sem cuidados, sossego sem a mais leve perturbação — véspera instantânea da verdadeira vida — porta do fim que é luz celeste. Oh! Que gozos na morte! A podridão e o fedor do cadáver em sublime contraste muito de longe dariam **ideia** da pureza e do angélico aroma da alma que se desprende do pó! Que prazeres na morte! O mais vaidoso dos reis sente-se pela primeira vez verdadeiramente grande e exaltado **elevando-se** à esfera onde se encontra igual ao mais humilde e rude dos súditos ou escravos que teve!... Não há dor, nem ânsias, nem doenças, nem privações, nem miopia na imensa e luminosa região da morte! Aquela frieza do cadáver significa esquecimento absoluto dos sofrimentos da vida efêmera e mundana.

Pela morte o escravo é livre, a criança e a virgem são anjos, a senhora é a velha santa, a prostituta é Madalena purificada, o malvado e o criminoso são arrependidos que se regeneram, o desgraçado é feliz, o mudo tem voz, o paralítico voa, o surdo ouve segredos, o cego vê nas trevas, o desgraçado é perfeitamente feliz!...

⁸⁴ Durante muito tempo, o iodo foi utilizado como agente antimicrobiano.

A Luneta Mágica

A morte é Jordão⁸⁵ que lava as culpas...

A morte é glória...

A morte é luz...

Só a morte é que dá princípio à vida.

Eis um pouco do muito que a visão do bem me fez descobrir e apreciar na morte.

O grupo já tinha passado.

Deixei cair a luneta mágica.

Mergulhei em profunda meditação, no estado da minha íntima consciência, no estado novo e extraordinário do meu espírito...

Achei-me consolado, forte, invencível, contente, feliz...

Eu desejava, almejava morrer...

Morrer era começar a viver... e a viver uma vida de delícias!...

Eu acabava de conceber a **ideia** e de abraçar-me com a **ideia** do suicídio.

XXX

Examinei o ponto da cidade onde me achava e logo vi que havia parado para ver passar o grupo fúnebre no lugar que é esquina da Rua dos Barbonos, fim da das Mangueiras e princípio da dos Arcos.

À breve distância estava, pois, mais adiante, a ladeira do morro dantes chamado do Desterro e, desde o século passado, de Santa Teresa.

Mais de um suicídio se tem realizado no alto, e nos desertos abismos daquele monte.

Instintivamente, mas sem dúvida com a **ideia** da morte, dirigi-me para a ladeira, e comecei a subi-la passo a passo, com

⁸⁵ Referência ao rio Jordão, localizado nos territórios de Israel e Jordânia, no qual, segundo a Bíblia, Cristo e seus seguidores foram batizados. Para as religiões cristãs, o batismo significa o abandono da vida anterior e a purificação da alma.

lentidão e **tranquilidade**, com ânimo sereno e com o firme propósito de acabar com a minha vida.

Eu não tinha comigo nem punhal, nem veneno, nem revólver, não levava pois arma, ou instrumento, ou meio de morte, e contudo subia a ladeira com intento de me matar.

A visão do bem me levava à morte.

Eu nunca visitei o famoso Corcovado⁸⁶; ouvi, porém, dizer que lá havia enorme precipício, profundíssimo abismo, no qual a morte era certa para o infeliz que por acaso dele se lançasse.

Se as informações não eram falsas, a ação me levaria ao fim, que temia o acaso ou a sorte.

Não me era, pois, necessário levar comigo punhal, veneno ou revólver: eu acreditava no abismo.

Fui subindo a ladeira **tranquila** e pausadamente, descansando aqui, ali e deleitando-me a ouvir o leve ruído das águas da Carioca⁸⁷, que em alguns pontos do antigo encanamento mandado construir pelos vice-reis do tempo colonial, parecem reclamar do abandono, ou da comparativa inferioridade da administração da nossa época, que vinte vezes por ano deixa o povo em carência de água e diariamente lhe dá água da Tijuca⁸⁸, escura, malcuidada, e não uma tão pura e admirável.

E fui subindo sempre.

A noite era formosa; a Lua cheia mergulhava a cidade em um oceano de luz pálida, mas clara, suave, encantadora e romântica.

Muitas vezes voltava-me para contemplar essa já grande Babel⁸⁹, esse labirinto de ruas que formam a luxuosa capital do Brasil, e me extasiava por minutos no grandioso panorama da bela sebastianópolis⁹⁰ iluminada por milhares de chamas de gás, que simulavam enfeitiçá-lá em noite de festa.

Cada vez que me voltava para a cidade, eu dela me despedia, dizia-lhe o adeus saudoso e melancólico do filho que se

⁸⁶ Morro do Corcovado, ponto turístico do Rio de Janeiro.

⁸⁷ Aqueduto da Carioca, ou Arcos da Lapa. Um canal construído no Rio de Janeiro no período colonial.

⁸⁸ Referência à Lagoa da Tijuca, situada na Barra da Tijuca, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro.

⁸⁹ Cidade muito agitada. O uso é uma referência ao episódio bíblico da Torre de Babel, ocorrido na cidade de Babilônia e relatado no capítulo 11 de Gênesis.

⁹⁰ Outro nome para a cidade do Rio de Janeiro.

A Luneta Mágica

separa da família e que sabe que não voltará mais ao seu lar.

Eu subia sempre; o silêncio da noite era só interrompido pelo latir dos cães que, sentinelas vigilantes, guardavam as chácaras.

Ainda era cedo, mas a solidão era completa; e todavia eu não tinha receio de encontrar algum suspeito ou marginal; receio de quê?... Pobre e decidido a morrer, ria do ladrão, do assassino que me atacasse.

Depois de muito longa marcha ouvi a voz de um homem que caminhava adiante de mim e que cantava uma rude cantiga com acompanhamento de viola, que ele próprio executava.

Apresei o passo e apanhei o cantor.

Era um guarda do aqueduto⁹¹.

Trocamos a saudação de boa-noite.

— Estou no caminho do Corcovado?

— Sim senhor; mas a estas horas?

— É proibido?

— Não; já sei: quer amanhecer lá.

— Adivinhou.

— Pois eu vou dormir às Paineiras⁹².

— Tanto melhor para mim. E das Paineiras ao Corcovado?

— Não há que errar.

Fomos seguindo em silêncio. no fim de meia hora perguntei:

— Por que não canta?

— Gosta?

— Muito.

— O canto anima o trabalho e ilude o cansaço — disse o guarda.

E afinou a viola e cantou outra cantiga também rude e monótona, mas saudosa e melancólica.

No meio da solidão e da noite, o canto do guarda produzia em mim estranha impressão de suave tristeza.

Observei com a luneta mágica por mais de três minutos o guarda, e vi que era pobre, tinha mulher e dois filhos, vivia alegre, e por suas qualidades merecia as honras da Terra e o maior respeito dos homens.

⁹¹ Canal, ao ar livre ou subterrâneo, para conduzir a água de um lugar para outro.

⁹² Estrada das Paineiras, ponto intermediário no caminho para o Corcovado.

Revoltou-me a posição humilde desse homem distintíssimo pela nobreza de caráter e pela santidade do coração.

Quando acabou a cantiga, perguntei-lhe:

— Que pensa da vida?

— Que custa muito viver.

— Não é melhor a morte?

— E minha mulher? E meus filhos?

— É feliz?

— Na medida do possível: se me dessem o dobro do que ganho, eu me julgaria dificilmente feliz durante um dia.

— E por que não dois dias e mais?

— Porque é quase certo que no segundo dia eu desejaria ainda outra vez o dobro do que estivesse então ganhando.

— E não tem aflições?

— Às vezes, sobretudo quando não trabalho; mas em tais casos Luisa deixa a costura e vem perguntar-me o que tenho; os meninos correm para pular ao meu pescoço, e lá se vai a tristeza pelo morro abaixo; ou, se estou só em casa, pego na viola e canto.

— Que pensa dos homens?

— Bem e mal: nem confio nem desconfio e julgo que é melhor não pensar neles.

— Por quê?

— Porque todo tempo é pouco para cada um pensar em si, na sua família, no seu trabalho e nas contas que deve a Deus.

Eu admirava a sabedoria do guarda do aqueduto e compreendi perfeitamente o seu amor, o seu apego à vida pelo encanto da esposa e dos filhos.

Só o egoísta pode desejar as delícias da morte, sendo esposo e pai; eu porém procurei em vão uma noiva, não tenho filhos e posso portanto e devo morrer.

Maravilhado pela conversação, ia continuá-la, quando o guarda me disse:

— Estamos nas Paineiras e aqui nos separamos.

Ensinou-me o fácil caminho que me levaria ao Corcovado, deu-me “boa-noite” e desapareceu, metendo-se por um trilho quase encoberto pelo mato.

XXXI

Lavado de suor e ofegando de cansaço, cheguei finalmente ao alto morro do Corcovado.

A lua brilhava formosíssima, e, consultando o relógio, graças a minha luneta mágica, vi que eram duas horas da madrugada.

Véu escuro de neblina cobria o mundo nos espaços imensos em torno do Corcovado.

Eu estava em pé no trono de vasto país, mergulhado em dilúvio de neblina; compreendia a majestade do meu trono; mas tinha **ideia** das proporções dos meus sentimentos.

O vento frio fazia-me tremer, o ar leve e puríssimo tornava deliciosa a respiração.

Sentei-me; quis pensar na morte e não pude, porque meus olhos se fecharam, e dormi.

Despertei ao primeiro raio do Sol, que refletiu no meu rosto. Levantei-me.

Era ainda cedo para ver o mundo abaixo dos meus pés e em torno do Corcovado.

Passeando pela planície, conversei comigo mesmo.

Morrerei; mas antes de morrer quero ver as grandezas da Terra que deste sublime trono erguido por Deus se revelam e manifestam aos olhos do homem.

Aqui da altura direi o extremo adeus aos meus lá embaixo.

Será o último serviço que deverei à minha luneta mágica...

O último?...

Oh! eu vou morrer, por que não experimentarei a visão do futuro?... Que me importa que se quebre a luneta, quando mais não posso usar dela?...

Foi loucura não tentar a experiência?...

Este novo pensamento dominou-me; fixei a luneta e observei em volta do Corcovado a beleza da natureza.

O nevoeiro se desfez de todo... o mundo se mostrava amplo, completamente sem véus, sem nuvens.

Vi...

Oh! meu Deus! eu não descreverei, não tentarei descrever

o lindo, o belo, o sublime panorama que por todos os lados se abriu à minha luneta mágica, as cidades e povoados, as terras e o oceano, as montanhas e os abismos, os montes e os vales, as torrentes e as pedras, o céu e os campos, a benção e o mundo, a riqueza do favor de Deus e a miséria do descaso dos homens!

Ajoelhei-me e orei.

Levantei-me e ainda uma vez, e outra, e mais dez vezes maravilhei-me na contemplação das majestades da criação que em torno do Corcovado se exibiam...

Tudo era grande, tudo menos o homem que era o gastador e o esbanjador profano dos tesouros da Terra, que Deus lhe deu...

Senti que, para não odiar, desprezava o homem. **Desprezei-me** também; lembrei-me da morte, que tinha esquecido em minha contemplação entusiasmada, lembrei-me também do suicídio e da visão do futuro.

O suicídio era fácil: um abismo estava cavado abaixo de meus pés; atirar-me a ele e não morrer era impossível...

Experimentar a visão do futuro era igualmente muito simples: bastava-me fixar a luneta mágica por mais de treze minutos sobre algum objeto.

Instintivamente me lembrei da capital do Império do Brasil⁹³.

Ter como impressão extrema da vida uma **ideia** dos tempos que ainda virão para aqueles que deixarei vivos era uma ambição arrebatadora; ter por extrema despedida do mundo a visão do futuro próspero da pátria seria a mais suave consolação, se eu pudesse conseguir a visão do futuro antes de suicidar-me.

Fixei, pois, a luneta mágica sobre a cidade do Rio de Janeiro e vi...

Durante os três primeiros minutos: força vital, maravilhas de riqueza do solo do Império, majestade da natureza e em grande número de homens incapacidade, inveja, capricho, favoritismo, vaidade comprometendo tudo, sacrificando tudo, perdendo tudo no culto do egoísmo e de ruins paixões.

Depois de três minutos até treze: a mesma e ainda mais surpreendente riqueza de tesouros naturais do solo, o mais sábio governo do mundo, a população mais moralizada e pura, a constituição e as leis do Império religiosamente executadas, trabalho inteligente, a indústria esplêndida, abundância de ouro,

⁹³À época, o Rio de Janeiro.



SCHLOESSER

profunda instrução em todos, contentamento geral, o céu na Terra enfim...

Além de treze minutos: a visão do futuro... primeiro e de repente imensa e compacta nuvem negra cobrindo todo o horizonte e logo através dela vivíssimo e penetrante raio de luz que me feriu e ofuscou, que me fez recuar e cair por terra, quebrando-se em migalhas a luneta mágica de encontro a uma pedra!

Achei-me em trevas; mas ergui-me de pronto e sem hesitar corri para o abismo e bradando:

— Adeus!...

Saltei o parapeito, lançando-me ao profundo precipício...

Mas duas mãos fortes suspenderam-me pelas orelhas, pelas orelhas me contiveram por momentos no espaço entre a vida e a morte e, sempre pelas orelhas, me tiraram da boca do abismo e me depuseram no chão.

— Ainda é cedo, criança! — disse a voz rouca do homem que me salvou, puxando-me as orelhas.

Reconheci o homem pela voz.

Era o armênio.

Epílogo

I

A suavidade dos ventos, a pureza do ar que banhavam docemente meu rosto e meus pulmões, o vivificante calor dos raios do Sol venceram pouco a pouco a superexcitação nervosa que ficou em mim da tentativa de suicídio, do salto que eu dei e da suspensão no espaço, na horrível boca do abismo.

Estirado no chão e em convulsivo tremor eu conservava a consciência de que vivia pela forte lembrança das sensações instantâneas, mas violentas, que tinham torturado minha alma; primeiro o adeus, extremo adeus deixado ao mundo; depois, dado o salto, o arrependimento súbito e vão; depois o socorro imediato e não esperado; e enfim a esperança, as ânsias e o terror desses instantes supremos, indizíveis em que me achei entre a vida e a morte, entre o suicídio que parecia absorver-me e as mãos divinas que me seguravam pelas orelhas.

Passada uma longa hora, senti que voltavam minhas forças.

Ajoelhei-me e repeti em voz baixa breve oração.

Depois levantei-me e disse, procurando em vão com os olhos o armênio:

— Obrigado!

— Bom sinal! — observou este. — O teu coração **voltou-se** para Deus e, depois de render-lhe graças, a tua voz disse na primeira palavra um voto de gratidão ao homem que te salvou: morreste louco e renasceste ajuizado.

Eu me pus a chorar e chorei longamente.

O armênio voltou, depois de me deixar chorar por muito tempo.

— Criança adoidada: já te puxei bastante as orelhas; jovem infeliz, quero agora consolar-te.

Enxuguei as lágrimas e lancei os olhos quase sem luz para o lado, de onde me vinha a voz do armênio.

Ele riu e acrescentou:

— Adivinhei a tua criminosa intenção e vim aqui salvar-te do suicídio e dar-te nova, terceira e última luneta mágica.

— Oh!... E onde? E quando?

— Aqui mesmo e em breve.

— Que felicidade!

— Vou iniciar a operação mágica.

— Eu a espero ansioso.

— E não tens medo?... Aqui... neste lugar deserto... a sós comigo. . .

— Não.

— Confias, pois, muito em mim?

— Muito.

— Não há confiança sem fundamento que ao menos se suponha seguro, e tu nem sequer sabes como me chamo, o que não me admira, porque nem sabes o teu verdadeiro nome.

— Eu o conheço por armênio, o mais sábio dos mágicos, e sei que recebi no batismo o nome de Simplício.

— Erro duplo! Não há aqui armênio nem Simplício.

— Então como nos chamamos?

— Eu me chamo *Lição*.

— E eu?

— Tu te chamas *Exemplo*.

— Ah!

— Escuta-me.

II

O armênio começou a falar:

— “O exagero estraga os sentimentos, adultera os fatos, desfigura a verdade.

Exagerar é mentir. No mundo há o bem e o mal, como há na vida o prazer e a dor.

Mas o bem é o bem, o mal é o mal como eles são e não podem deixar de ser para a humanidade, que é imperfeita: perfeito bem, absoluto mal não há para ela.

O bem absoluto é Deus; mal absoluto não existe, não pode existir; porque seria o mal sem arrependimento e sem perdão, e, portanto, um limite à onipotência de Deus, o absurdo na verdade eterna.

Assim, pois, acontecimentos, seres da criação, homens absolutamente maus ou absolutamente bons não são possíveis nem compreensíveis.

Estudar o mundo e os homens observando-os pela pequena lente do pessimismo é tão perigoso e enganador como **estudá-los** observando pelo ângulo do otimismo.

O velho **antissocial**, o homem ressentido e rancoroso que, por terem sido vítimas de enganos, de ingratidões e de traições, caluniam a humanidade, na desordem do espírito doente, vendo em todos e em tudo o mal, prejudicam não só a própria, mas a felicidade de todos que se deixam levar por essa medida sinistra que envenena e obscurece a vida.

E no seu erro encontram duro castigo; porque em seus corações e em seu viver mergulham-se na confusão do lodo escuro e infeccionado do mal que **veem** ou imaginam em todos e em tudo; e no furor de enxergar maldades, de condenar e odiar os maus, irão se tornar por si mesmos expulsos da sociedade, selvagens que fogem da convivência humana.

Eis aí o que te ensinei na visão do mal.

Dando-te a primeira luneta mágica, eu fui o que sou: Lição; observando pela visão do mal, tu foste o que és: Exemplo.

O jovem generoso e inexperiente, a jovem moça criada entre sedas, sorrisos e flores, educada santamente com as regras da

benevolência, com o mandamento do amor ao próximo, e ainda mesmo aqueles velhos que nunca deixaram de ser meninos, **veem** sempre a Terra como o céu cor-de-rosa, têm repugnância em acreditar no vício, deixam-se iludir pelas aparências, como ver por lágrimas fingidas, levar por exaltados protestos, iludir por histórias preparadas e dominar pela mentira ardilosa, e **veem** por isso em todos e em tudo o bem — na prática do vício, imerecida infelicidade — no perseguido sempre um inocente — no mal que se faz, na indignidade, na trapaça e até no crime sempre um motivo que é pretexto ou desculpa.

E também esses têm, no erro da sua inexperiência, a sua cruel punição; porque cada dia e a cada passo tropeçam em um desengano, caem nas redes da fraude e da traição, comprometem o seu futuro e muitas vezes colhem por fruto único da inocente e cega fé a desgraça de toda sua vida.

Eis aí o que te ensinei na visão do bem.

Dando-te a segunda luneta mágica eu fui o que sou: Lição; observando pela visão do bem, tu foste o que és: Exemplo.

Escuta ainda, jovem.

Tanto na visão do mal como na visão do bem houve fundo de verdade; porque em todo homem há bem e há mal, há boas e más qualidades, e nem pode ser de outro modo, porque em sua imperfeição a natureza humana é essencialmente assim.

Mas a primeira das tuas lunetas mágicas não te mostrou senão o mal, e a seguinte te mostrou somente o bem, e para mais viva demonstração da falsidade e das funestas **consequências** de ambas as doutrinas, ou preconceitos, as duas lunetas exageraram.

Ora, exagerar é mentir.

Meu jovem, a verdadeira sabedoria ensina e manda julgar os homens, aceitar os homens, aproveitar os homens como os homens são.

A imperfeição e a imprevisibilidade da humanidade são as únicas **ideias** que podem fundamentar um juízo certo sobre todos os homens.

Fora dessa regra não se pode formar sobre dois homens o mesmo juízo.

Cada qual é o que é; cada qual tem as suas qualidades e seus defeitos.

A sociedade que aceite cada homem com as suas qualidades e os seus defeitos, explorando umas e outras em seu proveito.

As próprias plantas venenosas são úteis: a ciência faz do veneno mais violento um meio destruidor de moléstias, regenerador da saúde, conservador da vida.

A educação do homem, que é a base mais importante e essencial da ciência social, pode explorar, em benefício da sociedade, dirigindo-os convenientemente, os próprios defeitos correspondentes às qualidades admiráveis de cada um.

Meu jovem, para te levar à verdade já te lancei duas vezes no caminho do erro.

Erraste acreditando no mal, erraste acreditando no bem, que te mostraram tuas duas lunetas, que exageraram o mal e o bem, exibindo cada uma o exclusivismo enganoso do seu encantamento especial.

Erraste pelo exagero; porque o exclusivismo é o absurdo do absoluto no homem.

Erraste pela exageração; porque exagerar é mentir.”

III

Eu escutei com respeitoso silêncio o armênio, que, tendo descansado alguns momentos, disse-me:

— Resolvi dar-te hoje a mais preciosa, mas também a última das lunetas mágicas que de mim terás.

— Qual?...

— Aquela que te fará gozar a visão do bom senso.

— Oh! A visão da sabedoria...

— Quase.

— Serei feliz... perfeitamente feliz!

— Nem assim.

— Por quê?...

— Porque o homem é o homem.

— Não entendo.

— Porque ainda com o bom senso há ardendo na alma do homem uma chama insaciável, que torna impossível a felicidade perfeita.

— Que chama é essa?

— A do desejo, de desejo que tem mil sobrenomes: amor, glória, ambição, ouro, honras, luxo, gula, vingança... e muito mais que eu não acabaria de dizer nem em duas horas.

— Ao menos, porém, a visão do bom senso não me tornará nem descrente, nem engano do mundo e dos homens.

— E não sofrerás menos por isso.

— Como?

— Pela visão do bom senso reconhecerás onde está o bem e o mal, e mil vezes não poderás aproveitar o bem e livrar-te do mal.

— Mas é incompreensível!

— Para teu pesar serás arrastado para longe do bem e para os precipícios do mal...

— Resistirei.

— Serás o acusador de muitos e o reprovado de quase todos...

— Que importa?

— Os homens te condenarão contraditoriamente, como republicano e monarquista, excêntrico e tolo, ateu e fanático, imoral e hipócrita, orgulhoso e estúpido, beato e demônio.

— Rirei deles.

— Terás pois a luneta; mas será a última.

— Eu a conservarei sempre.

— Irás quebrá-la.

— Conterá ela também a visão do futuro?

— Como, se é a do bom senso? Criança, a visão do futuro não pode ser mais do que uma combinação de possibilidades feitas a partir do passado.

— Então juro que conservarei a luneta do bom senso por toda a minha vida.

— Irás fazê-la em pedaços e intencionalmente.

— Por quê?

— Porque é melhor não ver.

— Oh! não...

— Vou dar-te a luneta.

IV

.....
.....

V

Não posso dizer o que se passou durante meia hora ou mais; porque eu nada vi, nada podia ver, pobre míope quase cego que eu era.

O armênio realizou uma operação mágica não sei como, nem em que altar de cabala improvisado à luz do Sol e no alto do Corcovado.

Ouvi piar de aves, assobios de serpentes, invocações do armênio que me pareciam sair ou do fundo da Terra, ou de profunda gruta, senti frio de gelo e calor de fogo ardente; em seguida reinou silêncio, e em breve o mágico lançou ao meu pescoço um cordão que suponho ser de arame que enlaça a luneta pelo competente anel, onde, como vim a saber depois, estava gravado em letras microscópicas o nome *raro*.

— Fixa a luneta! — gritou-me com sua voz rouca o armênio.

Obedeci e, fixando a luneta mágica, vi diante de mim o mágico melancólico e emburrado e o meu amigo Reis agradável e risonho.

O armênio voltou-nos imediatamente as costas e desapareceu logo, descendo apressado a montanha.

O Reis abraçou-me e disse:

— Aquele homem é irresistível; adivinhou o ato de loucura que o senhor ia praticar e prometeu-me salvá-lo sob duas condições, de que não quis abrir mão: a primeira foi que eu concordasse em ser-lhe dada uma terceira e última luneta mágica, que teria a visão do bom senso; a segunda que eu consentiria em expor à venda no meu armazém lunetas mágicas com a visão do bom senso.

— E o meu amigo...

— Poderia eu hesitar, quando se tratava de impedir o seu suicídio? Prometi tudo; mas consegui do armênio três concessões.

— Quais?

— Que ele faria suas operações mágicas fora da minha casa; que ficaria em sigilo o que o senhor por acaso observasse por meio da visão do bom senso; e que exclusivamente aos meus fregueses e amigos de íntima confiança eu pessoalmente e só eu cederia, vendidas ou doadas, as lunetas mágicas do bom senso, ficando ainda à minha escolha a exigência de segredo, até que provas irrecusáveis do forçado encantamento experimentado por diversas pessoas excluíssem qualquer suposição de crença infantil.

— Portanto o armênio começa enfim a convencê-lo.

— Ainda não; mas é um homem extraordinário. Quer ver? Acertou pelo seu o meu relógio; marcou precisamente a hora em que eu devia chegar ao alto do Corcovado e encontrá-lo, lançando-lhe ao pescoço a sua nova luneta, e eu cheguei aqui exatamente à hora precisa, e no momento em que o armênio alargava com as mãos o cordão da luneta acima da sua cabeça e o fazia logo descer ao seu pescoço!...

— E se soubesse...

— Perdão; saberei tudo depois. Agora precisamos satisfazer a dois interesses, um meu e outro nosso.

— O seu antes do nosso: qual é?

— Promete-me o sigilo, a qual o armênio não se opõe?

— Pela minha gratidão e amizade juro guardá-lo.

— Obrigado! — disse o Reis apertando confiantemente a minha mão.

— E o nosso interesse?

— Não adivinha?... São onze horas da manhã e ainda não almoçamos... Eu apenas tomei café às três horas da madrugada.

— E eu não jantei ontem e estou morrendo de fome. Desçamos para a cidade.

— E lá almoçaremos, jantando.

Andamos alegremente a caminho.

Apesar da fome devoradora que sentia, reconheci que é menos cansativo e desagradável descer do que subir às montanhas, exceto, exceto sempre, mas exceto somente, quando se trata das alturas do governo.

VI

E já lá vai um mês... um mês inteiro de visão do bom senso. Sinto desejo intenso de relatar o que tenho observado; mas estou preso pelo dever de gratidão e pela religião do juramento, que me impõe silêncio.

Quantas lunetas do bom senso terá o armênio preparado magicamente para o armazém do Reis? E este a quantos amigos as terá confiado?

Não posso compreender estas cerimônias e cuidados do meu amigo Reis. Tais escrúpulos são até antipatrióticos.

Se o Reis quer teimar no seu muito prejudicial sigilo, deve ao menos, e embora muito em segredo, oferecer sete lunetas mágicas com a visão do bom senso para uso dos membros do ministério e do governo do Brasil.

Não posso falar, não posso escrever, não posso dizer o que a visão do bom senso me está ensinando há um mês.

Quando o meu amigo Reis me desligar do juramento que fiz, escreverei o livro da *Visão do Bom Senso*.

Mas até lá... segredo.